



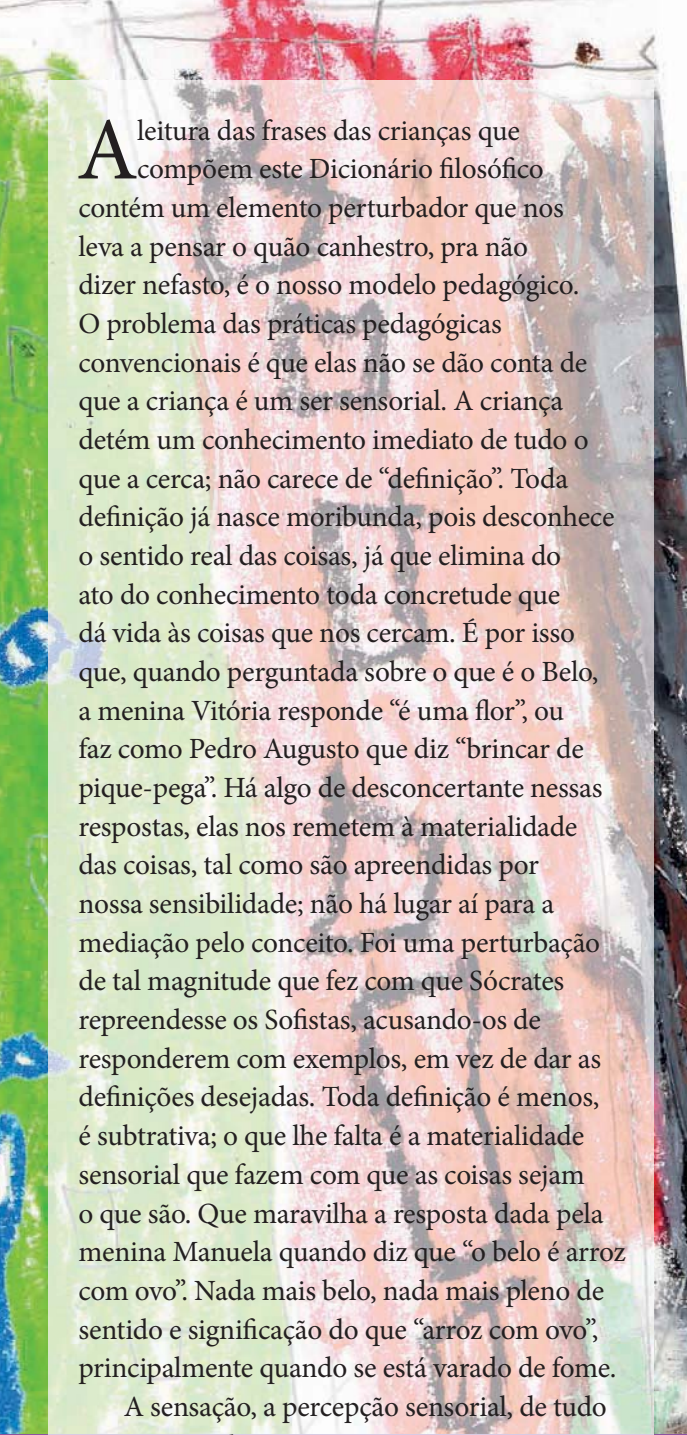
ASSIM DISSERAM AS CRIANÇAS

Dicionário transdisciplinar
ilustrado por palavras filosóficas

ORGANIZAÇÃO
Wallace Lopes Silva
Ricardo Cezar Cardoso
Renato Noguera
Vanessa Florargen
Gabriel Figueiredo Lopes



Hexis
editora



A leitura das frases das crianças que compõem este Dicionário filosófico contém um elemento perturbador que nos leva a pensar o quão canhestro, pra não dizer nefasto, é o nosso modelo pedagógico. O problema das práticas pedagógicas convencionais é que elas não se dão conta de que a criança é um ser sensorial. A criança detém um conhecimento imediato de tudo o que a cerca; não carece de “definição”. Toda definição já nasce moribunda, pois desconhece o sentido real das coisas, já que elimina do ato do conhecimento toda concretude que dá vida às coisas que nos cercam. É por isso que, quando perguntada sobre o que é o Belo, a menina Vitória responde “é uma flor”, ou faz como Pedro Augusto que diz “brincar de pique-pegá”. Há algo de desconcertante nessas respostas, elas nos remetem à materialidade das coisas, tal como são apreendidas por nossa sensibilidade; não há lugar aí para a mediação pelo conceito. Foi uma perturbação de tal magnitude que fez com que Sócrates repreendesse os Sofistas, acusando-os de responderem com exemplos, em vez de dar as definições desejadas. Toda definição é menos, é subtrativa; o que lhe falta é a materialidade sensorial que fazem com que as coisas sejam o que são. Que maravilha a resposta dada pela menina Manuela quando diz que “o belo é arroz com ovo”. Nada mais belo, nada mais pleno de sentido e significação do que “arroz com ovo”, principalmente quando se está varado de fome.

A sensação, a percepção sensorial, de tudo o que nos rodeia é uma provocação para o espírito, é assim que adentramos ao pensamento, somos tragados pela “vertigem do pensamento” como disse Alcebiades no Banquete de Platão. Como não rir quando o jovem Lucas diz que “O corpo é o impedimento marcado”, ou então

ASSIM DISSERAM AS CRIANÇAS

**Dicionário transdisciplinar
ilustrado por palavras filosóficas**

Organização
Wallace Lopes Silva
Ricardo Cezar Cardoso
Renato Noguera
Vanessa Florargen
Gabriel Figueiredo Lopes

Projeto Educacional



Rio de Janeiro • dezembro 2018

ASSIM DISSERAM AS CRIANÇAS

Dicionário transdisciplinar ilustrado por palavras filosóficas

Organização

Wallace Lopes Silva
Ricardo Cezar Cardoso
Renato Noguera
Vanessa Florargen
Gabriel Figueiredo Lopes

Editor

Ali Celestino

Revisão

Luiza Miriam Ribeiro Martins

Projeto Gráfico

Samuel Tavares Coelho

Ilustração da Capa

Idéia de cidade do estudante Pedro Augusto, de 7 anos,
do 1º Ano do Fundamental I (Professora Vivilane Ferreira)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

A864 Assim disseram as crianças : dicionário transdisciplinar ilustrado
por palavras filosóficas / organização de Wallace Lopes Silva...[et al].-
Rio de Janeiro : Hexis, 2018.
160 p. : il. : 23cm.

Bibliografia

Projeto educacional Colégio Divina Providência
ISBN: 978-85-62987-25-0

1. Educação 2. Filosofia 3. Ensino fundamental - Projetos educacionais -
Filosofia I. Título II. Colégio Divina Providência

18-1735

CDD 370.111



Hexis é um selo editorial da **Ali Comunicação e Marketing**

Av. Pres. Vargas, 590/2014, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20071-000

www.hexiseditora.com.br

comercial@alicomunicacao.com.br

ASSIM DISSERAM AS CRIANÇAS

Dicionário transdisciplinar ilustrado por palavras filosóficas

Instituição de Ensino

Instituto de Artes e Ofícios Colégio Divina Providência-RJ/ 2018

Direção Institucional

Professor Padre Francisco Alfenas

Organizadores

Professor Wallace Lopes Silva

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Bibliotecária Vanessa Florargen

Professor Renato Nogueira

Estagiário Gabriel Figueiredo Lopes

Organização dos verbetes filosóficos

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Professor Wallace Lopes Silva

Organização técnica e metodológica do projeto escolar

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Professor Renato Nogueira

Professor Wallace Lopes Silva

Professora Juliana Bernardo

Bibliotecária Vanessa Floragem

Estagiário da pesquisa Gabriel Figueiredo

Coordenação pedagógica e instrucional

Professor Amadeu Dourado

Assessoria pedagógica do projeto escolar

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Professor Renato Nogueira

Professora Juliana Bernardo

Professora Ludmila Duarte

Revisão metodológica do projeto escolar

Professor Renato Nogueira

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Docente regente do projeto de pesquisa escolar

Professora Juliana Bernardo

Professor Wallace Lopes Silva

Estagiário Gabriel Figueiredo

Organização técnica e catalográfica do acervo escolar

Bibliotecária Vanessa Floragem

Transcrição textual e organização dos fragmentos

Professora Juliana Bernardo

Estagiário da pesquisa Gabriel Figueiredo

(Estudante de Filosofia da PUC/Rio)

Organização técnica e metodológica

do dicionário transdisciplinar

Professora Juliana Bernardo

Professor Wallace Lopes Silva

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Professor Renato Nogueira

Bibliotecária Vanessa Floragem

Estagiário Gabriel Figueiredo

Coordenação da tradução e noções etimológicas do Guarani

Professora Sandra Benites

Coordenação da tradução e noções etimológicas do Yorubá

Professor Carlos Henrique Machado Veloso

Professor Renato Nogueira

Coordenação da tradução e noções etimológicas do Árabe:

Professora Giovanna Giffoni

Professor Diogo Bessa

Coordenação da tradução e noções etimológicas do Latim

Professor Marcus Caetano

Revisão ortográfica

Professora Sylvia Helena de Carvalho Arcuri

Professora Giovanna Giffoni

Apoio institucional

- **Afrosin – Afropespectivas, saberes e interseções**

Linha de pesquisa do CNPq

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

- **Laboratório Estado, Sociedade, Tecnologia e Espaço**

IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

- **Projeto Filosofando com sotaques africanos e indígena**

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ



A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Vozes-mulheres

*Professora Conceição Evaristo
(Escritora negra brasileira e Doutora em Literatura Comparada
pela Universidade Federal Fluminense-UFF)*



Sumário

Prefácio: A infância é a causa da filosofia	9
Apresentação :	13
Origamis do pensar aberto: introdução	15
A filosofia e o pensar livre	24
Por que precisamos de filosofia?	25
Caros governantes	26
Ecologia dos saberes: As ideias fora de lugar	27
Palavra: educação pela memória do livro	29
Palavra: uma questão	31
A palavra escultura como forma escultórica	34
A escrita e a palavra no processo de ensino e aprendizagem	35
O caô chamado PALAVRA	37
Adão e a filosofia	38
Palavra e inconsciente: o despertar do pensar	39
Por que Deus é o Verbo? A ideia de criação	41
Narrando sentidos Outros: a palavra como gira da vida	43
Sons, pontes e fendas	45
Xamanismo da palavra na magia do mundo	47
A Palavra e a Poesia	49
O Processo Alfabetizador	50
Palavra como feitiço – armas do jogo da linguagem	53
A evocação do mundo por meio das palavras	55
Geografia: notas de um pensar em movimento	57
Dicionário transdisciplinar filosófico: A – Z	61
Alma	62
Belo	66
Corpo	70
Dialética	74
Ética	78
Filosofia	82
Guerra	86
Humanismo	90
Individuo	94
Justiça	98

Kantismo	102
Liberdade	106
Metafísica	110
Nada	114
Ontologia	118
Política	122
Questão	126
Razão	130
Sociedade	134
Totalidade	138
Universo	142
Virtude	146
Wittgenstein	150
Xamanismo	154
Yin-Yang	158
Zen-budismo	162
Travessias do pensar: Registro fotográfico da ação do pensar	167
PEQUENOS FILÓSOFOS: Nome dos estudantes autores	177
Trajetória dos Professores da Equipe de Pesquisa	183
História da Escrita	
Sinais na noite dos tempos	8
Os primeiros tablets	12
A escrita dos deuses	28
Escrevendo ideias	60
Surge o alfabeto	77
Todos os caminhos levam a Roma	105
A escrita como arte visual	121
A palavra como modo de vida	141
Gutenberg impacta o mundo	153
Imprensa a todo vapor	168
Rumo à inteligência artificial	180
Referências	193

História da Escrita

Foto: Prof saxx, Domínio público, wikimedia.org



Animais pintados na Gruta de Lascaux, um dos sítios de arte rupestre mais famosos do mundo.

Foto: Domínio público, wikimedia.org



Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil.

Foto: Mariano, Domínio público, wikimedia.org



Cueva de las Manos, província de Santa Cruz, Argentina.

Sinais na noite dos tempos

Os ancestrais de todas as formas de escrita são os registros rupestres que chegam até os dias de hoje de um passado oculto na noite dos tempos. Presentes em todas as regiões ocupadas pelos homens pré-históricos, eles mostram formas, cores e assinaturas da ocupação humana. Alguns têm grande beleza plástica e significado de fácil entendimento, outros são apenas grafismos ou entalhes na pedra e em ossos. Eles retratam cenas de caça, guerra e intimidade, visões do cotidiano, cerimônias e animais, e nos dão indicações de como esses povos viviam e quais os seus símbolos.

Os registros figurativos mais antigos datam de mais de 40 mil anos e os pigmentos usados são o carvão, argilas de várias cores e minerais. Eles eram dissolvidos em sangue, gordura animal, ceras e resinas vegetais, clara ou gema de ovos e até saliva humana.

Toda essa expressão artística e comunicação tem origem na necessidade humana de comunicar e registrar o seu tempo, mas ainda não era uma forma de escrita. (O Editor)

Prefácio

A infância é a causa da filosofia

Faz tempo que superamos as visões medievais e modernas do ocidente que faziam das crianças seres angelicais, inocentes e dignas da tutela adulta. Os estudos sociais das infâncias e das crianças atacaram devidamente o adultocentrismo e a adultidade calhorda que está presente em muitas culturas. Foi uma criança que disse, “a adultidade é um perigo”. A menina de 8 anos que disse isso fez duas provocações, uma denúncia e uma pronúncia! Ela denunciou as condições de opressão sobre a qual vivem gente não-adulta, sejam crianças, adultos atípicos ou palhaços. A menina usou palavras, desenhos e expressões teatrais para pronunciar que as crianças querem novos direitos, uma certa ode à “amaturidade”. A imaturidade é uma crítica à ausência de maturidade; a amaturidade proclamada como direito e dever não é uma ausência de maturidade. Mas, assumir que acriançar-se é, ao mesmo tempo, uma decisão e uma dádiva. O acriançar-se está nas pequenas e grandes coisas. Por isso, não falamos de oposição a alguma coisa.

Nos cursos de Filosofia, aprendemos que nunca se escreve contra algo ou alguém; mas, somente contra ideias (prontas e sem força para se manterem de pé). Este livro é apenas contra ideias desarrazoadas. Ou ainda, este livro é contra a tese de que a filosofia teria como causa a maioridade da razão, um maturidade intelectual de uma razão pública e universal. Não nos interessam razões públicas, tampouco as privadas. Interessamo-nos pelas razões infantis, afinal são as únicas que flertam com as verdades mais brincantes, as únicas que poderíamos dizer: são verdadeiras. Ora, este prefácio serve para dizer que a infância é a *causa sui* da filosofia – uma tese que está na escrita poética da filósofa costamarfinense Tanella Boni. Ela ilustrou com palavras as fotografias de Angel Luis Aldai, as ilustrações (poesias escritas) de Boni informaram, ainda que ela não disse isso exatamente e com essas palavras. Mas, do alto de sua razão poliglota falou de uma amaturidade profunda. Nós aqui defendemos a tese que aparece no trecho do samba composto por Arlindo Cruz e Sombrinha, *Falange dos Êres*:

“O que importa é que a gente miúda
Me trouxe ajuda quando precisei
E o que prego nas minhas andanças
Que só as crianças me ditam a lei”

O samba que faz menção direta ao fenômeno religioso católico de São Cosme e São Damião que foi reinterpretado pela Umbanda e, em certa medida, por alguns Candomblés assumindo nuances sincréticas ou de transcrição cultural para retomar as crianças gêmeas criadas por Orunmilá e Iemanjá, ibejis (gêmeos). A cantora Mart'nália interpreta essa música com seu característico timbre e uma alma infantil. Este livro pretende ser uma música inter-religiosa que nos instiga a proteger as infâncias – das crianças e adultos.

Neste prefácio, queríamos – repito a primeira pessoa do plural, porque falo através/em nome/por meio/enquanto “porta-voz” das infâncias que moram nas minhas andanças de estar vivo. A vida é sempre infantil. O adultismo é a morte. Ora, a pensadora fora de série Sophie Oluwole que publicou “Sócrates e Orunmilá: os patronos da filosofia” não deixa de ser uma entusiasta da ciência dos caminhos. Oluwole explica que o filósofo Yorubá Orunmilá, nascido no ano 500 Antes de Cristo em Ilê-Ifé. O filósofo associa amizade à sabedoria com verdade, recomendando que “as sementes da confusão” devem ser alvo de reflexão que as elimine. De modo que possamos fazer o percurso de compreender “o fim de todas as coisas” – tarefa autenticamente filosófica. Essa tarefa de autoconhecimento pode ser melhor realizada por pessoas que vivenciem sua infância. Afinal, em alguns contextos de escolas africanas de filosofia, infância seria outro nome para autoconhecimento nos diz, de modo aparentemente enigmático, Hampâté Bâ quando aproxima as crianças da ancestralidade.

A ilustração por conceitos filosóficos feitos por crianças tem um elemento curioso, são desenhos que operam como catalisadores textuais. Os escritos são explicados pelos desenhos. Daí, os desenhos não são apenas ilustrações; mas, são textos. Uma imagem sempre vale tanto quanto mil palavras disse o estadunidense comunicólogo Marshal McLuhan. Porém, aqui imagens e o dicionário interagem numa relação intelectual responsável entre crianças e gente adulta. Um relacionamento em que gente adulta é capaz de aprender com as crianças. Talvez, porque adultas e crianças são pessoas com uma coisa em comum: a infância. Uma pala-

vra que não foi alvo de investigação, um termo ausente que permanece presente do fim ao início do texto, a infância. Não podemos deixar de inverter e deslocar ideias e conceitos. A infância é justamente a causa da filosofia, nunca o contrário. Por isso, as crianças são integralmente capazes de filosofar. Esse dicionário é um convite para escutarmos as crianças, incluindo aquelas que estão nas pessoas adultas que nos tornamos. Por isso, um prefácio curto e direto. A infância que está em todas as coisas viventes está mais viva e radicalmente florescente nas sombras que as crianças fazem. Por isso a filósofa Angela Davis escreveu acertadamente: “Existe uma evidência incontestável de que há entre crianças um espírito que se recusa a ser subjugado” (*Mulheres, Cultura e Política*, 2017, p. 96). As palavras adultas que seguem são infantis, no sentido mais necessário da palavra: fundar novos mundos. Um sentido um tanto esquecido para o qual seremos convencidos a nos converter por meio de uma profusão profana do que há de mais sagrado no mundo. Por isso, pedimos o óbvio, assumir os cenários da vida como instáveis-cartões de visita para o desafio de nunca nos permitirmos crescer. Afinal, “Com toda a certeza vos afirmo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus. Portanto, todo aquele que se tornar humilde, como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus” (MATEUS, 18, 3). Assim, este livro que segue é um tratado político que desafia as crenças ultrapassadas de que só gente adulta pode dar boas respostas para problemas difíceis. Por isso, este livro é um convite para revisitarmos filosoficamente, a infância que sempre estará viva, ainda que sufocada, em todos nós...

Professor Doutor Renato Nogueira

*Departamento de Educação e Sociedade (DES) da Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ*

História da Escrita

Os primeiros tablets

Os mais antigos códigos que podemos chamar de escrita surgiram há 8.500 anos, na região da Mesopotâmia e na China. É importante notar que a escrita foi desenvolvida por diversas culturas humanas, em momentos diferentes no tempo, mas sempre a partir de uma organização social mais complexa que uma tribo ou bando, o que passa a exigir o registro de quantidades da produção, o deslocamento de pessoas e as trocas comerciais.

“Notas de compra e venda não podem ser registradas oralmente. Por esta razão tão prosaica nasceu a escrita” Georges Jean, *A escrita – memória dos homens*.

Usando placas de barro e talos de cana pontiagudos, os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. As primeiras plaquetas encontradas na cidade de Uruk são listas de sacos de grãos e cabeças de gado, um tipo de contabilidade do templo. Inicialmente os símbolos são desenhos simplificados, pictogramas. Combinando os pictogramas formam-se os ideogramas, por exemplo, um símbolo de mulher junto ao símbolo de montanhas significa

Foto: Osama Shukir Muhammed Amin



Tablet V da Epopéia de Gilgamesh. Museu Sulaymaniyah, Iraque.

Coleção do Museu Nacional do Irã, Teerã



Tablet proveniente da região de Shush, período Proto-Elamita (cerca de 3100-2900 AC), língua indeterminada.

“mulher estrangeira”.

Ao longo de milhares de anos o pictograma vai deixar de designar o objeto por ele representado e seu significado passa a depender do contexto. O progresso definitivo foi fazer os símbolos corresponderem aos sons da linguagem falada: o fonetismo. Foi um progresso lento e complexo, que permitiu a escrita cuneiforme expressar outras línguas, como o acadiano, o persa, o assírio e o babilônio. Foi esta penetração da escrita cuneiforme em diversas línguas que permitiu aos especialistas decifrar seus significados. (O Editor)

Apresentação



é is é o sentido do sinal gráfico que entendi deveria dar por título a apresentação deste trabalho e, ao mesmo tempo, é o que devemos dizer deste trabalho: ei-lo.

Assim, resta pouco mais a dizer de mais essa iniciativa “pedagógica” de meu amigo e colega Wallace Lopes, professor que professa criação. O encanto com o trabalho é marca. A insistência que marca o percurso de fazer da filosofia uma paixão pelo saber é decisão que brota por si. Falo de paixão e não de amar o saber, nunca! Amar é muito pouco! É quase nada.

A marca deste trabalho é a paixão por fazer do conhecimento um nascimento *com*, um nascimento desde os gestos que o real impõe. Nascimento com o que não importa muito. O importante neste trabalho é *com*. A preposição é aqui mais decisiva do que qualquer outra coisa pois ela decide é sempre ser *com*. Neste *com* é que é possível compreender este trabalho como ato apaixonado. Ser-*com* é característica wallaciana. A ação, o gesto de estar-*com* é uma decisão que, neste caso, nunca precisa ser tomada pois é condição da ação pedagógica aqui presentificada.

Acionar desde uma pedagogia wallaciana implica em evitar as prescrições. Seu lema: não prescrever para possibilitar o pensar. Prescrever, nunca!!

Mas o pensamento em sua vertente wallaciana não se comporta desde a linearidade. Não! Dessa forma, seu modo de exercer o pensamento, traz aqui a possibilidade do pensar e decide por fazê-lo desde a forma, talvez a mais prescritiva: **um dicionário**, mas logo um dicionário? É! Isso mesmo!: um dicionário!! Mas logo essa forma regulacional e tão previsível? Isso! Nada além: nada aquém!

Nada mais característico do pensar na vertente frequentada e constantemente inventada e reinventada por esse meu amigo, organizador desta obra: o pensar aparece onde é menos provável que se presentifique: na forma de um dicionário. No entanto, à diferença de qualquer expectativa que tenhamos, este não é mais um dicionário: este é um dicionário-*com*, é um *com*-dicionário, um condicionário, portanto. Ou então... Melhor: este é um descondicionário, um dicionário desde e com: desde o real e com quem se

dispõe a ter algo a ver com este mesmo real. Um dicionário em que as pré-posições dizem de uma dinâmica de constituição desde uma con-dicção e não desde uma condução.

Seria uma obra transdisciplinar? Ou interdisciplinar? Não! Nunca! Este trabalho é condisciplinar, nada aquém, nada além. Condisciplinar é a demanda por uma disciplina em que o dito é dito com e desde, nunca sobre, nem através, nem interno. É com o dito e desde o dito: é assim!

Dizer desde e com: este é, isto é este dicio, este dizer. Esta é a obra que aqui se põe desde uma construção com. Este descondiccio é com muitas e plurais vozes. São muitas e plurais as vozes que aqui condizem e não conduzem. São muitas e plurais as vozes que aqui falam... Ouçam!: Eis a obra! Ei-la:

Professor Doutor Antonio Jardim

Faculdade de Educação UERJ e Escola de Música da UFRJ

Origamis do pensar aberto: introdução

(...) Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas. É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade...

Professora Nise da Silveira

(Pensadora brasileira e médica psiquiatra)

(...) Eu estou pensando há muito tempo em propor o novo tipo de professor. É um professor que não ensina nada, não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação é não ensinar coisas porque as coisas já estão na Internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade...

Professor Rubem Alves

(Filósofo e pensador da Educação do Brasil profundo)

(...) Se os governadores não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios...

Professor Darcy Ribeiro

(Antropólogo e pensador do Brasil profundo)

(...) Cada palavra nossa deve ser um sopro de céus abertos um hálito das alturas infinitas!

Professor Luís Dom Orione

(Fundador da obra da Divina Providência, humanista e pensador da educação)

Os sonhos são matérias quânticas da realidade. Só há realidade, porque os sonhos são nutridos por crianças todas as noites em realidade espaciais e históricas distintas. Nelas temos *o todo aberto* sendo suporte do dançar cósmico da vida. Segundo Guimarães Rosa, poeta e pensador do Brasil profundo: – Um rio é feito por muitas margens...

O dicionário (trans) disciplinar: *Assim disseram as crianças* é fruto do sonhar coletivo e a soma de muitas margens dos estudantes do fundamental I do Colégio Divina Providência, sintetizando uma postura autônoma e ousada de um coletivo de professores pesquisadores com (de) formações diversas agenciadas pela via do afeto em prol de uma **EDUCAÇÃO**: – Crítica pensativa, reflexiva, rica em pluralidades, choque de ideias e pedagogias em contrastes, isto significa pensar a partir das diferenças por uma pedagogia da ação na sociedade. A oficina de filosofia com crianças que tem no conhecimento, a base da ação pedagógica; no trabalho coletivo, a possibilidade de avanços científicos, culturais, tecnológicos e artísticos; na reflexão crítica, o rompimento de concepções pragmáticas e utilitaristas do mundo contemporâneo do mercado; na valorização dos profissionais da educação, a crença na viabilidade de construção de um projeto de mundo, que alicerça a democracia em larga escala que precisa evocar as crianças para o debate da pólis, mas desta vez o espaço é delas. Portanto, este livro nasce de uma experiência escolar empírica, singular e própria, onde tentamos enveredar travessias abissais na afirmação de evocarmos crianças para pensar com e junto aos origamis do pensamento original brasileiro ainda de modo tímido. Por tal razão não se trata de um manual mimético que corresponde ao senso comum. Nesse caso, temos aqui intensos e violentos aforismas filosóficos pensados e escritos por crianças e não para crianças apenas. Ao contrário, as profundas e breves reflexões destes pequenos filósofos exigem um convite do pensar aberto, onde evidencio nossa pobreza educacional mirada num novo fenômeno aplicável da cultura escolar que nomeio de: – **O ENENCENTRISMO**, sistema ideológico e mercadológico do adoecimento da vida psíquica e da falta de busca de interações culturais no mundo bloqueado pela ausência totalitária do pensar aberto, ou seja, inibindo qualquer possibilidade criativa do pensar fora do “entendido item correto”, algo que abala as comunidades escolares no Brasil enfatizando pelo uso da meritocracia.

Dadas essas observações precoces e provocadas, gostaria de propor a criação do **Ministério das crianças** e o **Estatuto integral da imaginação na primeira infância**, isto nos revela a ausência do pensamento da criança em questões da política educacional degradada por ideias atrasadas. O exagero já está posto, a morte da imaginação já é um horizonte dito e gritante por não sabermos usar as tecnologias do pensar. Assim, acredito que não se educa uma geração para os próximos séculos com au-

sência do pensar autônomo e criador neste país. A partir disto, entendo de forma necessária e violenta que o pensamento seja um **ORIGAMI DO ESPIRITO**; exige dobra, paciência, urgência, disciplina, rebeldia e trabalho. Segundo a filósofa negra brasileira Estamira, pensar; – É ir ao *além dos além...*, ou seja, crianças são partículas atômicas do universo estendidas na matéria-mundo e precisam ser germinadas com cuidado e afeto. Não é atoa que as crianças possuem capacidade de entender e escutar a fala dos animais e a fisiologia da alma do mundo, pois elas compartilham as águas de março da mesma totalidade. Universo, espaço, mundo e matéria são embrionários do tecido imaginativo das crianças, são elas que povoam horizontes ainda não grafados na escritura do desenho mundo. O convite ao pensamento produzido por crianças só aparece no estágio quântico do imaginário radial e sendo resultado deste breve ensaio coletivo.

Partindo de algumas afirmativas anteriores devemos enfatizar: – **CRIAR É A ÚNICA POSSIBILIDADE DE MUNDO AUTORAL**. Por outro lado, não temos aqui um trabalho menor feito por crianças, e sim um ensaio original introdutório de Filologia, Estética, Metafísica, Etnologias, Epistemologias das linguagens, Diversidade cultural, História da filosofia e Filosofia da linguagem que nossos pequenos filósofos realizam no trabalho conjunto em sala em busca de novas grafias da aventura da palavra margeada por outras matrizes epistêmicas, quiçá chegarem à universidade com seu primeiro trabalho acadêmico coletivo publicado. Tendo assim, esta responsabilidade do fazer a arquitetura do humano. Neste campo do meu eterno reaprendizado diário com as crianças, vejo que é preciso coragem, humildade e disciplina do espírito para se permitir ser educado por crianças sem modelos prontos e respostas imediatas, pois as mesmas me exigiram generosidade do pensar aberto.

Todavia, um trabalho filosófico, desta natureza, pressupõe qualidade na formação de aspirantes cidadãos constitui um desafio que se projeta para além da perspectiva da intitulação de direitos. Trata-se de um processo formativo no qual, por meio dos saberes socializados, o cidadão reúne as condições necessárias para se tornar forte individualmente, consciente da sua subjetividade e, ao mesmo tempo, capaz de compreender-se como parte integrante da sociedade, com a virtude de pensar e agir politicamente e com autonomia por-se na condição das totalidades.

O projeto educacional: *Filosofia com criança* do Colégio Divina Providência iniciado no ano de 2014, consciente desse desafio, reconhece e

assume sua responsabilidade nesse projeto de democracia, orientando suas ações pelos princípios da educação como direito de todos os cidadãos, da valorização dos profissionais da educação, da garantia de escola plural, do atendimento à diversidade cultural, da gestão democrática, participativa e numa linha dialógica e transdisciplinar ampliada na gestão educacional do professor diretor Padre Francisco que possibilitou o exercício da filosofia em todos os segmentos de forma obrigatória (Educação Básica ao Ensino Médio), gerando uma nova perspectiva de ações pedagógicas na ação humanista do espaço escolar.

No contexto das ações implementadas, o projeto de *filosofia com criança* dessa instituição, destaca-se mediante um cenário de ausência de autonomia crítica através de ações na educação básica com o restabelecimento do Ensino de Filosofia, com ênfase na obrigatoriedade de sua oferta no fundamental I. Assim nossa metodologia do ensino da Filosofia na educação básica se configura em fonte inspiradora de uma nova maneira de se pensar no diálogo em fronteiras.

Contudo, e com o desejo de que o saber filosófico possa contribuir para o aprimoramento da democracia, da educação e formação do ser humano, nós, plenos de satisfação, apresentamos ao público, nossos estudantes do fundamental I com seus aforismas filosóficos que nos alertam para a perda do pensar próprio e original na vida do saber.

O projeto de *filosofia com crianças* visa atender aos anseios dos sujeitos do processo ensino-aprendizagem e melhorar as condições de trabalho no cotidiano escolar, em relação aos recursos materiais pedagógicos e didáticos na abertura de uma nova aventura espacial e gráfica no registro do mundo enquanto nosso acervo da linguagem.

Portanto, nosso interesse busca evidenciar o pensar quântico de cada criança, seu modo próprio e originário preservando o pensamento criativo do ser-criança, verberado na dinâmica do trabalho iniciada no livro: “*TUDO É FILOSOFIA*”: Fragmentos escritos por crianças (2014-2017) com estudantes da educação, onde deixamos inacabado no final do mesmo o fio solto de um glossário de palavras filosóficas reinventadas pelas crianças. Em *Tudo é filosofia*, publicado (2017), tivemos o cuidado de organizar por temas temáticos desenvolvidos no mapa geográfico do pensar-aberto com estudantes que cunhavam suas primeiras formulações filosóficas na construção do pensar o mundo e seu cotidiano de modo inaugural e próprio. Admitindo nossos esforços,

tivemos mais uma vez a coragem de enfrentarmos os desafios diante de uma sociedade que atravessa tempos de obscuridades. Toda sociedade só pode existir, caso consiga por de pé a importância de seus poetas filósofos, músicos, artistas, professores e crianças. Cabe ressaltar, que são estes atores políticos que fazem uma sociedade criar novos horizontes na tentativa de abrir novos clarões para que possa ser habitada qualquer possibilidade de (re) existência. Logo, no início do ano de 2018, mesmo com verbas limitadas atreladas com o projeto de crise da educação brasileira, assumi com responsabilidade a cunhagem de um dicionário transdisciplinar elaborado e desenhado tendo os estudantes do Pré II e do 4º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária 5 aos 10 anos de idade) como protagonistas desse projeto. No volume 1 do livro *Tudo é filosofia*, apresentamos uma metodologia original e criativa que atendesse o agir pedagógico de nossa realidade espacial e geográfica empírica. Não se trata nessa prática escolar de ensinar filosofia ou nome de filósofos, e sim o exercício de aulas experimentais e nossa capacidade de pensar junto com os problemas abordados pela ação filosófica na produção de uma atmosfera conduzida pelo pensar aberto na elaboração desse alfabeto filosófico comentado e em alguns momentos ironizado pelas crianças. A palavra por sua vez no universo das crianças perde seu grau de seriedade dogmática e elas ficam envergonhadas por serem colocadas numa tensão violenta e criativa, revelando-nos o jogo da crueldade contido nas palavras, seu tom mágico, perigoso e bélico. Retornando ao tema deste paradidático construído por crianças: “ASSIM DISSERAM AS CRIANÇAS” dicionário ilustrado por conceitos filosóficos apresentará o movimento espacial e geográfico da aventura gráfica do desenho das palavras em diversas sociedades ocidentais e orientais, e como elas são apropriadas e reinventadas pelas nossas crianças do projeto escolar: Filosofia é coisa pra criança do Colégio Divina Providência que desempenha na sua ação prática e pedagógica a filosofia de Luís Dom Orione na formação humanística e integral na formação, na busca do humano, no exercício do bem.

Nossa perspectiva filosófica dialogada com Dom Orione ressalta a possibilidade plural como tecido educacional das diferenças na construção de um mundo igualitário e humano no sentido pleno da palavra.

Na oficina de filosofia com crianças, formamos o ser para vida coletiva nas diferenças cunhadas pelas desigualdades sociais onde nossa fina-

lidade enquanto educadores é lutar por um mundo da dignidade humana, onde o estudante tenha capacidade de ser livre e ficar de pé diante de suas “escolhas” individuais e coletivas. No Colégio Divina Providência, a Filosofia e a liberdade são molas mestras no nosso caminhar coletivo e autônomo. Por conseguinte, optamos em manter o registro escrito, original e o enunciado de fala verbalizado pelas crianças autoras com seus desenhos. O foco não é inibir o pensar original enfatizado por elas com correções gramaticais.

A estrutura geográfica deste dicionário se desenha com a tradução e noções gerais de palavras e envereda por múltiplas matrizes epistêmicas oriundas do Latim, Árabe, Guarani e Yorubá no território múltiplo do pensar enfatizado pela aplicabilidade da 10.639 alteraram a LDB (lei 9.394/96) que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira. No ano de 2008, a Lei 11.645 alterou novamente a LDB para incluir no currículo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas. Assim, a legislação passou a exigir a inclusão no currículo oficial da rede de ensino à a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Com efeito, o trabalho coletivo educacional se insere e sendo parte do resultado da linha de pesquisa do CNPq – Afrosin – Afropespectivas, saberes e infâncias da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e ao Laboratório Estado, Sociedade, Tecnologia e Espaço da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPPUR/UFRRJ.

Além disto, tivemos a colaboração de diversos professores, pesquisadores e intelectuais de arenas distintas do conhecimento de fronteira: Educação física, Literatura, Antropologia, Biblioteconomia, Música, Pedagogia, Arte, Filosofia, Sociologia, Física, Psicanálise e Teologia na abertura de um pensar transdisciplinar no Colégio Divina Providência. Desta forma, a tarefa do intelectual é construir sonhos, lutar pela sua posição das ideias e levar vitórias para o povo.

O dicionário transdisciplinar na ousadia de abrir novos clarões do pensar-aberto na educação. Neste sentido, nossos estudantes serão pioneiros ao chegarem à universidade com uma formação integral e humanista com seu sétimo livro publicado a partir desta oficina, evidenciando seu percurso acadêmico escolar:

Paradidáticos produzidos pelos estudantes

TÍTULO / TEMA	EDITORA / SEGMENTO
1) Tudo é filosofia – Fragmentos escritos por crianças (*Livro coletivo).	Hexis Editora, 2017.
2) Coletânea de filosofia na educação básica (*Livretos por segmentos).	Editora Estante Mágica, 2017.
A) Por quês? Primeiras perguntas filosóficas.	Segmento: Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental I.
B) Perguntas inacabadas: – Música, ciência e pensamento.	Segmento: 2º Ano do Ensino Fundamental I.
C) A festa de Sophia – Conhecendo os filósofos (as).	Segmento: 3º Ano do Ensino Fundamental I.
D) De onde vêm minhas ideias – Pensamento, música e dúvidas.	Segmento: 4º Ano do Ensino Fundamental I.
E) Os filósofos originários e seus conceitos – Natureza e pensamento.	Segmento: 5º Ano do Ensino Fundamental I.
3) Assim disseram as crianças: Dicionário transdisciplinar por conceitos filosóficos (*Livro coletivo).	Hexis Editora, 2018.

Em contrapartida, o ceticismo moderno do estudante Leandro de seis anos: – *“Quando durmo eu sonho com guerra...”*. E afinal, vamos produzir outros mundos possíveis ainda não sonhados e ditos pelas crianças?

Considerando esses aspectos importantes e urgentes, faz-se fundamental outras matrizes teóricas, metodológicas e epistêmicas descolonizadas e diaspóricas em pequenos haikais, portanto, sejam bem-vindos em nossa nova aventura geográfica e histórica-espacial no território caótico das palavras. Toda criança tem o direito de descobrir a natureza investigativa das coisas.

De tal maneira, creio e enfatizo: – *“Eu fico com a pureza, Da resposta das crianças, É a vida, é bonita, E é bonita...”*

O Que É o Que É? (Gonzaguinha-1988)

Assim, me despeço dos filósofos e fico com as crianças pelo seu saber originário.

Rio de Janeiro, Outubro de 2018. Cordialmente,

Professor Wallace Lopes Espaçólogo.

*Autor e organizador do projeto educacional – Filosofia com criança
do Colégio Divina Providencia – Unidade: RJ.*

Etapas do processo metodológico (Sala de aula como arena do debate)

MÉTODO	EXPERIÊNCIAS DA AÇÃO EM SALA
Pipocação de ideias:	Provocações das ideias Levantamento de questões Deslocamento pelo espaço escolar Debate múltiplo e plural Registro oral e escrito Iconografia (Desenhos e colagens)
Educação espacial e geográfica:	Reflexão da dimensão territorial do corpo espacializado Educação sonora Educação da percepção Educação do silêncio
Linhas de pesquisa:	Imaginação e corpo Linguagem espacial Sonoridades no espaço Lógica (Técnica e organização espacial da escrita)
Estudante:	Ator-sujeito Estudante crítico Estudante autônomo Estudante autor Ser-ético Autônomo-coletivo Consciente-afetuoso
Pausa do pensar: Etapas conquistadas:	Pensamento plural Autonomia e coletividade Potencialização das diferenças Cooperativismo Pensamento autoral Estímulo dos afetos



A filosofia e o pensar livre

Eu acordo todo dia pensando na aula, se eu vou viver e seu vou encontrar com meus amigos para jogar. O ato do pensar é o ato mais livre que o ser humano tem porque ninguém sabe o que você pensa e dentro do que você pensa existe o pensar.

Acredito que o pensar não seja apenas um ato de violência pura, o pensar pode gerar a violência de um assassino do pensar. A filosofia está aqui no mundo para mudar a maioria da vida das pessoas relacionadas ao pensamento. Na questão de resistência eu concordo mesmo que o pensamento sendo livre ele é um ato de resistência mental. Exemplo disto é quando você vai comprar um celular e estando indeciso e pede ao vendedor para te ajudar na decisão do pensar que não é dele e sim o seu pensar por você mesmo.

Então com este texto eu expliquei que o pensamento pode gerar violência se você não se educar com pensamentos filosóficos e resistindo a falta do pensar livre.

Muito obrigado por ler meu texto.

Fim.

Arthur de Oliveira Loth

*11 anos / Turma – 5º Ano do Ensino Fundamental I
(Mantivemos o manuscrito conforme o original)*





Por que precisamos de filosofia?

A importância da filosofia na análise das questões sociais é fácil de ser percebida, pois o conceito de cidadania trouxe contribuições na nossa época, onde o cidadão é considerado como mais um na multidão. Entretanto, nossa sociedade é caracterizada por conflitos e contradições, pensar no homem é importante em diferentes questões políticas sociais, nas diferentes épocas, filósofos pensavam diferente (Aristóteles, Karl Marx e outros), eles tinham ideias contrárias e contribuíram com o nosso engajamento político com inigualável contribuição na nossa democracia deliberativa existente na participação do povo em conceber as leis, formulações políticas públicas na sociedade atual regidas pelo capitalismo excludente.

A socialização não é nada boa para as pessoas tímidas e reservadas. A socialização decorre da existência da realidade do poder, organizações políticas, um exemplo é o abuso de autoridade, pois não podemos permanecer passivos com esse abuso de autoridade.

A filosofia percebe os critérios profundos à altura das possibilidades; a procura da verdade.

Muitas vezes esquecemos que simples ações são capazes de transformar nossas vidas.

A cultura pode nos fornecer esclarecimentos emocionais em cima de componentes, que oferece seus objetivos maiores com a ideia de um povo novo.

Conclui-se, que a filosofia é necessária para formação de uma sociedade mais elevada em todos os sentidos.

Ivan Henrique Assunção Barbosa Filho

*11 anos / Turma – 5º Ano do Ensino Fundamental I
(Mantivemos o manuscrito conforme o original)*





Caros governantes:

- 1) Quero que pare a guerra para não ter a 3º guerra mundial.
- 2) Quero um mundo de paz e sem tráfico de drogas e sem mortes.
- 3) Não quero bombardeio causando mortes.
- 4) Quero mais política e mais segurança.
- 5) Quero que não tenha guerra e mais assaltos na rua.
- 6) Quero pessoas mais respeitosas.
- 7) Quero que tenha mais justiça e mais desarmamentos.
- 8) Quero que as crianças voltem a brincar.
- 9) Quero mais recreio.
- 10) Quero ar puro de verdade.

Rio de Janeiro, 14 de maio de 2018.

Henrique Fernandes Neto

*9 anos, 3º ano do fundamental – Colégio Divina Providência
(Mantivemos o manuscrito conforme o original)*



.....

ECOLOGIA DOS SABERES

.....

AS IDEIAS FORA DE LUGAR

História da Escrita

Foto do Editor



Detalhe de hieroglifos em estela funerária exposta no Museu do Louvre, Paris.

Neste texto, que deve ser lido da esquerda para a direita, está escrito: Palavras ditas por Osíris: grande rainha, perante Osíris. Nefertari, amada de Mut. Note o nome da rainha escrito dentro de um cartucho.

Foto: The Yorck Project (2002)



A escrita dos deuses

Hieroglifo, palavra que nomeia os caracteres da escrita egípcia, significa escrita dos deuses. Ela tem registros em documentos de mais de 5.000 anos, mas sua origem é anterior e foi utilizada até o início da era cristã.

Sua complexidade se deve ao fato dela ser composta por três tipos de símbolos: os pictogramas (desenhos simplificados de grande beleza), os fonemas (que usa os desenhos para representar sons), e os determinativos (símbolos que indicam as categorias de coisas e seres). Era uma escrita muito formal e com o tempo foi simplificada, dando origem ao hierático, mais cursivo e que facilitava a escrita no papiro, e depois para o demótico, mais estilizado e com influência das letras gregas.

A Pedra de Roseta é uma das maiores atrações do Museu Britânico.

O papiro, planta comum nas margens do rio Nilo, deu origem a outra invenção importante dos egípcios: seu caule fibroso permite tecer folhas planas, lisa e de cor clara, próprias para escrever. Esse antecessor do papel era exportado para diversos outros povos há mais de 3.000 anos.

A tradução da escrita egípcia foi possível por conta da Pedra de Roseta, um monumento com texto de um decreto de Ptolomeu V em três versões: hieroglifos, grego e demótico. Em 1822 o francês Jean François Champollion, conhecedor do grego e de outras línguas orientais, conseguiu fazer as primeiras traduções e desvendar a escrita dos deuses. (O Editor)

Foto do Editor



Palavra: educação pela memória do livro

Vanessa Florargen

Bibliotecária do Colégio Divina Providência – RJ

Comumente somos educados para compreender o livro como guardião de memórias, o que de fato é, mas livros são constituídos de palavras e significados. E sobre significados e infância o livro tem muito a ensinar para todos nós.

A partir da historiografia¹ pode-se compreender o desenvolvimento da escrita como metodologia de registro do conhecimento até então produzido por meio da oralidade e/ou de iconografias², como as tão conhecidas e estudadas pinturas rupestres, por exemplo. Entretanto, é interessante refletir sobre a transcrição da oralidade, berço da comunicação no mundo. Tomemos como exemplo uma criança que acaba de nascer, no seu processo de desenvolvimento de hábitos e costumes, os primeiros passos de sua comunicação serão intrinsecamente por três vias: o olhar, o gesto e a fala (ainda que esta seja pelo choro) e somente depois ela desenvolverá sua comunicação falada através da linguagem ensinada. Pois assim foi com o conhecimento, de forma natural, foi produzido e passado adiante através da fala. Entretanto, na Civilização Ocidental, precisamente da Idade Média com novas concepções de mundo e ciência, a oralidade deixa de ter validade científica como principal fonte de informação. Nesse cenário encontram-se os Monges Copistas³, bem no início da Idade Medieval e próximo ao fim, temos o advento da imprensa de Gutenberg⁴ que revolucionou a disseminação e a forma de produção da escrita, através da sua técnica desenvolvida. Se com os Monges Copistas os livros eram escritos à mão, com iluminuras⁵ belíssimas, uma verdadeira obra de arte, Gutenberg revolucionou na metodologia e no tempo de produção do livro, sua invenção é base para possibilitar o mundo editorial que vivemos hoje.

Diante da breve perspectiva da história do livro adentramos à reflexão etimológica acerca dos verbetes “palavra” e “educação”, oriundos do latim, o primeiro pode ser compreendido como parábola, discurso ou fala; já o segundo significa “conduzir | direcionar para fora. Logo, essas palavras se-

guem como direção para o pensamento do livro enquanto memória, compreendendo o eixo de aplicação entre educação e palavra: colocar para fora o discurso.

Neste contexto colocar para fora o discurso infere na prática educativa da liberdade, e liberdade é expressão, fala, aforismo, bem como criadora de memórias afetiva e intelectual, tanto para o educador como para o educando. Uma educação voltada à liberdade é uma infraestrutura de contribuição mútua, correspondendo ao estímulo fornecido pelo educador, onde se abre a janela do conhecimento.

Então se compreendemos o livro não apenas como objeto, mas como um patrimônio cultural, onde ao longo da História tem o papel de salvaguardar memórias e registrar conhecimento, essa obra abarca profundamente os fundamentos etimológicos inerentes à educação e palavra. Aqui faz-se das educadoras palavras, rebuscados significados compreendidos e designados de maneira sábia e eloquente por crianças, o que nos remete à reflexão: o berço da escrita sempre será a oralidade.

1 *Historiografia: campo científico de estudo e descrição da história.*

2 *Iconografia: arte e técnica de representar por imagens. Nas bibliotecas esta sessão é para agrupar obras imagéticas.*

3 *Monges Copistas: eram os Monges da Igreja Católica que tinham como função registrar os conhecimentos anteriormente produzidos no Império Romano e Grego.*

4 *Johannes Gutenberg: inventor da imprensa e da Tipografia.*

5 *Iluminuras: derivado do latim “lumen”-luz. São técnicas de pinturas executadas artesanalmente, muitas destas eram feitas em ouro e prata. Era esta a qualidade da ilustração dos livros.*

Palavra: uma questão

Amadeu Dourado

Professor e Coordenador Pedagógico do Colégio Divina Providência

Substantivo feminino de sete letras cujo significado é: termo, vocábulo, uma expressão. É uma manifestação verbal ou escrita formada por um grupo de fonemas com uma significação. Do latim *parábola*. Um conjunto de sons articulados que expressam ideias e são representados por uma grafia, formada por uma reunião de letras, que quando agrupadas formam as frases.

Quanto poder em uma só... palavra!

Nos primórdios da civilização humana, o homem, com um cérebro muito primitivo, precisava estabelecer comunicação com o seu semelhante. No início, sons, grunhidos ou ainda outras formas pouco elaboradas foram aparecendo para tentar aplacar uma de suas necessidades mais básicas que era se fazer entender pelo outro.

O tempo passou, o homem se transformou e também a sua comunicação. Foram sendo estabelecidos certos padrões para que o processo de comunicação acontecesse, mesmo que de forma ainda muito rudimentar.

As paredes das moradias, as cavernas – o homem primitivo morava em cavernas!!! – foram sendo utilizadas como apoio para que os primeiros símbolos fossem aparecendo e os padrões fossem estabelecidos. As imagens desenhadas, como se fossem uma espécie de fotografias, se é que podemos chegar a tal requinte, eram a forma primitiva e formal de comunicação. Assim, o homem foi evoluindo (será?) e assim criando padrões de comunicação mais explícitos, ainda por meio de formas figuradas. Eram símbolos simples que tentavam traduzir todas as formas de expressão, desde as mais abstratas até as mais complexas. Esses ideogramas traziam apenas uma ideia do que se queria dizer. Imaginem quanta confusão se deu por conta dessas interpretações de tantos ideogramas.

O tempo passou e os sumérios criaram a escrita cuneiforme para tentar sanar todas as confusões que talvez tenham acontecido durante as “interpretações” que aconteceram a partir dos ideogramas. Assim, com o passar do tempo e a transformação e a necessidade cada vez maior de esta-

belecer uma comunicação mais precisa, o homem foi dando nome a tudo aquilo que ele desejava nomear. As palavras foram surgindo e os ideogramas foram dando lugar a uma forma de comunicação mais precisa.

VIVA!!!! A confusão acabou!!! Qual nada.

A evolução do cérebro humano trouxe muita melhoria na comunicação, mas também a tornou mais complexa. Como uma palavra toca as conexões neurais estabelecidas em cada cérebro humano? Eis que surge mais um desafio para o homem e toda a sua racionalidade. Muitos anos se passaram, e segundo Dr. Andrew Newberg, neurocientista da Universidade Thomas Jefferson, e Mark Robert Waldman, especialista em comunicações, que foram colaboradores no livro, *Words Can Change Your Brain*: “Uma única palavra tem o poder de influenciar a expressão de genes que regulam a tensão física e emocional”.

Ou seja, a forma como fazemos uso da palavra determina a reação do outro e até a de nós mesmos. O uso da palavra pode alterar a forma como o nosso cérebro funciona, aumentando o raciocínio cognitivo e fortalecendo áreas em nossos lobos frontais.

O homem através de suas conexões neurais mais primitivas foi “programado” para que esteja sempre alerta, sempre preocupado com a nossa proteção em situações que ele julga perigosas e ameaçadoras à sua sobrevivência.

As palavras afetam a nossa emoção de forma direta. Dependendo da forma como são agrupadas causam os efeitos mais diversos. Palavras negativas aumentam a atividade no centro do medo (amígdalas) gerando assim uma produção de hormônios do *stress* (adrenalina e noradrenalina) que invadem nosso sistema e bloqueiam os processos de lógica e raciocínio e assim seu funcionamento normal fica prejudicado, fazendo com que nossos instintos mais primitivos venham à tona nesse momento. Esses estímulos no lobo frontal se conectam diretamente com o córtex motor responsável por colocar o indivíduo em ação.

Na medida em que o agrupamento de palavras é utilizado de forma positiva, outras áreas do cérebro são ativadas. Ativar o lobo parietal pode mudar a percepção de si mesmo e do outro. Estimulado a ter uma visão positiva de si mesmo, o homem passa a ter também uma visão positiva do outro e vice-versa. Na medida em que esses estímulos vão chegando, uma estrutura importante vai sendo afetada, o tálamo. Esta estrutura vai mudando como consequência de suas palavras, seus pensamentos, sua per-

cepção da realidade. Assim acredita-se que as mudanças no tálamo têm influência direta na percepção da realidade pelo indivíduo.

Desta forma podemos concluir que a palavra tem um poder incrível, ela pode fazer rir, chorar, acalmar, estressar, ferir, curar etc. tudo depende de como cada uma delas toca o ser humano. Os sentimentos gerados através da expressão de cada palavra norteiam a ação do homem. Atingir ou não os objetivos traçados estão ligados de forma íntima à comunicação. A forma de comunicação utilizada, o uso da palavra reflete a ação e o comportamento humano.

A palavra escultura como forma escultórica

Sandro Lucena Pires

Professor de Escultura

A palavra escultura se constrói num espaço imaginário, onde a figura e forma se entrelaçam, enroscando suas personalidades com a do artista, que dança com elas, com suas emoções e habilidades.

A figura e forma são elementos do objeto escultórico, como o corpo e alma, são indissociáveis, sendo a forma o elemento estrutural da coisa, uma geometrização sintética do volume projetado e a figura o elemento visual externo da coisa, que pode ser reconhecível ou não, dependendo da intenção do artista.

Outros elementos também fazem parte deste ritual de criação. A superfície da forma também é um elemento que merece atenção dos que querem caminhar no universo tridimensional.

Diversos tipos de texturas foram utilizados para gerar efeitos variados em toda história da escultura.

O vazio também é um elemento do espaço e como tal, conjuga no universo escultórico de maneira determinante.

Elementos gráficos e cromáticos, também podem ser aproveitados pelo artista.

A escrita e a palavra no processo de ensino e aprendizagem

Juliana Bernardo

Pedagoga e Professora

É sabido que a criança aprende desde que está na barriga da mãe, dados os estímulos e a relação com o mundo exterior. Ao sair para este mundo que nos cabe, a aprendizagem continua até se tornar consciente e daí se dá pelo resto da vida. Em dado momento, com a escolarização, propriamente, a criança se torna consciente desse processo. Cabe deixar claro aqui que o conhecimento adquirido antes da escolarização é tão importante quanto, ou até mais, dependendo da cultura na qual a criança está inserida.

Antes da escrita propriamente dita, qualquer ser humano se comunica através de expressões e gestos, num primeiro momento, e através da fala daí por diante. A fala se torna o principal meio de comunicação do ser humano. Na criança acontece como uma osmose, tudo que ela pensa sai através da sua fala. Antes de todos os moldes e convenções que a sociedade de certa forma impõe, a criança é livre, falar é seu principal meio de externar o que sente, o que pensa, da forma mais natural possível.

O pensamento é como uma matriz, suas filiais são a palavra e a escrita. Onde tudo começa, da forma mais simples até a mais complexa. O pensamento é livre, é único, é individual e privado. Quando a palavra exprime o pensamento da criança podemos tentar desvendar sua percepção de mundo e, assim, traçar novas rotas para nosso ensino cotidiano. Problematicar o mundo e a vida que se vive, problematicar os diferentes papéis que a criança, o ser humano, exerce nesse mundo, essas são tarefas construtivas.

Para a criança, a palavra sai como sua interpretação de mundo. A fala faz com que ela expresse tudo o que pensa da forma mais primária, sem censuras e sem filtros. Quanto mais novas são as crianças, menos impedimentos do que “podem falar” e “não podem falar”. É bastante interessante mergulhar nesse universo de leituras de mundo, essas leituras são as mais variadas: palavras que são usadas frequentemente em seu meio cotidiano e

reproduzidas, palavras espontâneas, comparações entre o real e o imaginário, criações a partir de um contexto pessoal e até falas que consideramos sem sentido, mas que pensando bem têm bastante sentido.

O mais encantador é ter registros dessas falas e poder ressignificá-las para nós mesmos, adultos, como educadores e seres humanos que lidamos diariamente com seres humanos também. E de posse dessas falas das crianças poder reinventar o ensino e a aprendizagem nas escolas. Afinal, nós educamos e somos educados, ensinamos e aprendemos, assim como as crianças.

O caô chamado PALAVRA

Sylvia Helena de Carvalho Arcuri

Professora de Língua Portuguesa-Espanhol

Palavra que não cabe no
pensamento
Nem na folha de papel

Palavra falada, sonhada,
interpretada, imaginada, indignada

Palavra do tamanho do universo
Que alcança o infinito

Palavra diminuta
Como cárie no dente

Palavra Texto
Palavra Filme
Palavra Pintura
Palavra Dança
Palavra Música
Palavra Criança
Palavra Dicionário

Palavra que fica na gente dando
uma pala, uma pinta, um choque
Palavra potente no mundo
da criança
Que interpreta, descobre, brinca
e domina
O verbo como pura adrenalina
E alça o sonho da Palavra que vira

Palavra que pá!
Lavra as frases, as formas
e os discursos

A
R
V
A
L
A
P

Palavra que vra!
Lavra e se torna palavrão

Adão e a filosofia

Diogo Santos

Professor de Filosofia

Ainda nos primeiros dias da criação, Deus faz os animais passarem, em procissão, diante de Adão, para que fossem, um a um, nomeados pelo primeiro homem. Adão torna-se assim o primeiro profeta, o primeiro poeta, e, conseqüentemente, o primeiro filósofo. Talvez, possamos até mesmo dizer, o único filósofo. Não seria ele, como toda criança, o detentor da linguagem primeira em total lembrança, sem qualquer esquecimento? A ele fora dado o verdadeiro saber, única possibilidade de nomear sem amarras, sem tradições, sem ciência e sem qualquer postulado moral. A nós, agora, resta apenas o longo passado cada vez mais longo, dia após dia. Ao viver o dia, o primeiro dia, Adão foi o único a perguntar: “O Sol, então, será que voltará?”

Palavra e inconsciente: o despertar do pensar

Marisol Augusto Seabra

Médica, Homeopata, Arteterapeuta, Analista Junguiana

“**M**arisol, as crianças são mais sábias do que os adultos. Nós prestamos atenção nas coisas bem pequenas”. Assim me falou o Pequeno Príncipe de apenas 4 anos de idade que um dia me visitou no consultório. Sua presença é inspiração contínua para o meu livre pensar. Por meio da palavra, ele me falava de um saber que ultrapassa as margens do intelecto e que nasce nas fontes vivas da alma. Palavra enquanto símbolo fonético que permite a expressão de uma sabedoria milenar, o inconsciente, que nos atravessa com sensações, sentimentos, afetos. Imagens que estimulam nossa consciência, incitando-a a expressar-se. Experiência interna que urge ser comunicada ao outro, seja pela profecia do gesto, do balbuciar, da palavra-som ou mesmo pela escrita. Palavra que profetisa sentimentos, pensamentos, atitudes, relações, projetando o presente num devir inescrutável. Palavra enquanto limite abstraído de um absoluto inexprimível que é a essência da experiência humana.

Engessado no intelecto está todo aquele que julga a criança como uma tábula rasa, desprovida de conhecimento ou pensar. Na criança, conhecimento e pensar são sabedoria inata, livre, desprovida dos moldes intelectuais e sociais, portanto, original. Um choro, um gesto, uma recusa, uma birra, o brincar, são comunicantes de uma realidade interna já em fermentação, são palavras em formação. E então o B e o A são Ba, eis o balbuciar. Surgem o A de Amor, o B de Bola, o C de Casa, o D de Dado, a palavra enquanto símbolo conceitual que expressa a relação entre o interno e o externo. Letras enquanto símbolos, imagens desenhadas sobre o papel, palavras enquanto composição de vários símbolos que em sua união expressam conceitos e ainda assim permanecem símbolos manifestados em papel. Símbolos que expressam imagem, imagem enquanto atravessamento interno e então o inconsciente faz-se verbo e o verbo torna-se realidade objetiva e pronunciável, elabora-se o conhecimento.

O livre pensar exige o respeito àquilo que de fato se é. A coragem de fazer birra diante do socialmente imposto por ausência de correspondência interna, afirmar com veemência a verdade interior. Despir-se de moldes para dar vez à criança divina original. Criança, a fonte da água viva, o livre pensar, o verbo original que expressa a sabedoria milenar do inconsciente e constrói a realidade objetiva pela palavra.

Por que Deus é o Verbo? A ideia de criação

Homero Fraga Bandeira de Melo

Professor de Filosofia

Toda criança pergunta o “porquê” das coisas e, no princípio da vida, uma questão intrincada e bastante difícil é colocada, a da Santíssima Trindade – afinal, como um pode ser três? – “Por que Deus é o Verbo?”

Necessário, então, dizer daquilo que é.

E o que é?

Há muito tempo atrás, (uns dois mil e quinhentos anos já se passaram desde o advento de um dos mais importantes discípulos de Sócrates), o filósofo heleno Platão criou a chamada doutrina da distinção de mundos e nessa doutrina, afirma o pensador máximo do falso que este mundo e as coisas que nele estão dependem do Ser – que, por aproximação, é o Verbo dos cristãos.

Afirma Platão que as coisas deste mundo estão passando, envelhecendo o tempo todo e todo o tempo, e o que mantém sua identidade e nos permite reconhecê-las, mesmo que estejam passando, (o que as fixa no tempo mutante), é a parcela de Ser que lhes é emprestada! Neste sentido, tudo o que existe neste mundo assim permanece por um período de tempo e é reconhecível devido à parcela de eternidade que há no existente. Platão afirma que existe este mundo onde tudo tem início, meio e fim (ou nasce, cresce, se desenvolve e morre), e, outro mundo onde as ideias eternas das coisas possuem existência real e eterna. Mas, isso é uma teoria – e uma “teoria” para um grego é algo quase palpável, pois, resulta do “contemplar” e do experienciar; em suma, uma “teoria”, em sentido platônico, é uma experiência real.

Levando-se em consideração o que lemos acima, o Ser é o Verbo e o Verbo é Deus que cria através do próprio Verbo. Neste sentido, a palavra é criadora. Desta forma, se participamos do Ser de Deus, ou seja: se somos criados à Sua imagem e semelhança, logo o nosso verbo é, também, criador!

Isto posto, podemos criar, através das palavras, um novo mundo!

Podemos criar um mundo mais adequado às nossas necessidades!

O primeiro passo para criar um novo mundo é criar este mundo em nós mesmos usando das perguntas; porém, mudando o nosso enfoque.

Quando perguntamos “por quê” queremos uma explicação sobre – e no mundo das explicações tudo é possível; porém, quando perguntamos “como isto se tornou possível?”, a questão remete a outro ponto e conseguimos ver onde estão os problemas que originaram o estado de coisas. Então, nosso exercício é: “como o ato de criação se tornou possível?” ou “se Deus participa de meu verbo criador, o que posso criar?”

Não há limites para o que se pode fazer na vida – enquanto estivermos vivos; pois, todos os possíveis são possíveis se (e) em nosso espírito houver vontade!

Quando mudamos, realmente, a nós mesmos, passamos a ter uma certa autoridade para mudar a realidade a nosso redor.

Começemos por contemplar o por do sol; lembrando que “contemplar”, originalmente, é “experienciar”.

Boa Viagem!

Narrando sentidos Outros: a palavra como gira da vida

Professor Luís Paulo Cruz Borges

Pedagogo e Cientista Social

*As palavras não nascem no dicionário. A ele são levadas por um sujeito que ocupa um lugar social e que tem uma intenção, na qual estão implicadas as suas concepções de língua, de sociedade, de conhecimento (Passos; Pereira, *Identidade Diversidade*, p. 08).*

Começo este texto-narrativa como griô, que conta oralmente suas histórias para manter vivas as tradições culturais do seu povo. Narrar, neste escrito, sentidos de experiências com a palavra escrita, com o movimento e a própria gira da vida. O olhar para a dimensão educativa da palavra é mobilizador de uma multiplicidade de sentidos à educação.

A palavra *griô* tem diferentes origens semânticas. Em uma versão francesa, *griot* no masculino e *griote* no feminino. Segundo o site da Ação Griô, é na tradição oral do noroeste do continente africano que se entende o griô como um caminhante, narrador, poeta, contador de histórias, genealogista, artista, comunicador tradicional, mediador, político da comunidade, ou seja, um encantador de mundos. Ele/ela é o sangue por onde circulam os saberes, as histórias, mitos, lutas e glórias de seu povo, dando vida às redes de transmissão oral de sua região, suas culturas e ancestralidade.

É preciso ver, rever e olhar a palavra com seus dialogismos, práticas-teorias, saberes-fazeres, enfim, (com)vivência. E nesse movimento, pode-se dizer de um etnógrafo, é que se percebe os locais das culturas que permeiam a educação. A palavra é processo, encantamento, gira... entendida a partir de uma perspectiva de ação, protagonismo e agenciamento em si mesma.

As palavras são espaços-tempos dessa pluralidade de sujeitos e vozes, de narrativas e ideias, de sonhos e lutas. O que existe é o múltiplo que, em

conjunto, educa e socializa, movimentando a própria vida. Talvez seja o professor/poeta, ou mesmo poeta/professor, chamado a ser mediador de mundos para que tais narrativas sejam possíveis e visíveis a todos e todas.

Voltando à ideia de narrativa griô, não terminando, mas abrindo a possibilidade para novos diálogos, em que se vive as experiências da palavra que girando mobiliza vida.

Sons, pontes e fendas

Professor Júlio Paredes

Professor de Música e pai do menino Tom

O útero é a primeira grande perda da criança. O silêncio é a segunda. A partir daí é só encrenca. O único telhado vem de dentro de si: o movimento. É isso que nos salva da extinção. Andar. Com os pés, olhos e pensamento. Buscar um motivo diante das perdas faz do menino um homem. Faz de uma tora um tambor. Aos olhos do Tom, do Bento, do Neném Pé de Bicho e de qualquer outro guri, a música serve de andador. Pra esses meninos, o tempo não passa. Passeia. E toda a balela pedagógica de iniciar musicalmente um desses com um método cai por terra quando o som empírico, muitas vezes casual, chama a atenção desses ouvidinhos bem atentos e ganha eco nos corredores ou dentro dos banheiros cheios de reverb natural. O que se perdeu congela-se, temporariamente, para dar lugar a uma ponte para o experimento. Um planeta não é nada sem uma ponte. A possibilidade do som encanta aqueles ouvidos que estão aprendendo a não ouvir mais os pássaros. Pois tudo que é simples desencanta os adultos complexos. Um texto desses não pode ser perfumaria. É “um pote até aqui de mágoas” por saber que nunca conseguirá dizer que todas as crianças conhecerão os Chicos, os Miltons, os Hermetos e os irmãos Cosme e Damião. A escrita, propositalmente sem parágrafos, atropelada, é uma forma de protesto contra nós, velhos caretas, que somos especialistas em destruir pontes. Como Tom conseguirá emocionar-se com a borboleta que vai pousar no seu braço? Como Bento tocará o seu trompete feito de garrafa pet para o diretor da escola? Como Neném Pé de Bicho vai conseguir comprar comida pra se manter de pé pra declamar seu rap da Central do Brasil? O descompasso social dado de presente a todos esses é o legado de encantamento prometido. Nós, velhos lobos do mar, sentimos falta de tudo, mas conseguimos viver com o nada que sobra. Com a criança é diferente. Ela depende do poema, da corda-bamba. Se lhe damos uma cadeira no momento em que ela está aprendendo a errar ficará sentada pra sempre. Segura e sentada. O moleque não quer começar a pelada ganhando de um

a zero. Ele quer dar ovinho e fazer embaixada. Mesmo que perca. Porque na música não há terra arrasada. Há liberdade de pensamento. Dali nasce o cantor, o violonista e o tocador de caixinha de fósforo. Qualquer tentativa de limitação é uma fenda na piscina. Por uma música mais livre.

Me chamo Julio Paredes, professor de música e músico que teve a chance de batucar no tampo do violão antes de experimentar as cordas.

Xamanismo da palavra na magia do mundo

Giovanna Giffoni

Artista Visual

Xamã, uma palavra. Filólogos investigam. Filósofos questionam. E a criança pergunta: Xamã, o que é que é isso? Xamã, essa palavra.

Xamã é alguém atento ao encantamento da palavra. A palavra chama, ela nos tenta, e a mulher atenta e o homem atento atenciosamente atendem – são os artistas. Mas localizam lá longe a morada do xamã: lá na Sibéria, ou no Japão. Ou na Indochina. Na Cochinchina. Marcamos no mapa, vamos a pé ou de camelo, embarcamos na viagem. Chegamos ao lugar, mas o xamã já não está lá. Não está mais lá... Nem menos lá. Não está só lá.

Alguém disse que o xamã é um mensageiro entre dois mundos, entre os muitos dois mundos que dizemos haver no mundo: o mundo dos homens e o mundo dos deuses, o dos vivos e o dos mortos, o dos espíritos e dos encarnados, dos seres benignos e dos malignos, o terreno e o celestial (e o infernal), o natural e o sobrenatural. Mas existe algum mundo que não esteja no mundo? Existe algo além do natural? Morte e vida não se contemplam ao longo do caminho? Vasto é o mundo, mais vasta, a palavra mundo. A palavra: Palavra. A palavra xamã chama palavra.

Xamã é a palavra xamã é a palavra. A palavra é xamã, mas ela nunca é mensageira, não leva e traz. Palavra é todo o caminho, o percurso cumprido e o fracasso. Palavra é o mundo inteiro, e suas linhas retas e tortas; a naturalidade sobrenatural de seus domínios. A palavra domina o mundo. Não entra em transe: transita e é trânsito. A palavra, sempre entusiasmada. Em torrente de sentidos ela gira. Não para nunca a espiral de ascender aos mais profundos céus lá dos infernos. Girando, girando, em êxtase impermanente. Os sábios tentam parar-lhe o movimento. Os filólogos entontecem; os filósofos entontam.

Tanto! Tão tontos... *Tão ton tos ton tão tos tão tos tan tos ton tão tan tan tan...*

Pois a palavra é mágica, e embaralha na nossa frente os sentidos das nossas cartas. Cai de cabeça pra cima para baixo! Diz o positivo e o negativo. O nome e seu antônimo. Existe o avesso de um nome? E o que diz o seu contrário?

Por isso, atenção ao abrir um dicionário: lá só estará a palavra xamã.

A Palavra e a Poesia

João Vitor Bentes

Poeta e professor de Português-Literaturas.

O poema é uma escultura espaço-temporal, moldado por palavras. As palavras são construções sonoro-imagéticas. Quando evocadas, evoca-se o som e a imagem. Nada acontece, poematicamente, na ausência de tal evocação.

O título deste pequeno texto é *A Palavra e a Poesia*; o que podemos, a partir deste título, falar? Talvez devêssemos nos calar e recitar alguns versos, mas é preciso que tentemos esta fala. Falar do poema e da palavra é pensar algo além do poema e da palavra, como o faz o filósofo e o linguista; se desejamos presenciar o fenômeno poético é preciso que chamemos o poeta – único ser capaz de mostrar a poesia.

Somente o poeta pode falar da poesia (apresentando-a ao mundo); o que o filósofo e o linguista fazem é falar de algo exterior. Aqui talvez sejamos filósofos e falemos de algo exterior ao poema, por isto este pequeno texto fracassa em atingir sua meta – pensar a palavra e a poesia. Iludimo-nos com o fato de que pensamos o que é de nosso interesse, pois o que nos interessa, à medida em que divagamos e idealizamos, cada vez mais se afasta de nós. Somos, portanto, apenas idealizadores.

O poeta é o construtor. É preciso dar voz aos construtores e calar os idealizadores. Calemos o filósofo e o linguista! Ouçamos o poeta! Somente este pode nos mostrar o poema.

Que os poetas continuem criando mundos!

O Processo Alfabetizador

Professora Ludmila Duarte

Pedagoga

Falar e pensar em alfabetização nos leva à reflexão do propósito de alfabetizar em uma sociedade letrada que exige cada vez mais suportes acadêmicos para que o ser possa estar inserido em um processo socializador. E o que significa alfabetizar?

Alfabetizamos para a vida, para o conhecimento, para existir. Quais os tipos de alfabetização aos quais estamos nos referindo? Ao processo educador, que cabe ao ambiente escolar formal ou a um processo de alfabetizar que a escola desmerece em seu ritmo de aquisição de informação? É possível dissociar os olhares que perpassam esse fazer?

O que tenho observado, e diria mais além, vivenciado, é algo alienador do processo de educar, se levarmos em consideração o que a palavra em sua essência deve significar quando estamos à frente de uma classe de pessoas, ávidas por conhecer o universo no qual estão sendo inseridos; primeiro, o ambiente familiar que, se por acaso do destino, mostrar-se desconfortante, levará a situações extremas de amadurecimento e impressões que podem deformar o processo de existir e, em seguida, somos levados, muito cedo, para o ambiente que a sociedade pós-moderna elegeu como ambiente educador: a escola. E o que acontece lá? Vivemos o caos das experiências deformadoras de aprendizado, raro em algumas exceções, que conseguem respeitar o processo evolutivo do indivíduo que está em constituição. O que significa essa constituição tão deslinear, tão específica de cada universo que somos? Abismos para teorias que tentam massificar as formas de aprender e ensinar as descobertas feitas ao longo dos séculos para a construção de uma sociedade mais estruturada no pequeno espaço que ocupamos em nossa posição planetária. Mas como lidar com esses saberes se não os dividirmos em partes, elencando importâncias e desagregando os sentidos que essas descobertas árduas, feitas por homens que sentiram a necessidade de investigar, criar e resolver os problemas de seu tempo, de suas inquietações, estão nos demonstrando? Sim, pois só encontramos saberes quando somos

incomodados pelas inquietações que fazem nossa mente criar perguntas para, a partir dessas necessidades vitais, pois somos criação, conhecer, reconhecer e conectarmos nossas vidas com algo que nos proporciona entendimento e sentido para existir.

Desta forma, alfabetizar ou mostrar que podemos decodificar nossas ideias, pensamentos e abstrações por meio das palavras, e que diferentes códigos foram criados para essa expressão escrita, remete-nos a uma imensa responsabilidade desse descortinar de saberes e entendimentos que necessitam de um conhecimento, de quem se coloca à frente desse processo, como o que ensina ou ajuda a construir pontes, do que se pretende, ao demonstrar o sentido que o jogo de juntar símbolos, que representam sons, nos levam ao ato criador de fazer sentido aos sentimentos, necessidades e consequentemente ao fato de existir!

Antes mesmo de procurar conhecer os processos cognitivos que nos auxiliam nessa aventura de construção da escrita, métodos de ensinar, de levar a, ou de construir juntos, é preciso entender o sentido profundo que esse fazer coloca dentro do espaço de ser, humano. Qual é o sentido que é dado à vida? Qual a expectativa desse, que na maioria das vezes se coloca como ouvinte dentro do processo de aquisição, que eu enquanto sabedor mais experiente vai impulsionar? Quais expectativas estou atendendo ao fazer-me veículo dessa jornada? O que levo de minhas experiências enquanto ser aprendiz e mobilizador, filtro de conhecimentos? Como espero descortinar essa experiência, para aquele que chega, já com algumas impressões do que já experienciou? E entende, em parte, e de acordo com o que conseguiu apreender, dos motivos e importância de ler e escrever, em um ambiente que tantas vezes se mostra fora de um contexto de mundo, higienizado das sensações, dos sentidos múltiplos, das experiências e imprevistos do viver?

Cabe um questionamento sobre o fazer frio e sem implicações emocionais que um ato alfabetizador pode acarretar em quem chega a uma sociedade que atea fogo em seres humanos, que permite a diferenciação entre pessoas, partindo do que possuem e não do que representam, sendo elas parte de um todo e parte de um universo, onde a matéria que as compõe é a mesma que compõe estrelas, astros e planetas.

Não é um pensamento romantizado ou fora da realidade, mas sim um repensar de valores que deve perpassar cada ato humano em direção ao outro. Todo ato transcreve uma bela consequência, somos criação e cria-

dores de mundos e realidades, damos valor às coisas, situações, objetos e pessoas, então como alienar esse existir, com a pequena e frágil desculpa de que alfabetizar não pode transcorrer em um período de anos escolares, e se a todo presente momento estamos nos alfabetizando para estar e ser no mundo? A questão é: para qual mundo? Em quais circunstâncias?

Alfabetizamos para ler números e de modo qualitativo representar equações que nos ajudam a entender nosso lugar e para aquilo que mais nos instiga: como compreender o tempo e espaço que nos envolve? Como encontrar sentido para o que hoje designamos de quantidade em qualidade? Como representar o quanto acumulamos para em algum momento deixar para trás e seguir?

Entendo, então, o processo de apreensão de leitura e escrita como algo que vai para o mais sutil desenvolvimento pessoal que o ser humano pode percorrer para se encontrar no período histórico em que está situado. Para que, a partir dessa concreta abstração, possa contribuir com o seu universo de ideias e pensamentos, à riqueza de recriação de saberes, que nos faz ocupar o espaço que temos e somos, enquanto seres aditivos do processo conhecedor.

Cultura escrita, ou fazedor de escrita, só pode ser apreendida quando ocupamos de fato nossa função conjuntiva de parte e não de solidão.

Palavra como feitiço – armas do jogo da linguagem

Rafael Lemos

Professor de Filosofia e Língua Portuguesa-Grego

Cada palavra exhibe um momento de feitiço: onde-quando a tessitura do sopro toma cor e corpo e se parecia a outro corpo. Feitiço é aquilo que tece o triunfo do ouvido e do falado ante o visto: tente dizer o nome de algo sem nome. Fazer o visto ou o por-vir saltar aos olhos é encontrar coisas distintas em um ponto cego: obra de encanto, força de feitiço: a palavra é articulação – conjuntura? – entre visto e não visto, pista e despistar, ponto cego entre caminho e descaminho, destino e desatino, o momento de dissolução das estreitas margens da razão dá vazão ao imenso arsenal do vento. Desta feita – ou desta feitiçaria? – compõe-se a guerra da linguagem. Destas armas – sopro, coisa e o fio do acontecimento – compõe-se a armação do jogo da linguagem. Afirma-se o real a cada vez que a palavra ilude, ludibria: enfeitiça.

A armação do jogo da linguagem erige-se sempre à margem: neste mundo edificado encontra seu terreno próprio no não: nem recusa nem aceitação, o sopro criador da linguagem não faz concessões nem admite intermediários. A palavra é feitiço quando é capaz de começar – e sempre é capaz de co-mear – o mundo do início. Seu único fim é o próprio feitiço. O jogo da linguagem co-meça quando caçador e presa aceitam compreender-se em uma armadilha ainda por existir. Na guerra da linguagem não há adversos, mas versos. O embate de sopro e coisa só acontece no campo onde ambos deixam de ser fato, mas também não são mentira. O embate é como um jogo de espelhos onde a plateia, o mágico, a palavra mágica e a assistente são um só, mas reconhecem suas diferenças.

Assim, entre o sopro e a coisa deve haver ao mesmo tempo uma unidade, mas também uma multiplicidade: o corpo só incorpora, transborda, quando contrai um nome, o sopro, mas se reserva a não tornar-se sopro, mas manter-se corpo. O sopro – que obra a vida ao barro – trai o corpo por levá-lo aonde não pode ir, o nome, mas se reserva a não tornar-se corpo,

mas manter-se sopro. A articulação dessas diferenças é o momento em que o feitiço se faz, sem que se peça ou demande. É entre dois momentos da razão que reside um momento de espanto, onde os espelhos se viram e a plateia empenha olhos e ouvidos – con-jura – a transformação da assistente (assistente não seria aquele que assiste? quem será o enfeitado por esse feitiço?). Por isto, no jogo de espelhos do real, o sol se levanta todos os dias: mas tente dizer “o sol se levanta todos os dias” sem soprar o acontecimento do sol. Sem feitiço, o fato falha, desilude.

A evocação do mundo por meio das palavras

Gabriel Figueiredo

Graduando do Curso de Filosofia-Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Em meio ao vazio dos sentidos, a busca de entender a fase de ser criança nos dá a sensação de preenchimento de algo que ficou para trás. A nossa formação social de forma bruta, violenta e proposital nos separa desse pequeno espaço de tempo em nossas vidas que não há como resgatá-lo. Com isso, não temos mais direção de como evocar esse mundo, do qual nossos sentidos já não dão conta. Foi-nos arrancada a sensibilidade natural que tínhamos para entender esse mundo e nosso sentido existencial. Acredito estar no ponto da sensibilidade à evocação do mundo, e isto é o que a criança nos ensina.

A evocação deste mundo dá-se por meio de palavras e suas necessidades. O ouvido da criança está atento a tudo que está ao seu redor, por isso do ouvido ser uma das partes mais sensíveis de um bebê. A palavra e sua necessidade precisam ser escutadas pela criança, seu significado tem que ter sentido para ela, é o clamor da palavra. O escutar é também o observar das coisas. Ao estar atenta ao todo, as coisas se dão por meio das palavras, ou seja, o mar fala, a pedra fala, os pássaros falam, os cachorros falam e assim se segue. Sem a palavra não há contato com este mundo, seria então a palavra o toque da criança no mundo. As crianças nos indicam um modo de estar atento a este mundo, ouvi-lo e responder. As dúvidas surgem porque os objetos falam para elas, e assim se tornam necessárias as respostas.

As palavras são caminhos de contato com o mundo por isso da sua sensibilidade. Tudo, enquanto criança, está ligado, não há nada fora do todo para ela. Por isso que as palavras são respostas e perguntas, são ouvidas e repetidas, são vistas e pensadas, são aproximação e distanciamento. O mágico do mundo e seu encantamento com ele está na linguagem que ele produz. Linguagem essa que é visual e verbal, à qual apenas a criança está atenta. A palavra enquanto uma evocação desse mundo está relacionada

diretamente com o mesmo. A criança fala porque as coisas falam, porque as palavras estão soltas nas paisagens, porque as palavras se dão de forma natural. A evocação do mundo dá-se mais pelo escutar e observar, do que simplesmente pelo falar. Entender a criança é abrir a possibilidade de uma perspectiva de evocação e aproximação nossa com o mundo.

Geografia: notas de um pensar em movimento

Alberto Luiz Alberto Vieira

Geógrafo e Professor de Geografia

A Geografia, enquanto uma “ecologia de saberes”, é anterior às escolas formais de pensamento. Os registros, as imersões, as rotas de caça, o uso da pedra, o nomadismo, o sedentarismo, os movimentos humanos e naturais produziam expressões, grafadas na superfície terrestre, por meio das quais se fez possível compreender e apreender uma memória da Terra pela história do Homem.

A sobrevivência e a imaginação, entre a existência e a criatividade na resistência do reproduzir, formam perspectivas/olhares que determinam e caracterizam um objeto de interesse, de questionamento. A Geografia apresenta-se como germe, um saber espontâneo para entender-se o corpo em movimento no assoalho, no chão, sobre o qual o indivíduo e os povos produzirão riscos e rabiscos, estruturas e símbolos, tensões e conflitos.

Do habitat ao Espaço Geográfico, da antiguidade à contemporaneidade, do passado nômade às relações de poder modernas, inscritas e enclavadas em conjunturas distintas, dentro das quais há uma essencialidade simples de marcar-se no espaço-tempo, a Geografia apresenta-nos um amplo leque de perguntas e conceitos para o entendimento do real em curso. Nesse sentido, em meio a uma constelação de noções e conceitos, o Território talvez seja aquele que mais concerne à Ciência Geográfica o seu caráter polissêmico, multidimensional, multiescalar e transdisciplinar:

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deveria incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir das relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a

Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (HAERBAERT, 2004)

O Território, em quaisquer acepções e perspectivas, está diretamente relacionado ao poder. De Friedrich Ratzel, expoente da Geografia Tradicional alemã, que o compreendia na dimensão do poder do Estado Nacional, aos pensadores da Geografia Crítica ou Radical, que, ao romperem com uma Ciência Geográfica voltada ao domínio dos Estados Maiores e suas aristocracias e oligarquias de pensamento e gestão, veem o Território como espaço vivido, apropriado por e a partir de relações de poder multiescalares, para além da institucionalização política, de grande carga simbólica e de alta complexidade sociocultural.

A vitalidade da noção de território que o caracteriza como espaço vivido, advindo do pensamento de Henri Lefebvre, tomada de símbolos e de diferentes graus e tipos de apropriação sociedade-espço, está na possibilidade de tê-lo, sempre, em manifestações e costumes, em movimento ou em fixação, bem como em redes e articulações, socioeconômicas e politicamente subterrâneas hegemônicas, que se *des-re-territorializam* e estão em constante tensão ou conflito. O território assume, portanto, em diferentes relações, um duplo caráter, funcional e simbólico, visto que há o domínio, o poder, sobre o espaço tanto para realizar “funções”, numa lógica do sistema dominante, baseado no “*valor de troca*”, quanto para produzir “significados”, construído por múltiplos sujeitos e seus diferentes pesos, como os grupos excluídos, comunidades quilombolas, movimentos sociais e as expressões de apropriação do espaço produzidas por um “*valor de uso*”.

Do território, ou da compreensão dele a partir da perspectiva acima, emerge a noção de territorialidade, pensada e entendida de forma mais ampla e flexível do que o próprio conceito do qual deriva, podendo ser vista enquanto imaterialidade (controle simbólico, imaginado), quando o território é tratado em sua concretude, e enquanto dimensão que remete à identidade territorial. A territorialidade, portanto, pode ser reflexionada para além da lógica da apropriação para e pelo poder. Não está relacionada,

apenas, a expressões de ordem e controle territorial. Pode ser considerada uma estratégia, (in)consciente, de (re)significar, dotar e (re)criar o nosso ser-estar no mundo, nossas experiências e, possivelmente, em movimento, nossas (re)territorializações.

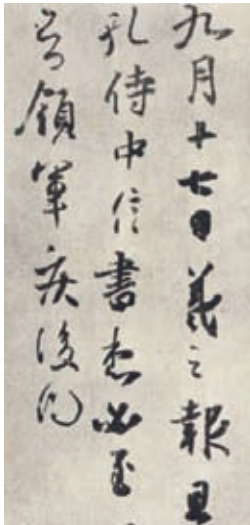
Diante desse breve quadro conceitual, é possível perceber que a Geografia, transbordando o seu caráter científico, desperta diferentes e densas expressões e percepções cognitivas, sensoriais, afetivas, conflitivas e emocionais. Como saber vivo, a Geografia depara-se com a necessidade de re-pensar o produzido como estruturais (re)ativas, a partir de trocas constantes com o Homem que as costurou, entre o real e o simbólico, entre as rugas do passado e as inovações do presente, bem como os fixos e os fluxos garantidores das dinâmicas sociais, por exemplo.

História da Escrita

Escrevendo ideias

Os caracteres chineses formam o sistema de escrita mais antigo ainda em uso. Ele é formado por logogramas e é de uso corrente na China, Japão e Singapura, e de uso histórico na Coreia e Vietnã. Cerca de um quinto da humanidade escreve com os sinogramas.

Domínio público, wikimedia.org



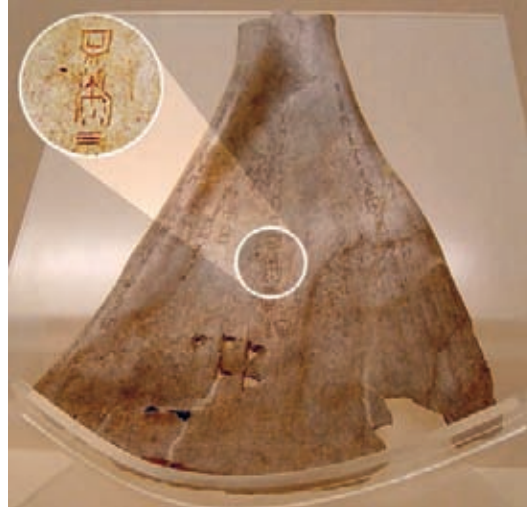
De uma carta de Wang Xizhi (303 - 361).

Sua origem remonta a mais de 4.000 anos e uma versão lendária da história atribui sua invenção ao sábio **Cangjie** (ou **Tsang-kie**) em 2.650 a.C. Os vestígios mais antigos receberam o

nome de 'escrita oráculo em ossos', por aparecer em ossos de bois ou cascos de tartarugas, alguns com mais de 8.600 anos.

Por ser uma escrita ideográfica e não fonética, os mesmos sinais podem ser lidos por pessoas que falam diferentes idiomas. Na China, além do Mandarim, língua falada na região de Pequim, há o Wu, Yue (Cantonês), Min, Xiang, Hakka e Gan, todos falados por milhões de pessoas em diferentes partes do país. O chinês é uma língua analítica

Foto: Herr Klugbeisser, de.wikipedia.org



Oso oracular leva as inscrições divinas. China - dinastia Shang.

e atônica, ou seja, não possui flexão verbal. O dicionário de Kangxi (1761) lista mais de 47.000 sinogramas, sendo de 3.000 a 4.000 de uso mais frequente.

Além do pioneirismo na escrita, a China também inventou o papel, em 105 d.C., a tinta nanquim, a serigrafia (impressão com telas de seda), e a impressão com tipos móveis de madeira. No século XI o inventor **Bi Sheng** aperfeiçoou a impressão com tipos móveis de cerâmica e prensa. (O Editor)

Período	Sol	Lua	Fogo	Água	Ovelha	Cavalo
Do Século 17 antes de Cristo	☉	☾	☲	☵	☶	☷
Do século 11 antes de Cristo	☉	☾	☲	☵	☶	☷
Do século 4 antes de Cristo	☉	☾	☲	☵	☶	☷
Do século 2 antes de Cristo	日	月	火	水	羊	马
Do século 2 depois de Cristo	日	月	火	水	羊	马

Os pictogramas originais sofreram alteração com o passar dos séculos, dificultando o reconhecimento dos objetos representados nas figuras originais.

.....

DICIONÁRIO TRANSDISCIPLINAR FILOSÓFICO

.....

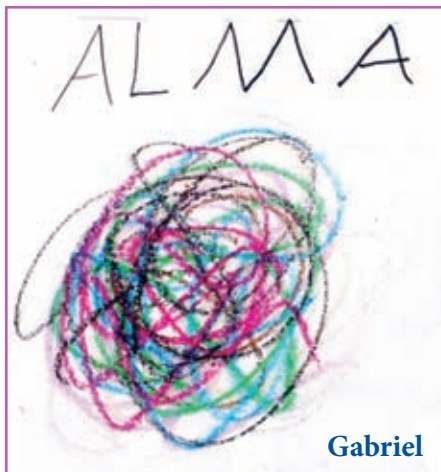
A - Z

*O hieroglifo é a raiz necessária do caractere.
Todas as letras foram, em sua origem, signos
e todos os signos foram, primeiramente, imagens.*

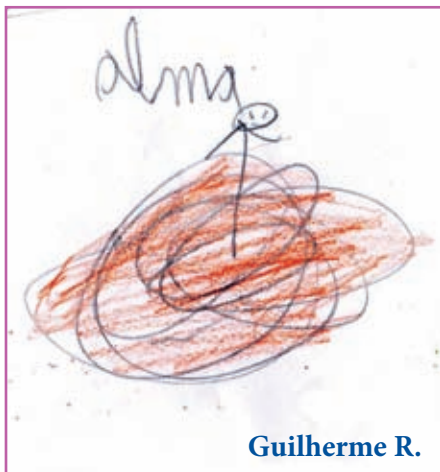
*Victor Hugo
Carnets de voyage*

Nota do Editor

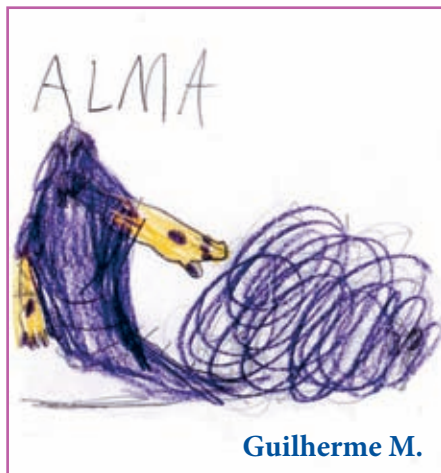
Como está colocado pelo organizador nos verbetes, gostaríamos de evidenciar a total autonomia da fala dos estudantes neste livro. Optamos por manter uma transcrição original para preservar suas singularidades, sem revisão gramatical de seus textos ou juízo moral de certo ou errado.



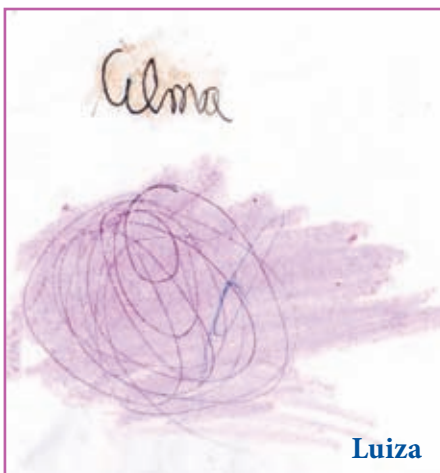
Gabriel



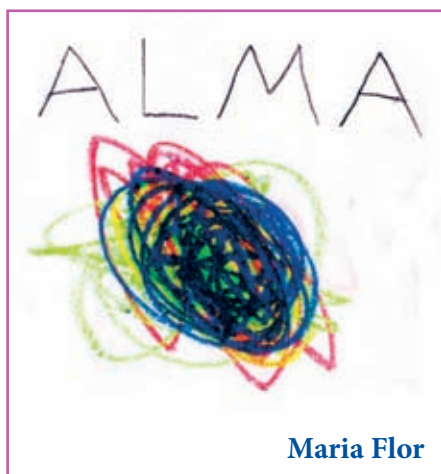
Guilherme R.



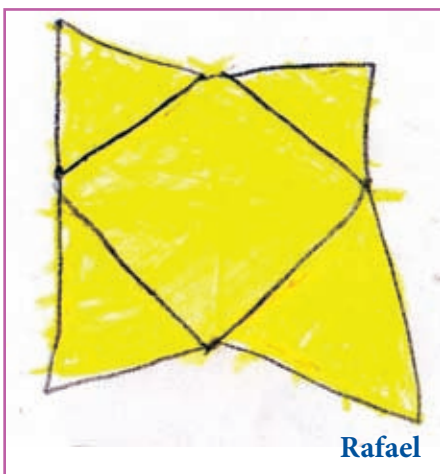
Guilherme M.



Luiza



Maria Flor



Rafael

ALMA.....A, a.

Panorama geral

Alma – expressividade fundamental da vida, ela vital e conjunto de forças e multiplicidades. A totalidade de manifestação por via da poética da existência do ser. Ritualidades, crenças, religiosidades e fé. Unidade total do xamanismo do mundo e das pedras. A terra fala e se transborda de vida e alma permeada por ideias. Intimidade do ser mergulhada no corpo transbordado de afeto. Animação do mundo na véspera do concreto. Inundação do ser-total e singularidade original de nosso mistério. Existem momentos em que a alma se carnaliza de corpo para obter experiência totalizada pela matéria. A alma emana o encontro do divino com o profano numa relação poética e estética. Alma vibra diante do destino instável da aventura da vida.

Fique sabendo

“O ser real e realmente imortal que nós somos chama-se alma”, diz Platão. Assim, a alma é o próprio homem, que habita um corpo mortal. Sendo imortal, essa alma, que viveu e viverá sem corpo, tem uma origem supraterestre e cuja vocação a orienta para um destino divino.

Alma: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Alma (angue) – Alma para os guaranis como se fosse apenas uma sombra, a pessoa Guarani entende que a alma existe na pessoa, depois da sua existência na terra, portanto quando a pessoa morre, a alma da pessoa fica por essa pessoa que viveu. É diferente do **Nhe'ẽ** (espírito) da pessoa (**Nhe'ẽ**). Têm vários sentidos das palavras **nhe'ẽ**, palavras são entendidas como espírito, ser, vida, palavras, falas, som que vem do **py'a**, traduzindo literalmente ‘do estômago’, que fica no peito, que nós Guarani chamamos **nhe'ẽ rapyta**, a base fundamental de **nhe'ẽ xe** **nhe'ẽ porã**, que significa ‘falei bonito’. Palavra **nhe'ẽ**, que, como já disse antes, tem sua complexidade e, portanto, **nhe'ẽ** é fala de momentos específicos, como na casa de reza durante a fala religiosa, quando se trata de ser espírito e, também, para explicar a importância da origem do nome e de seu significado.

Segundo **xe djaryi** (minha avó), **nheẽ** é o que vem do amba e quando uma pessoa morre, o **nheẽ** volta para o amba de onde veio. Deste modo, o **nheẽ** da pessoa que morreu pode voltar. Por exemplo, eu acredito que o **nheẽ** do meu sobrinho que faleceu voltou sobre meu filho caçula e voltou para mim. Para os Guaranis não é apenas a escrita, é a vivida; nem sempre palavras e fala com emoção passam para a escrita, podem ser escritas. Há uma limitação, envolve **arandu** (conhecimento) para abordar assuntos específicos de forma compreensível. Partes do **arandu** dos Guaranis são impossíveis de traduzir, porque tem conhecimentos que só podem ser compreendidos quando vividos.

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Alma – **Èmí** (Vida – representada pela respiração); **Okàn** (coração – espírito, consciência)

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Nafs (نفس), subst. fem. Palavra que em árabe designa o conjunto de forças que animam o corpo. Assim, ao conceito **nafs** correspondem os sentidos externos (visão, audição, tato, paladar e olfato) e os três mais gerais sentidos internos (ou do intelecto): senso comum, imaginação e memória. Também é responsável pelo movimento dos corpos, desde o desejo/vontade (estímulo) até as consequentes respostas motoras do sistema nervoso. Entendida como indissociável do indivíduo, da vida que o anima, a palavra **nafs** também tem o sentido reflexivo de “si mesmo” (o self, do inglês).

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **Anima**, quer dizer, antes de tudo, sopro, ar, emanção. Para os romanos, apenas os seres vivos possuíam alma, porque respiravam. Esses seres que respiravam eram chamados **animalis** (palavra que deu origem à nossa “animal”). Dessa forma, já se entendia que a força motriz de todo ser vivo era o ar, o sopro. É equivalente ao termo grego **psychê** (psiquê), que deriva de um verbo grego que quer dizer soprar, respirar. Posteriormente essas palavras recebem usos filosófico-religiosos que desembocam na complexidade e na multiplicidade de possibilidades de se entender o conceito alma. Porém, de toda forma, vale lembrar que os antigos entendiam tanto **anima** quanto **psychê** relacionados diretamente ao ato de respirar.

História da grafia no tempo-espaço (Letra A)

Latim	Grego	Fenício	Tibetano	Egípcio	Cultura Maia	Tupi-guarani
A	A α			 alp / boi	 A	Ara = ar

Alma: Interpretação das crianças

“É o que tá dentro da gente...” **Zeus**

“Só a light que tem luz própria...” **Lucas**

“É o que vem dentro da gente...” **Lucas**

“É o que tem dentro do coração...” **Leandro**

“É o elemento de nosso corpo...” **João Pedro**

“É o que tem dentro de nossa vida pra gente viver...” **Bernardo Rocha**

“Viver com a alma...” **Davi**

“É o nosso cocô...” **Nilton Henrique**

“É a nossa vida...” **Théo**

“Sei nãoooooo, mas é algo estranho, sei láaaaaa...” **José**

“Se não tivesse alma não estaria vivo...” **Zeus**

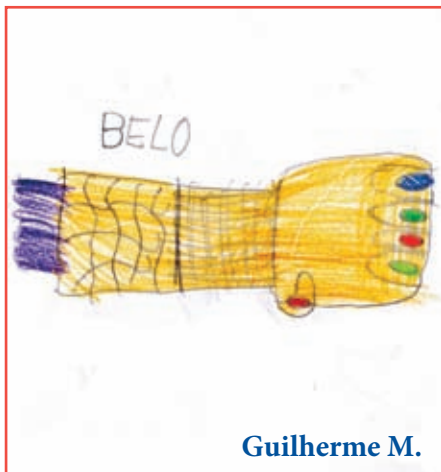
“A alma é nosso espírito, ai se você morrer a nossa alma vai pro céu...”

Nilton Henrique

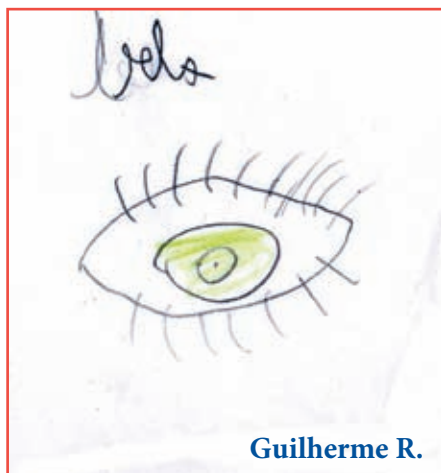
Registro de falas dos estudantes do Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 5-7 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, anotadas pelos Professores Juliana Bernardo e Wallace Lopes / Colégio Divina Providência – RJ: 21 de Maio de 2018.



Gabriel



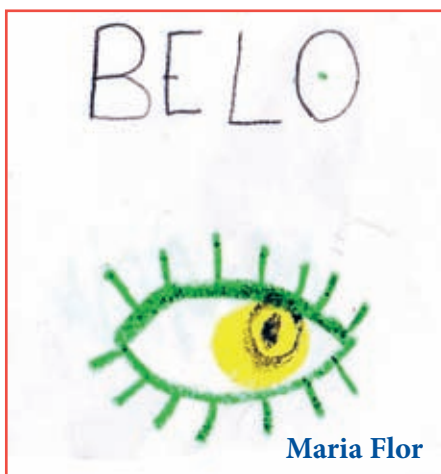
Guilherme M.



Guilherme R.



Luiza



Maria Flor



Rafael

BELO.....B, b.

Panorama geral

Espanto admirável, contemplativo, harmônico, abertura de horizontes, sensibilidade, perfeição e idealizado. Experiência totalizada do ser mediado por uma experiência estética. É no detalhe, no olhar que a violência da beleza necessita da nudez do mundo em caráter do que é belo. Só o que é durável na eternidade é o chamamento do belo-total. A radicalidade da beleza se faz por meio da experiência sensorial.

Fique sabendo

“O Belo é o que satisfaz universalmente e sem necessidade de conceito: finalidade sem fim”, Immanuel Kant. Donde, finalidade sem fim significa aquilo para o qual tende o espírito e que o satisfaz plenamente, sem necessidade de raciocínio ou explicação.

Belo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Alma – (Porã)

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Belo – Beleza – Ewà; Òsó

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Jamāl (جمال), subst. neut. Etimologicamente ligado ao sentido de completude, totalidade, jamāl é o substantivo beleza, o conceito de belo e a própria tradução para o árabe do campo filosófico da Estética (**Falsafa Al-jamāl**, filosofia da estética). Associado à ideia de perfeição e de divino entre os pensadores gregos, belo/beleza (**jamāl**) partilha a mesma raiz, sendo quase um homônimo, da palavra camelo (جمال **jamal**), o que nos indica a importância desse animal para os povos nômades que habitavam e até hoje habitam a Península Arábica, onde a língua árabe tem origem, e uma outra visão sobre o que seja perfeito.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **bellus**, compartilha a mesma origem etimológica que outra palavra latina, **bonus** (bom). Enquanto **bonus** refere-se a características tidas pelos romanos como masculinas, tais como: coragem, valentia, bravura, virtude, honestidade etc.; **bellus** refere-se a características físicas das pessoas ou objetos. Diferentemente do culto à beleza que os gregos possuíam, os romanos prezavam características outras, como as já aqui citadas chegando ao ponto de na época clássica usarem a palavra **bellus** para se referir a homens de forma irônica. Na Grécia Antiga, **kallós** era a palavra para belo, e **agathós** para bom. No entanto, seus usos e significados eram semelhantes, senão idênticos em várias situações, porque para o grego ser bom (isto é, estar de acordo com as virtudes gregas) e ser belo eram a mesma coisa.

História da grafia no tempo-espaço (Letra B)

Latim	Grego	Fenício	Armênio	Bengali
B	B β	𐤁	Բ	বি

Belo: Interpretação das crianças

“Uma flor...” **Vitória**

“É uma pessoa muito bonita...” **Noan**

“É uma coisa bonita, muito legal, pra você admirar, amar e adorar deus...”

Leandro

“Sou eu mesmo, porque tenho olhos azuis, boca, sapato bonito e também sou estiloso...” **Bernardo Rocha**

“Um monte de gente não acredita que é belo...” **Bernardo Ferreira**

“Nossa mãe é bela...” **José**

“É pessoa, uma coisa de comer...” **Marcela**

“A nossa mãe e a mãe de jesu ...” **Noan**

“Vestido, colar, pulseira, anel e brincos...” **Julie**

“Meu pai...” **Davi**

“É se achar bonito ...” **Alice**

“Algumas pessoas acham que algumas coisas não são belas, só elas...” **Zeus**

“O mundo inteiro é belo, porque todo mundo pode fazer tudo, ir ao parquinho, trabalhar nas férias...” **Théo**

“Amor, amizade e carinho...” **Bia**

“Brincar de pique-pega...” **Pedro Augusto**

“Amarelinho é divertido...” **Tito**

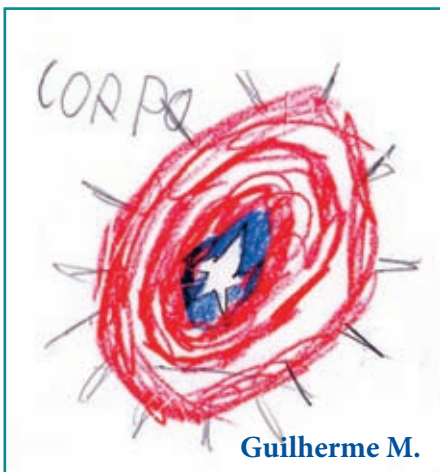
“É um carro de corrida na pista...” **João Marcos**

“É brincar de boneca, pique-pega...” **Júlia Rodrigues**

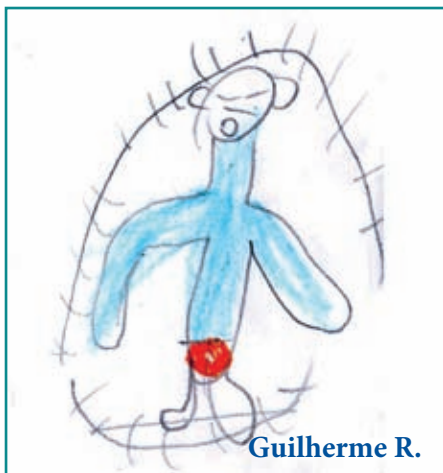
“Arroz com ovo é belo, meu prato favorito...” **Manuela**



Gabriel



Guilherme M.



Guilherme R.



Luiza



Maria Flor



Rafael

CORPO C, c.

Panorama geral

Assim, o corpo seria o lugar das experimentações da linguagem, sensações, práticas culturais, intensidades e registro da memória coletiva. As sociedades originárias revelam o corpo a partir de uma dimensão totêmica, onde os deuses(as) se corporificam no trânsito de uma experiência entre alma-corpo. É neste lugar que podemos perguntar qual o limite do corpo e sua extensão. Os deuses(as) nascem de experiências ritualísticas da terra, agricultura, germinação e fertilidade. O corpo é nossa experiência total da beleza e do prazer. O corpo é o tecido espacial e territorial do pensamento móvel.

Fique sabendo

“O corpo é um poder de afetar e ser afetado”, máxima Estóica. Assim sendo, pergunta Spinoza: “O que pode um Corpo?”... Resposta: EXPERIMENTA! (CARDOSO, Ricardo). Contudo, toda experimentação requer “doses de prudência”, dizem Deleuze e Guattari.

Corpo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Corpo – (tete)

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Corpo – (Ara)

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Jasad (جسد) / **Jism** (جسم), subst. neut. Em árabe temos duas palavras para corpo. A primeira, **jasad**, está ligada ao sentido de carne, matéria, em oposição a espírito, e é a tradução para a palavra latina **corpus**. A segunda, **jism**, tem a acepção física de corpo (como em “o corpo humano”), forma, massa, objeto tridimensional. Ambas guardam o sentido do que é visível e palpável. O que se pode ver e tocar.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **corpus**, diz de todo tipo de corpo, de coisas vivas ou não. Está em oposição a **anima**. Pode ser tanto a carne, quanto o corpo inteiro, quanto cadáver. Assim, o corpo, para os romanos, pode ou não conter vida. Aqui é preciso entender o fato de **corpus** se referir a tantas coisas, assim não é um ponto negativo que demonstra algum desprezo dos romanos pelo corpo. Trata-se de uma oportunidade de poder observar e entender o pensamento desse povo. **Corpus** estava no campo da morte, portanto, aquilo que sempre estava no mundo dos vivos. Com ou sem **anima**, todo **corpus** sempre estava no mundo dos vivos. Ao contrário da **anima**, que após a morte do corpo ia para o mundo dos vivos. Assim, pode-se perceber uma relação íntima entre vida e morte tanto na “alma” quanto no “corpo”. O que sobrevive permanece entre os mortos; e o que morre permanece entre os vivos.

História da grafia no tempo-espaço (Letra C)

Latim	Grego	Fenício	Punjabi
C	Γ γ	𐤀	ਸੀ

Cingalês	Persa	Libras	Braile
ජ	یس	С	⠠⠠

Corpo: Interpretação das crianças

“É a gente, tudo que a gente faz é o nosso corpo...” **Zeus**

“Como o corpo dá pra fazer esportes, usar o braço, o cérebro controla o corpo...” **Nilton**

“O corpo é infinito, o corpo é a estética...” **Lucas**

“O corpo é o lugar que a gente tem pra sobreviver...” **Bernardo Ferreira**

“O corpo é nosso músculo, tudo e nossa barriga ...” **José**

“Corpo é a nossa vida...” **Theo**

“É isso (pausa da estudante movimentando o corpo todo ao explicar seu pensar)..., nosso corpo é humano...” **Carolina**

“O corpo é correr...” **Davi**

“O corpo é para andar...” **Pedro Augusto**

“O corpo é ser feliz...” **Juliana Rodrigues**

“Não tomo leite de animal, só tomo leite em caixinha...” **Bernardo Rocha**

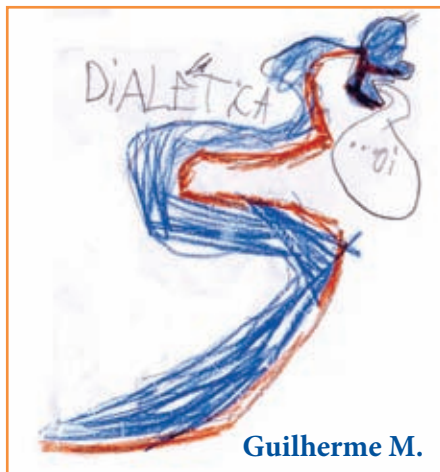
“O corpo é o impedimento marcado...” **Lucas**

“A nossa mente pensa e o nosso corpo pula...” **Zeus**

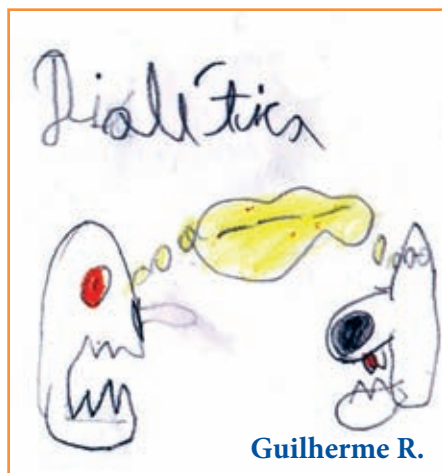
“Quando tenho comida em casa, meu corpo fica feliz... Eu fico nervoso e jogo tudo pro alto...” **Bernardo Rocha**



Gabriel



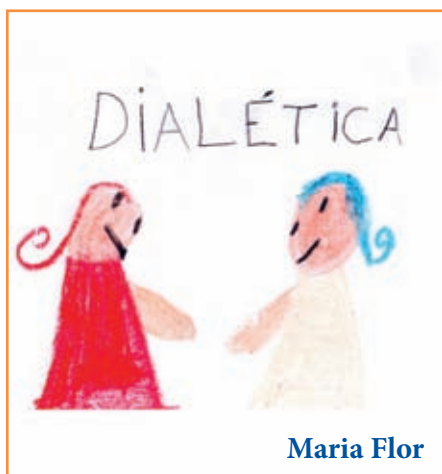
Guilherme M.



Guilherme R.



Luiza



Maria Flor



Rafael

DIALÉTICAD, d.

Panorama geral

Sentido bastante genérico, oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos. Tensões na disputa das palavras, instabilidades no jogo do pensamento e contradições. Técnica de perguntar, responder, opor-se, percurso de chegáramos à ideia de “verdadeiro”, caminho conflitual das ideias e refutar. Dinâmica do real, oposições de ideias, tese, antítese, síntese, movimento aberto para enxergamos a realidade e choque das ideias.

Fique sabendo

Nietzsche aponta para os três motivos pelo qual devemos nos posicionar contra a Dialética: “Esta desconhece o sentido, porque ignora a natureza das forças que se apropriam concretamente dos fenômenos; desconhece a essência, porque ignora o elemento real do qual derivam as forças, suas qualidades e suas relações; desconhece a mudança e a transformação, porque se contenta em operar permutações entre termos abstratos e irreais”.

Dialética: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Jadaliya (جدليّة), subst. fem. A tradução árabe do termo grego “dialética” traz, em seu próprio étimo, as noções de tese, antítese e síntese, pois é uma palavra que significa torcer ou esticar, amarrar e apertar, e também trançar. É, por isso, algo em tensão, que se distende e se contrai, amarrando ou entrelaçando-se, harmoniosamente ou de modo violento, como as discussões, os debates, as disputas, as controvérsias.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do grego **dialektiké**, formado por **dia** (entre, através de) e **lego** (falar), quer dizer, simplesmente, conversa. Da dialética à hegeliana e à marxista, seu sentido de conversa se mantém. Dessa forma, pode ser a conversa entre ideias, entre coisas, entre pessoas, entre tudo. Essa conversa, porém, significa também estar em tensão. A conversa é a tensão entre as partes.

História da grafia no tempo-espaço (Letra D)

Latim	Grego	Fenício	Armênio	Tadjique
D	Δ δ	𐤃	Դ	Д.

Dialética: interpretação das crianças

“Quando pessoas pensando uma coisa e a outra não...” **José**

“Um sabe uma coisa..., mas o outro não...” **José**

“Brincar de imaginar...” **Lucas**

“É ser de um time... Sou flamengo por ser estiloso e José é Vasco... O meu é o melhor...” **Bernardo Rocha**

“No futebol tem conflitos... José não aceita perder...” **Bernardo Ferreira**

“Deve ser latido de cachorro: au, au, au e auuuuuuu...” **Julie**

“É dia elétrico... Se for de dia tem trânsito e para tudo...” **Nilton**

“Esconde o que a verdade não diz...” **Zeus**

Registro de falas dos estudantes do Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 5-7 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, anotadas pelos Professores Juliana Bernardo e Wallace Lopes / Colégio Divina Providência – RJ: 28 de Maio de 2018.

História da Escrita

Foto: Marsyas (2007) - wikimedia.org



Alfabeto grego em antigo vaso em figura negra.

por todo o Mediterrâneo e Oriente Médio. Sua escrita está também na origem do Hebraico, do Árabe e até do Brama (escrita da Índia).

O alfabeto grego é usado até hoje na Grécia e nas notações científicas, na matemática e na física do mundo inteiro, é só lembrar-se do número π (Pi). É a origem dos alfabetos cirílico (usado no leste europeu) e latino (o mais difundido do mundo).

Uma das grandes vantagens de um sistema alfabético é: aprender cerca de 30 caracteres para expressar toda uma língua é muito mais fácil que decorar os cerca de 600 sinais da escrita cuneiformes ou as centenas de hieróglifos dos egípcios. E para ler um jornal em chinês você precisa entender mais de mil ideogramas! (O Editor)

Surge o alfabeto

O primeiro alfabeto verdadeiro é o grego, e suas duas primeiras letras – α (Alfa) e β (Beta) – formam este nome. Surgiu no século VIII a.C. A grande inovação é a introdução das vogais, o que permitiu a transcrição fonética das línguas europeias.

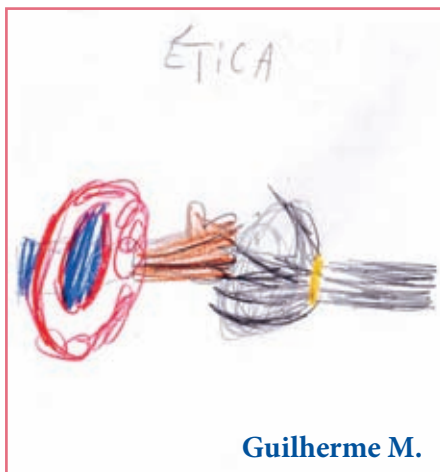
Ele se originou do alfabeto fenício, que na realidade era um *abjad* – um sistema no qual cada símbolo representa uma consoante. Os fenícios eram um povo navegante e mercante, da região onde atualmente ficam o Líbano e a Síria, e espalharam seu alfabeto



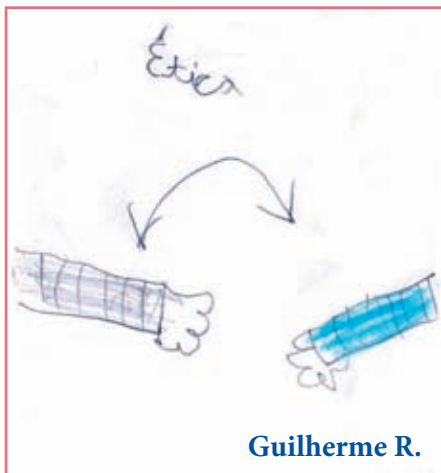
Manuscrito em grego antigo sobre papiro egípcio.



Gabriel



Guilherme M.



Guilherme R.



Luiza



Maria Flor



Rafael

ÉTICA.....E, e.

Panorama geral

A palavra “ética” vem do grego **ethos** e significa aquilo que pertence ao “*bom costume*”, “*costume superior*”, ou “*portador de caráter*”. Campo da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especificamente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social. Dimensão que estabelece as regras que norteiam o jogo das ações humanas na sociedade. Suas questões emergem do tecido social mediante os temas que brotam das tensões do tempo histórico, refletindo as ações do agir na vida em sociedade.

Fique sabendo

A Ética pode ser definida como sendo “I – A desvalorização da consciência, em proveito do pensamento; II – A desvalorização de todos os valores morais, sobretudo do Bem e do Mal, em proveito do Bom e do Mau e III – A desvalorização de todas as “Paixões Tristes”, em proveito das Alegrias Ativas”, diz Gilles Deleuze comentando a Ética de Spinoza.

Ética: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Ética – Anhente gua (de verdade)

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Ética – Ìwà (caráter, conduta)

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Akhlaqiya (أخلاق), subst. fem. Em árabe o termo ética, em seu sentido filosófico (**Falsafa Al-Akhlaqiya**, filosofia moral, ética), vem do verbo criar, inventar, fazer (**khalaqa**), e de criação (**khalq**). É algo relacionado à vontade, à disposição, e também à vontade criadora e criativa do artista (**khallāq**) e da divindade (**Al-Khaliq**, O Fazedor, O Criador, é

um dos 99 nomes de Deus, no Islamismo). É algo tão inconstante quanto o sentido de temperamento ou caráter, e, por isso, é um superlativo que é usado para conceituar a noção grega de ética. Assim, **al-akhlaqiya** em árabe quer dizer o que é mais natural, ou seja, uma disposição, uma vontade e uma criação mais própria de uma pessoa ou de uma coletividade, e, conseqüentemente, mais adequada.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do grego **ethike** que, por sua vez, vem de **ethos**, significando primeiro a caverna, a toca, a residência de animais. Um local onde se repousa, se acostuma. Daí o sentido de costume, uso comum, hábito. Ética é um substantivo derivado de **ethos**, portanto, quer dizer “relacionado ao **ethos**”. O local em que se repousa e se acostuma é muito íntimo, por isso o **ethos** é muito menos universal e bem mais relativo ao singular, ao fechado, ao que é próprio. Logo, pode-se pensar a ética como aquilo que está relacionado com o singular, com o íntimo, pois a toca onde repousa um animal é um templo de leis singulares e únicas.

História da grafia no tempo-espaço (Letra E)

Abjad aramaico	Chinês	Húngaro	Nepalês
𐤅	和	és	इ

Ética: interpretação das crianças

“Porque devemos respeitar os filhos e familiares. Porque eles são de nossa família...” **Lucas.**

“Porque os pais são bons, se a gente não for bom os pais não podem ser bons. Eles ficam tristes e mudam de ideia...” **Bernardo Rocha**

“Porque os pais mandam nos filhos...” **Zeus**

“Se a gente se comportar ganhamos brinquedo...” **Marcela**

“Porque a gente tem que respeitar as crianças... Porque todas as crianças são boas, mas tem algumas que não são tão boas...” **José**

“Obedecer todo mundo pra você ganhar as coisas dos pais...”

Nilton Henrique

“Tem que ter respeito com todo mundo, senão as pessoas vão achar que a gente é ruim...” **Bernardo Ferreira**

“Porque a gente precisa ser carinhoso com as meninas...” **Leandro**

“Porque a nossa mãe quer o bem para nossa saúde...” **Pedro Augusto**

“Precisamos ser as duas coisas, por que não tem graça ser normal e igual...”

Nilton Henrique

“Porque primeiro temos que ser humanos...” **Théo**

“Respeitar o seu jeito de ser...” **Tito**

“Eu gosto de ser negro... Por que eu me adoro...” **Leandro**

“Eu acredito... Não acredito...” **Davi**

“Se não respeitar as meninas, não respeita as mães...” **José**

“Porque os homens são mais fortes...” **Vitória**

“Porque as meninas vão ser mães...” **Julie**

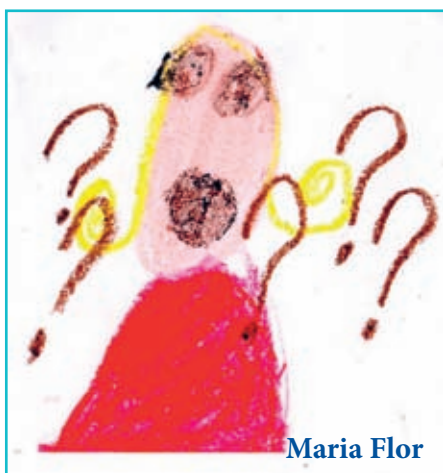
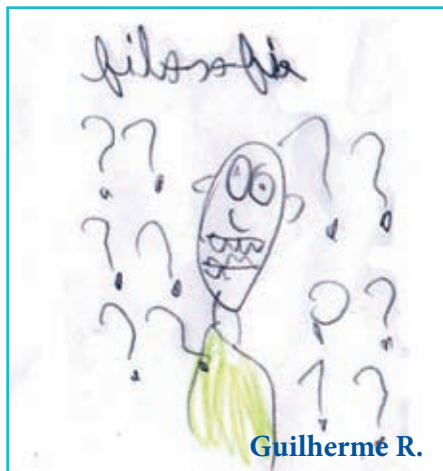
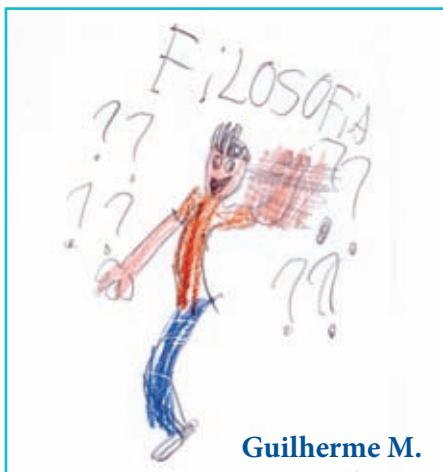
“Temos que ser cavalheiros...” **Lucas**

“As meninas quando crescerem podem casar com os meninos...”

Bernardo Rocha

“A gente tem que respeitar pra aprender mais...” **Alice**

Registro de falas dos estudantes do Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 5-7 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, anotadas pelos Professores Juliana Bernardo e Wallace Lopes / Colégio Divina Providência – RJ: 4 de Junho de 2018.



FILOSOFIA..... F, f.

Panorama geral

Examina a natureza originária dos problemas conceituais. Explora problemas, emergências que margeiam o lugar da vida. Lugar de pôr questões inacabadas. Ginástica do pensar multiplicidades de distintas naturezas em choque. Espanto original e extraordinário no banal. Capacidade de examinar, investigar, problematizar e conceituar. Distorce o real e o conjunto de formas disponíveis no concreto. Cria outra natureza do pensar-pensante. Portadora de má notícia diante da crença da estabilidade da vida dogmática. Elaborar perguntas inaugurais no sentido de ampliar horizontes do pensar aberto. Põem questões ainda não sondadas pela luz da razão, rasgando questões banalizadas pelo cotidiano. Produz tensões conceituais diante da estranheza do banal dando-lhe evidência na emergência do pensar da natureza do espírito. Evoca os problemas da sociedade pela sua disponibilidade do pensar crítico.

Fique sabendo

“A Filosofia é a vertigem do pensamento”, Alcebiades falando de Sócrates. Por isso, diz Nietzsche; a filosofia é crítica na medida em que refere todas as coisas, bem como sua origem, a valores, mas sem deixar de referir esses valores a algo que seja sua origem e que decida sobre seu valor; seu nome... Vontade de Potência.

Filosofia: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Filosofia – No sentido de Amor a sabedoria – sem paralelo.
No sentido de **sophia** (sabedoria) – **Ogbón**

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Falsafa (فلسفة), subst. fem. **Falsafa** é uma palavra emprestada do grego φιλοσοφία, **philosophia**, para designar o pensamento filosófico também grego com que os estudiosos árabes tiveram contato especialmente durante a Dinastia Abássida (750-1258 d.C.), a “Era de Ouro” do Império Árabe. O verbo **falsafa** significa filosofar, mas ao modo grego, socrático, e,

portanto, filosofar ao modo ocidental. Os árabes, entretanto, têm e sempre tiveram a sua própria filosofia, que chamavam de outra forma. Assim, as diversas manifestações do saber na poesia de sua Era Pré-Islâmica (antes de 622 d.C.), atende pela nome **Hikma** (حكمة), “sabedoria”, que está ligado à noção de discernir, julgar, decidir, a partir da audição, da escuta atenta das falas, dos discursos, o que a aproxima das palavras gregas **sophía** (o substantivo sabedoria/o saber) e **krínein** (o verbo julgar, discriminar).

Por isso, o **sophós**, o sábio na língua árabe é o **hakim**, que é também aquele que pode (que merece) ser o chefe de uma tribo. No Islamismo, **Al-Hakim** é um dos 99 nomes de Deus.

Após a revelação do profeta Maomé, surge um outro ramo do pensamento em língua árabe, que se ocupa dos textos sagrados e questões teológicas da religião islâmica: o **Kalām** (كلام), ‘**Ilm Al-Kalam** “Ciência do Discurso”, lit.).

Tradução e noções etimológicas do Latim

Como muito já se sabe, filosofia vem da união de duas palavras gregas: **philos** e **sophia**. A primeira quer dizer afeto, carinho, amor. A segunda é um substantivo abstrato derivado de outra palavra, **sophos** (artista ou artesão habilidoso, talentoso, esperto). Antes do advento da filosofia pitagórico-socrático-platônica, um **philosophos** era alguém que tinha imenso carinho e admiração por determinada arte/artesanato. Ou seja, era um amigo desse saber criativo e inventivo que permeia toda arte e artesanato. Porém, depois, com o uso filosófico, o conceito filosofia é cunhado e passa a ser usado no sentido de uma intelectualidade, abdicando do seu caráter de coisa manual para ser exclusivamente algo intelectual. O filósofo deixa de ser o amigo da arte e do artesanato para ser um intelectual, um investigador das coisas metafísicas, lógicas e morais, que segue rígidas regras e convenções. Mas, em seu sentido mais primitivo, a filosofia é afronta, porque ousa criar aquilo que ainda não é.

História da grafia no tempo-espaço (Letra F)

Fenício	Hindi	Tadjique	Tâmil	Armênio
𐤕	एफ	Ф.	எஃப்	Ֆ

Filosofia: interpretação das crianças

“É uma coisa que a gente aprende e estuda...” **Zeus**

“É quando quer pensar...” **Bernardo Rocha**

“É filosófica... Não sei explicar...” **Leandro**

“É uma coisa para pensar...” **Marcela**

“Aprende, estuda e ficar inteligente do jeito que a gente é...”

Nilton Henrique

“É uma coisa que a gente aprende que a gente nunca aprendeu...”

Bernardo Ferreira

“O pensamento mora na cabeça de uma pessoa e na outra pessoa, aí eles se encontram e faz a amizade...” **Bernardo Rocha**

“Se não existisse filosofia o mundo ficaria em guerra...” **Nilton**

“É existem coisas que não podem ser aprendidas ...” **José**

“O cachorro não pensa, a gente pensa, ser humano pode tudo por quê?”

Pedro Paulo

“É pra nossa vida...” **Leandro**

“Se você não pensar a gente não sabe o que fazer com as coisas...” **Nilton**

“A filosofia ajuda a gente pensar o corpo e a mente, pra gente pensar melhor...” **Pedro Paulo**

“Aprendemos filosofia para sermos como os adultos...” **Lucas**

“Com filosofia a gente passa a ficar inteligente...” **João Marcos**

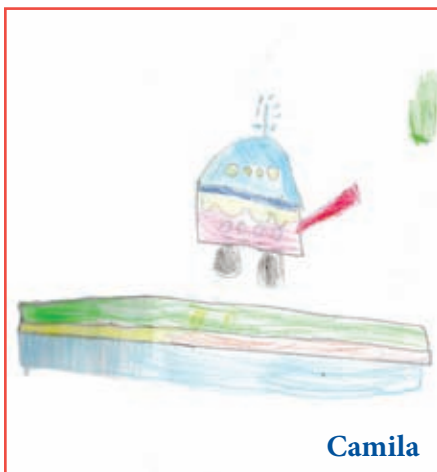
“A filosofia serve pra gente aprender as coisas, pra trabalhar muito com a cabeça...” **Lara**

“Eu penso na vida... A vida é...? Exatamente eu não sei o que é? Mas eu vou sobrevivendo...” **Leandro**

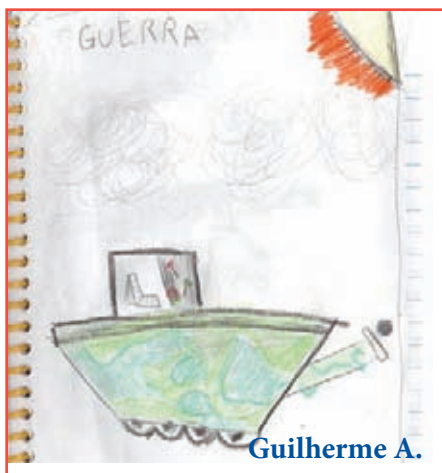
“Filosofia mostra que o mundo não é bom...” **Zeus**



Bernardo



Camila



Guilherme A.



Jade



José



Maria Clara

GUERRA..... G, g.

Panorama geral

Campo de tensões e disputas na dimensão política do ocidente. Instabilidade e fronteira: natureza e cultura. Ausência de diálogo. Natureza instável na ciência política. Estado de Natureza como um estado de guerra. Estado político bélico. Territórios conflituais. A natureza e a causa dos conflitos, tanto entre seres humanos. Tratado de natureza cívica. Tratados, interdição, genocídios históricos, fronteiras religiosas e identidades, geopolítica, rituais, lutas étnicas, paixões individuais. Momentos de paz não é ausência de guerra. Dispositivos legais, atritos, forças contrárias, soma de forças, rebeliões, revolta, revoluções, violações individuais e coletivas, insuportabilidade da alteridade, contrato, individualidade e imposições autoritárias. Negociações, governo, tirania, contrários, perspectivismo, idealizações, visões de sociedade, busca por justiça, vingança, degredo, democracias, ideologias em disputas, senso, poder, governabilidade comunidade política, movimentos por liberdade, medo, liberdades civis, esperança, ética, ações humanas aplicadas na vida social e política.

Fique sabendo

*“A Guerra é o pai de todas as coisas, e o rei de todas as coisas; de alguns ela fez deuses, de outros ela fez homens; de uns escravos, de outros homens livres.”
(Heráclito de Éfeso).*

Guerra: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Guerra – Nhorãirõ

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Guerra – Ogun

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Harb (برح), subst. fem. Palavra que indica primariamente um estado de fúria, pois é relacionada ao verbo “estar furioso, raivoso” (**hariba**), e ao

instrumento que alimenta e guia essa ira: a lança (**harba**). A guerra, em árabe, é a dinâmica de uma disposição e de uma ação.

Tradução e noções etimológicas do Latim

A origem dessa palavra não é nem latina nem grega, como a maioria de nossas palavras, mas germânica. Tem a mesma origem do inglês **war**. O sentido é desordem, confusão. A fim de curiosidade, no latim a palavra para “guerra” é **bellum**, que veio de **duellum**. Ainda mantemos as duas formas no português, tanto na palavra duelo, quanto em palavras como bélico. Em todo caso, guerra sempre quer dizer desordem, independente dessa desordem dar entre dois ou mais povos, duas ou mais pessoas, ou entre sentimentos ou ideais.

História da grafia no tempo-espaço (Letra G)

Grego	Aramaico	Fenício	Malaiala
Γ γ	𐤂	𐤂	ജി

Guerra: interpretação das crianças

“É todo mundo ficar batendo em todo mundo...” **Bernardo Ferreira**

“É quando uma espada, escudo, armadura, arco e flecha...”

Bernardo Rocha

“Tirooooooooooooo...” **Pedro Augusto**

“Da bazuca sai tiro...” **Tito**

“Os cachorros sempre brigam quando são machos...” **Julie**

“A guerra é quando todo mundo mata...” **João Marcos**

“As pessoas lutam por alguma coisa e elas brigam...” **Julia Gomes**

“O mundo tem crime porque as pessoas são más, os ladrões, bandidos são punidos nos desenhos...” **Zeus**

“A cidade está em guerra...” **Jade**

“Quando durmo eu sonho com guerra...” **Leandro**

“Às vezes tem confusão que leva cartão vermelho” ... **Lucas**

“Quando tem paz, tem relaxamento, quando tem relaxamento tem descanso...” **Bernardo Rocha**

“O deus está em guerra, por que deus criou o mundo...” **Guilherme**

“A guerra é feita pelo rei quando ele conduz uma espada...” **Théo**

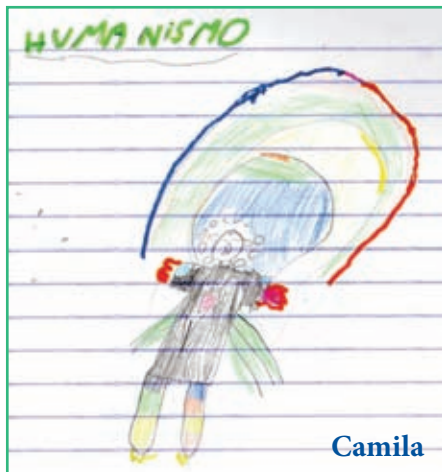
“Guerra é um time contra o outro e lutam...” **Bernardo Ferreira**

“Guerra é treta...” **Zeus**

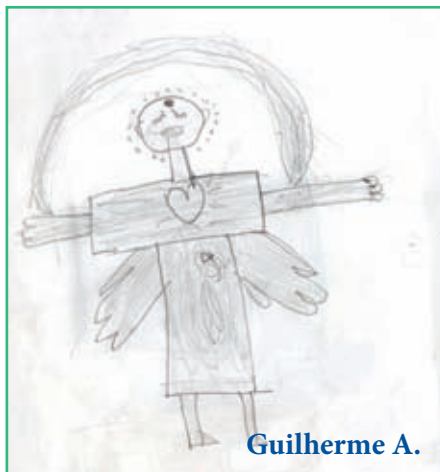
“Guerra é morte e destruição para todo mundo...” **Nilton**

“Não mexa com uma formiga... O formigueiro traz guerra...” **Nilton**

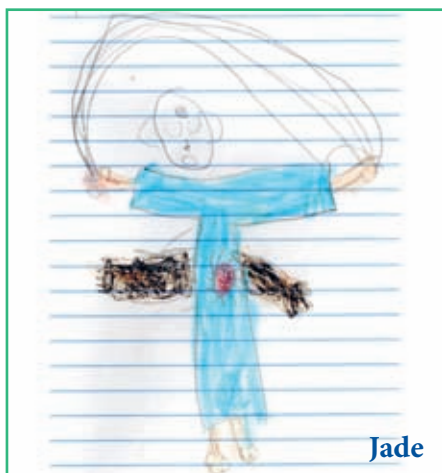
“A guerra está dormindo com a paz... Ontem vi o jogo do Vasco...” **Lucas**



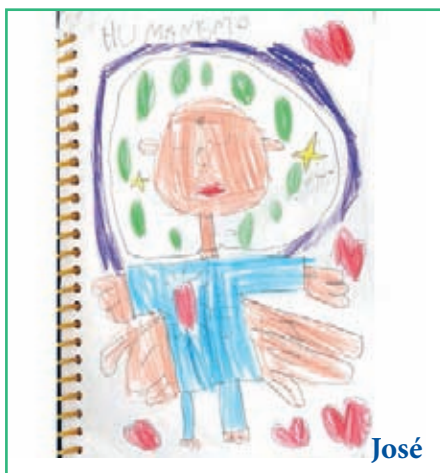
Camila



Guilherme A.



Jade



José



Maria Clara



Nilton

HUMANISMO.....H, h.

Panorama geral

Conjunto de doutrinas fundamentadas de maneira precípua nos interesses, potencialidades e faculdades do ser humano, sublinhando sua capacidade para a criação e transformação da realidade natural e social, e seu livre-arbítrio diante de pretensos poderes transcendentais, ou de condicionamentos naturais e históricos. Humanismo, no sentido amplo, significa valorizar o ser humano e a condição humana acima de tudo. Estão relacionados com generosidade, compaixão e preocupação em valorizar os atributos e realizações humanas no ocidente racional e branco. A ideia totalitária do projeto ocidental de homem implantado na matéria histórica que foi definida pela ocidentalização. O humanismo foi um movimento intelectual iniciado na Itália no século XIV com o Renascimento e difundido pela Europa, rompendo com a forte influência da Igreja e do pensamento religioso da Idade Média. O teocentrismo (Deus como centro de tudo) cede lugar ao antropocentrismo, passando o homem a ser o centro de interesse. O humanismo procura o melhor nos seres humanos e para os seres humanos sem se servir da religião. Só há humano se houver o compartilhamento com o todo.

Fique sabendo

Para Willian James, o humanismo consiste em romper com toda “ideia absoluta”, com toda e qualquer prevenção ao intelectualismo e com toda negação da variedade e espontaneidade da experiência. Por isso ele nega que os conceitos e as leis formuladas sejam meras reproduções da realidade; há uma preferência ao “símbolo em vez da reprodução, à aproximação em vez da exatidão, à plasticidade em vez do rigor”.

Humanismo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Humanismo – Mboraywu ete (amor de verdade)

Tradução e noções etimológicas do Árabe

'**Insaniya** (إنسانية), subst. fem. **Falsafa al-insaniya** (Filosofia do Humanismo) é como se traduz em árabe essa corrente filosófica que coloca o homem num ponto central do universo. A palavra deriva de humano, ou homem (**insan**), e seu correspondente feminino (**insana**), que designam o ser que é sociável, amigável, que vive conectado, em companhia, em sociedade. Contrário do que é selvagem, indomado, não domesticado. Humano é também o ser do esquecimento (**nisyan**), seja o esquecimento do sonho, do ser sonolento (**na'asan**) ou o olvido eterno da morte.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Filosofia que coloca os seres humanos como os mais importantes no mundo, valorizando, para tal, a razão e a racionalidade. A palavra é formada do adjetivo “humano”, que, por sua vez, vem do latim **humanus**, significando coisa relativa ao homem. Vale reparar relação entre as palavras **homo** (da qual se origina **humanus**, e quer dizer homem) e **humus** (terra, chão), dando a entender que não só na cultura hebraica-judaica, mas também na romana, o homem era visto como um ser de terra, terrestre. No humanismo renascentista pode-se perceber essa sutileza etimológica, o centro da atenção filosófica deixou de ser Deus, aquele que vive no Céu, e passou a ser o homem, aquele que vive na terra.

História da grafia no tempo-espaço (Letra H)

Fenício	Quirguiz	Russo	Cazaque
𐤇	ч	чac	с

Humanismo: interpretação das crianças

“É uma pessoa que se acha normal e humana...” **Leandro**

“Por que a gente não nasceu assim...” **Vitória**

“Humano é que tem coração...” **Davi**

“A gente tem cérebro na cabeça pra gente estudar...” **Alice**

“Somos humanos por que deus cuida da gente...” **Théo**

“O ser humano corre, se movimenta...” **Julia Rodrigues**

“O ser humano pode parecer um anjo, mas não é...” **João Marcos**

“Humano é qualquer pessoa que precisa ser cuidada...” **José**

“Ser humano, é a gente viver, ter partes: braços, coração, cabeça e pernas...”

Bernardo Ferreira

“Só pode ser humano quando você nasce pela barriga da mamãe...”

Ana Beatriz

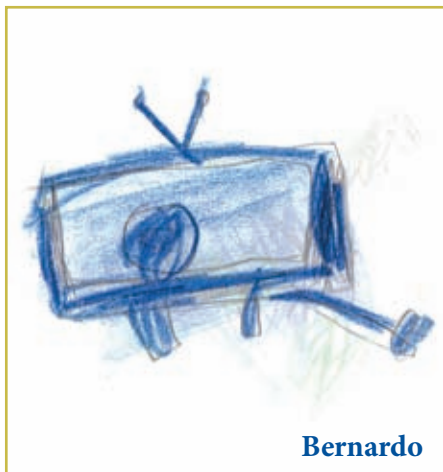
“Ser humano, é beber água, pescar, passear, estudar, viajar de avião, ir à praia, pescar e ser feliz...” **Théo.**

“Por que a gente nasce da mamãe e não de deus...” **Lucas**

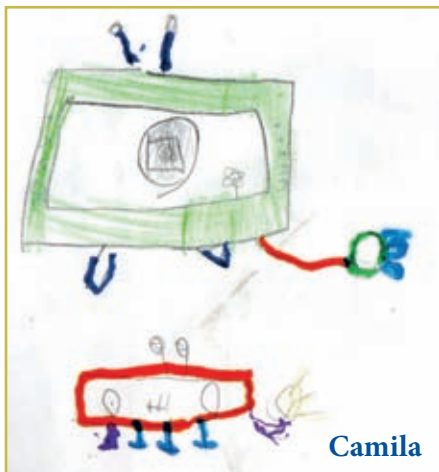
“A única diferença entre o humano e o cachorro, é porque não deram livro pro cachorro...” **Julie**

“Se as pessoas matam, não há humano...” **José**

“O ser humano é mais animal como cachorro...” **Nilton**



Bernardo



Camila



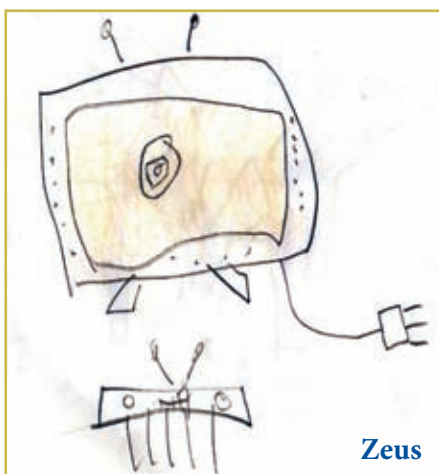
Gabriela



Júlia



Maria Clara



Zeus

INDIVÍDUOS.....I, i.

Panorama geral

Forma cívica ou constituição de uma unidade que não pode ser dividida, em si, dentro de si, indivisível, centro de si, indivíduo político, o todo e a parte, margem, centro, beira, meio, efeito social, cultural e psíquico. Fora dentro, egoísmo, individualismo, delimitação, estado transitório do sujeito, feito produzido pelo social, detém características do próprio, contorno, limite, limítrofe, multidão, muvuca, arrastão, forma nuclear da política, redes, territorialidades e construído por identidades.

Fique sabendo

“O Indivíduo é um composto de matéria e forma”, diz Aristóteles. Já pra Gilbert Simondon, “O indivíduo é o teatro da individuação”, por isso, a repulsa de Simondon pela relação excludente entre Ser e Devir dada por Aristóteles, pois a individuação não esgota a parcela de devir que a pressupõe.

Indivíduos: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Indivíduo – **petêi kunhã** (uma mulher) **petêi kuimba e** (um homem) **petêi mitã** (uma criança).

Só assim podem traduzir a ideia de um indivíduo.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Fard (درف), subst. neut. Indivíduo em árabe é algo singular, único, ímpar, e, por isso, precioso. Relaciona-se ao verbo **farada**, estar sozinho, ser único, separar, segregar, isolar, mas que também tem o sentido de espalhar, divulgar, estender, estirar, esticar. Como uma corda solitária que, tensionada, espalha no mundo um som único, incomparável. Para a teologia islâmica, porém, indivíduo, como a verdadeira unidade indivisível, é apenas O Único (**Al-Wahid**), um dos 99 nomes de Deus.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **individuus**, e quer dizer literalmente inseparável. É uma tradução da palavra grega **átomos** (indivisível). Em suma, indivíduo e átomo, etimologicamente, querem dizer o mesmo. Filosoficamente, no entanto, seus usos são distintos. Indivíduo, enquanto se referindo ao ser humano, fala da indivisibilidade de cada um, o limite máximo. É o que não pode ser quebrado, e vive na unidade, no um.

História da grafia no tempo-espaço (Letra I)

Fenício	Albanês	Árabe	Marata
𐤀	unë	انأ	मी

Indivíduos: interpretação das crianças

“Indivíduo são muitas pessoas que vivem sozinhas...” **Leandro**

“Pessoa sozinha e sem ninguém em nenhuma parte do planeta...” **Nilton**

“Indivíduo é quem acorda e só tem a Tv sem canal de desenho...”

Bernardo Rocha

“Viver sozinho no universo é ficar sem ar...” **Zeus**

“Viver sozinho é um ato de coragem...” **Bernardo Ferreira**

“Não tem como viver sozinho... Nunca vi formiga sozinha...” **Theo**

“Não há como viver sem minha mamãe... Quem vai me dar comida?...” **José**

“Se viver sozinho.. Eu choro...” **Pedro Augusto**

“Minha mãe é minha esperança... É chato viver sozinho...” **Lucas**

“Sem amor não há indivíduo...” **Alice**

“O indivíduo sem cachorro não tem irmão...” **Julie**

“Mesmo se morasse na lua sozinho, faria um foguete para chegar em casa e brincar...” **Theo**

“Solidão é ficar sem ver meu pai...” **Davi**

“Ser sozinho é o que você não tem...” **Nilton**

“Indivíduo é quem mora na Índia...” **Guilherme**

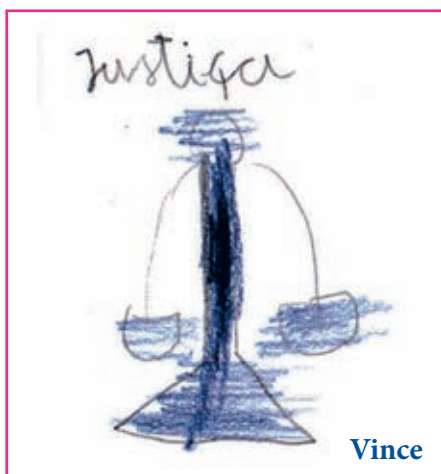
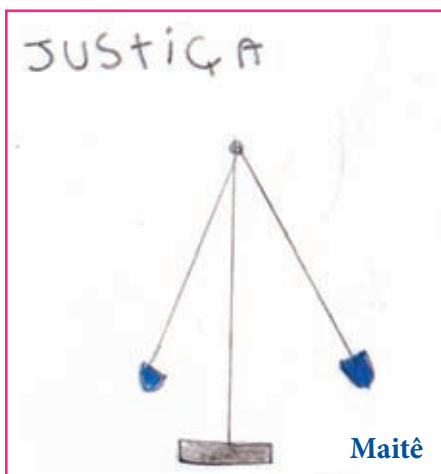
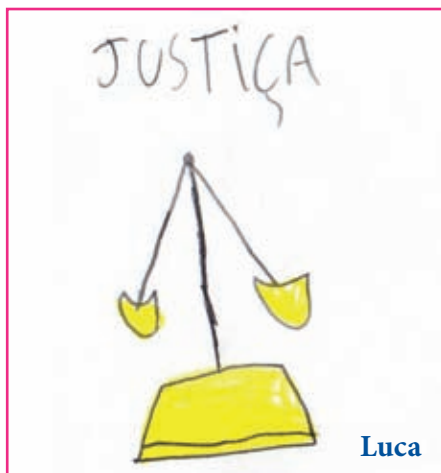
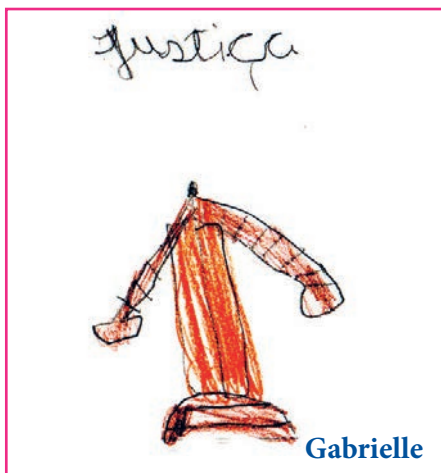
“É bom dormir cedo, assim o indivíduo fica sozinho...” **Manuella**

“Só a gente é indivíduo? Quero minha mãe...” **Jade**

“Se não sabemos o que é pessoa, existe indivíduo...” **Pedro Paulo**

“O indivíduo só pode ser visto no microscópio... A alma não...” **Zeus**

“O indivíduo é o Cooooooooooooooooô...” **Lucas**



JUSTIÇA..... J, j.

Panorama geral

Qualidade do que está em conformidade com o que é direito; maneira de perceber, avaliar o que é direito, justo, o reconhecimento do mérito de alguém ou de algo, conjunto de órgãos que formam o poder judiciário, o conjunto de pessoas que participam do exercício da justiça, medida, modo de avaliar, justa medida, equidade de avaliar, legitimidade, capacidade de julgar, neutralidade, imparcialidade, forma, discurso, ação prática, agir racional, relações de poder, razão equilibrada, senso, mensuração, exemplo, perfeição, idealização, estado, lei, direito e conselho.

Fique sabendo

*“A justiça é discórdia, e que todas as coisas vêm a ser segundo discórdia e necessidade”,
Heráclito de Éfeso.*

Justiça: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Justiça – Òdodo.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

‘Adāla (قِلَادِع), subst. fem. A palavra justiça em árabe deriva diretamente da palavra que significa “balança de dois pratos” (‘adal), e, por isso, traz primeiramente o sentido de equidade, equivalência e equilíbrio, mas, também, a partir do verbo ‘adala, o de retificar, corrigir, consertar, pôr em ordem, discriminar, fazer justiça.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **Iustitia**, formado por **iustus** (direito, correto, justo) e um sufixo que forma substantivos abstrato – **itia**. Como algo abstrato, justiça não tem uma definição única, e varia de acordo com as diversas perspectivas. O que é correto varia de acordo com a lei, ou com o que se considera bom e mal. Justiça é a ação em concordância com algum dogma, moral ou lei.

História da grafia no tempo-espaço (Letra J)

Hindi	Punjabi	Tâmil	Georgiano
जम्मू	ਜੇ	ஜே	ჯ

Justiça: interpretação das crianças

“A justiça pesa, o que é, o que pode e o que não pode...” **Noel**

“Justiça é uma balança que pesa as coisas...” **José Arthur**

“Não pode matar pessoas nem os animais...” **José Arthur**

“Deus é justo, porque a gente pensa...” **José Arthur**

“A natureza mata o homem, porque o homem não obedece à natureza...”

José Arthur

“A lei não é justa por causa que obedece o trânsito...” **José Arthur**

“A revolução terá justiça pra gente...” **José Arthur**

“Somos seres humanos e também pessoas...” **José Arthur**

“Justiça é a pessoa ter direitos e não ser maltratada...” **Alfredo**

“Justiça é uma coisa sem validade...” **Pedro Luís**

“Justiça é quando justificamos alguma coisa...” **Vince**

“Justiça é quando você se vinga de uma pessoa que pode estar errada...”

Nathan

“Justiça é quando você busca a verdade...” **João Pedro**

“Justiça é quando você é justo com as pessoas...” **Gabriel Lima**

“A justiça é quando usamos palavras sem justiça...” **Luca Level**

“Julgar a pessoa sem saber a verdade...” **Luca Level**

“A justiça seria quando homens e mulheres ganhassem a mesma coisa...”

Cecilia

“Justiça é lutar pelos seus direitos...” **Maitê**

“Justiça é fazer guerra...” **Amaryllis**

“Justiça não existe no jogo de futebol...” **Nathan**

“Justiça é fazer igualdade sem ter igualdade...” **Heitor**

“Respeitar os mais velhos é justiça também...” **Enzo**

“A catraca que decide o bem e o mal...” **André**

“No recreio não há justiça... A bola é do jogo...” **Noanh**

Registro dos estudantes do 3º e 4º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 8-10 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, e escritas pelos estudantes do Colégio Divina Providência – RJ: 30 de Junho de 2018.



KANTISMO..... K, k.

Panorama geral

Sistema filosófico de Immanuel Kant (1724-1804), que se caracteriza pela importância dada ao exame das faculdades cognoscitivas da razão, com o objetivo de determinar as possibilidades apriorísticas do conhecimento, e pela concepção de uma moral única e universal, baseada na noção de imperativo categórico. Doutrina e corrente filosófica que propõe limites para o alcance, valor e o limite da razão enquanto ponto de partida para qualquer pensamento lógico, o que significa reduzir na prática a objeto de experiências possíveis o conhecimento (racionalismo). Controle, razão, delimitação, imaginação libertadora, estrutura e mensuração da realidade.

Fique sabendo

O kantismo pode ser definido como “a ciência da relação entre todos os conhecimentos e os fins da razão humana; ou como “o amor que o ser racional experimenta pelos fins supremos da razão humana”, Immanuel Kant ao definir a Filosofia”.

Kantismo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Kantiya (كَيْطَانِيَا), subst. fem. Escola filosófica que segue as ideias de Kant, filósofo alemão do século XVIII.

Tradução e noções etimológicas do Latim

É a filosofia de Kant.

História da grafia no tempo-espaço (Letra J)

Coreano	Georgiano	Persa	Bielo-russo
케이	კ	ک	Д

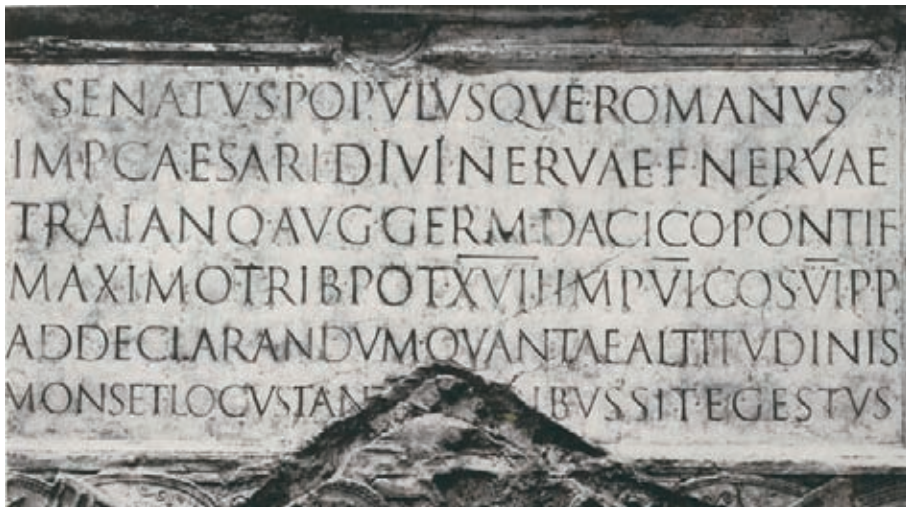
Kantismo: interpretação das crianças

- “As ideias tem que ser fora da cabeça...”* **José Arthur**
- “Argumento é pensar e defender as ideias...”* **José Arthur**
- “Por que minha mão quando fica na água ela fica de velha?...”* **Henrique**
- “As ideias têm que se soltar para a gente chegar na imaginação...”* **Noel**
- “A imaginação é a intimidade do mundo...”* **Lucas Berrêdo**
- “O mundo é libertado pela imaginação...”* **Maria Luiza**
- “Do que são feitas as ideias?”* **Gabriel Sanson**
- “A liberdade precisa dormir, ouvir música e comer bem...”* **Vince**
- “O mundo sem imaginação seria muito ruim...”* **Noanh**
- “Sem imaginação não teria mundo, prédios e carros...”* **Lucas Berrêdo**
- “O Temer precisa ter mais imaginação...”* **Pedro Luiz**
- “Se o mundo não tivesse imaginação, as pessoas não poderiam pensar duas vezes...”* **Pedro Luis**
- “O mundo precisa de imaginação porque a realidade não é nada do que você pensa. Tudo que você imagina vira realidade...”* **Maitê**
- “Sem imaginação não conseguimos pensar direito...”* **Gabrielle Cardoso**
- “Para cadeira ser feita foi feita por imaginação...”* **Cecília**
- “A imaginação não respeita o fim do recreio...”* **André Luiz**
- “Imaginação é uma coisa que precisa existir no que não existe...”* **Amarryllis**
- “A imaginação é uma cópia de nossas ideias...”* **André Luiz**
- “A imaginação sonhou tanto que criou deus...”* **Nathan**
- “A imaginação é a resposta do cérebro que deu pra gente...”* **Noahn**
- “A imaginação pega ônibus professor?...”* **Enzo**
- “A natureza desobedece a suas regras...”* **João Pedro**
- “Não posso pensar com tantas paredes...”* **Anne Gabrielle**
- “A razão é uma dor aguda do mundo...”* **Noahn**
- “Os monstros não aparecem de dia por medo da razão...”* **André Luiz**

Registro dos estudantes do 3º e 4º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 8-10 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, e escritas pelos estudantes do Colégio Divina Providência – RJ: 30 de Junho de 2018.

História da Escrita

Imperador Trajano (98-117 d.C.) – Foto: Albert Kapr: *Estética da Arte da Escrita*.



Inscrição na fonte CAPITALIS MONUMENTALIS da coluna de Trajano.

Todos os caminhos levam a Roma

O alfabeto com o qual está escrito esse livro, bem como a língua portuguesa, vem diretamente de Roma. O alfabeto latino é o mais difundido do mundo, e nosso idioma é neolatino. Roma importou a escrita da Grécia a partir do Etrusco, e adaptou para o latim por volta do século III a. C.

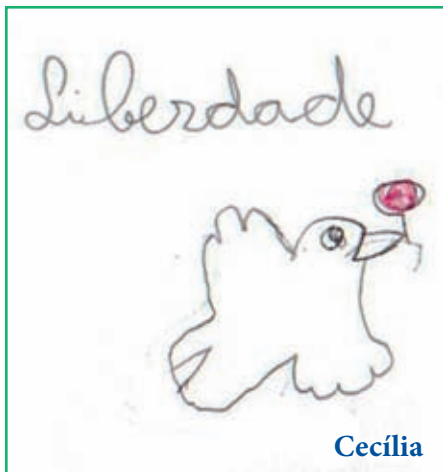
Os romanos só escreviam em maiúsculas e as letras minúsculas vão surgir somente na Idade Média. Ao longo do tempo, letras foram introduzidas e retiradas, sendo atualmente o alfabeto latino composto por 26 letras, que podem ser combinadas em ligaduras, dígrafos e trígrafos, e receber sinais diacríticos (os acentos) para alterar ou marcar sua pronúncia.

O alfabeto latino se espalhou pela Europa com as conquistas romanas e depois por todo o mundo com os colonizadores europeus, sendo utilizado para transcrever as línguas ágrafas das regiões colonizadas. Até no Japão (rōmaji) e na China (pinyin) ele é utilizado para a grafia de informações destinadas aos estrangeiros. (O Editor)

Foto: Vincent Ramos – upload para a Wikipedia francesa 13.03.2005



Inscrição no Arco de Titus, escrito cerca de em 81 d.C., em CAPITALIS MONUMENTALIS.



LIBERDADE.....L, l.

Panorama geral

Em filosofia liberdade é o tema central da dimensão do que habita o projeto de homem ocidental. Assim, pode ser compreendida sob uma perspectiva que denota a ausência de submissão e de servidão. Ou sob outra perspectiva que é a autonomia e a espontaneidade de um sujeito racional. Para Jean-Paul Sartre (1905-1980), a liberdade é a condição ontológica do ser humano. O homem é, antes de tudo, livre. O homem é livre mesmo de uma essência particular, como não o são os objetos do mundo, as coisas. Livre a um ponto tal que pode ser considerada a brecha por onde o Nada encontra seu espaço na ontologia. O homem é nada antes de definir-se como algo, e é absolutamente livre para definir-se, engajar-se, encerrar-se, esgotar a si mesmo. A liberdade exige responsabilidade diante da produção de existência. Em tempos homéricos, a liberdade era produzida por guerras e conflitos. A liberdade é a condição para o espírito livre. Toda liberdade moderna e contemporânea está sempre mediada pela via do Estado e sob ameaça, logo precisamos lutar e resistir diariamente. A escravidão no Brasil moderno interditou toda capacidade de liberdade de um povo. A liberdade não pode ser dada pela mão do dominador e colonizador.

Fique sabendo

Só se atinge a liberdade quando se tem a posse plena de seu poder de agir. A liberdade está sempre ligada à natureza de um corpo e ao que dela decorre, e não à vontade e ao que a regula. É o que se depreende da leitura do livro IV da Ética de Spinoza.

Liberdade: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Liberdade – Mboraywu pa (amor grande) dos seres pessoas.

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Liberdade – Omnira.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Hurriya (حُرِّيَّة), subst. fem. Esse verbete árabe é muito conhecido pelos brasileiros, que o têm ouvido há tempos em alto e bom som, pois é um grito: o grito de alforria (**al-hurriya**, “a liberdade”). Assim, partilhemos essa liberdade árabe desde o canto entoado pelos movimentos contra a escravidão. Mais do que comprada ou concedida, a liberdade é aquela que gritamos desde o nosso ser, pois **hurr** é o nobre, o genuíno, independente, sem amarras. Por isso, também se liga a calor (**harr**), ao que é quente, vulcânico, e, como lava (**harra**), irrompe num rompante: irrefreado, livre.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **libertas**, que, por sua vez, vem de **liber**. Este significa livre, e **libertas** é a condição de livre. Outro conceito severamente abstrato, cujo significado varia de acordo com a perspectiva. Liberdade pode ser a de um povo, a de uma pessoa perante a outra, a de uma pessoa perante determinada situação. Enfim, muitas coisas.

História da grafia no tempo-espaço (Letra L)

Grego	Fenício	Coreano	Tibetano
Λ λ	𐤋	ㄹ ㄹ	ལ

Liberdade: interpretação das crianças

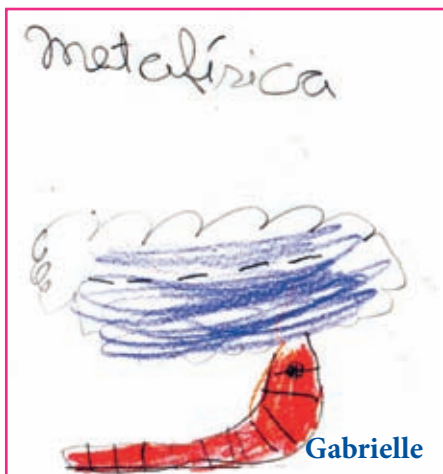
- “Liberdade é poder ir ao banheiro sem pedir à tia...”* **Pedro Luiz**
- “Liberdade é sair de uma prisão mental...”* **Gabriel Sanson**
- “Liberdade é ter liberdade de viver sua própria liberdade...”* **Gabriel Lima**
- “Liberdade é nosso ar livre...”* **Luca Level**
- “A liberdade nasce de um sonho que vem por dentro da gente...”* **Noahn**
- “Toda liberdade sonha em ser livre...”* **Anne Gabrielle**
- “Liberdade é lutar contra o poder...”* **Maitê**
- “Liberdade exige direitos...”* **Cecília**
- “A verdadeira liberdade não passa na Tv...”* **Luca Level**
- “Liberdade é sair de si e do lugar onde eu estava...”* **Amaryllis**
- “Liberdade é uma ousadia na vida...”* **André Luiz**
- “Não pode ter liberdade sem pensar profundamente...”* **Cecilia**
- “Se eu falar tudo eu perco minha liberdade...”* **Lucas Berrêdo**
- “Quanto tempo falta para liberdade chegar, tio?...”* **João Pedro**
- “Hitler tinha medo da liberdade, professor...”* **Vince**
- “Não posso saber o que é liberdade, só tenho 8 anos...”* **Gabriel Sanson**
- “Os gatos brigam no telhado disputando a melhor altitude...”* **Noahn**



Cecília



Gabriel



Gabrielle



Luca



Maitê



Vince

METAFÍSICA..... M, m.

Panorama geral

Metafísica é um esforço violento do pensamento em sair da concretude física das coisas, ou seja, é ir além e tocar no sentido real da aparência. Além disto, é um campo das disciplinas fundamentais da filosofia ocidental. Sem metafísica nem o amor ou deus seriam possíveis. A metafísica nos revela o grau de profundidade das aparências, coisas, objetos e naturezas instáveis. Os sistemas metafísicos, em sua forma clássica, tratam de problemas centrais da filosofia teórica: são tentativas de descrever os fundamentos, as condições, as leis, a estrutura básica, as causas ou princípios, bem como o sentido e a finalidade da realidade como um todo ou dos seres em geral. Por outro lado, é ramo central da metafísica é a ontologia, a investigação sobre as categorias básicas do ser e como elas se relacionam umas com as outras. Outro ramo central da metafísica é a cosmologia, o estudo da totalidade de todos os fenômenos no universo. Portanto as crianças são sentinelas da metafísica, pois são as primeiras a desconfiar da concretude material das coisas. O mundo está sempre na véspera de um acontecimento originário pronunciado pelo mundo das crianças. Segundo a filósofa negra brasileira Estamira: É ir no além dos além...

Fique sabendo

É a ciência que aspira ao que subjaz na aparência, ou dito de outra forma, a ciência que busca as linhas abstratas que tecem o real. CARDOSO, Ricardo, 2018.

Metafísica: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Ma wara tabi'a (م وراء طيب), sentença nominal. “(Aquilo) que (está) além da natureza” é como se traduz a expressão equivalente grega “metafísica”. Essa preposição “além”, em árabe, **wara**, tem o sentido do que está atrás, escondido, fora da visão, o que não pode ser visto. Relaciona-se ao verbo ocultar, esconder da vista, queimar ou enterrar, como se faz com um cadáver. E “natureza”, enquanto **tabi'a**, é tudo que se imprime, que deixa marca, rastro, o que assume uma estampa no mundo.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do grego **metaphisyká**, cunhada a partir da coleção de livros de Aristóteles “**metá tá physica**” (depois das coisas sobre a natureza). Inicialmente referindo-se apenas a uma coleção de escritos que vinham depois que Aristóteles falasse sobre a natureza, a palavra ganhou um significado outro, dizendo da filosofia que trata dos princípios fundamentais. Ironia ou não, ao longo da história do ocidente, esses princípios foram buscados além da natureza, além do real, além do mundo em que vivemos. A metafísica, como disciplina, surge, pois, de um erro de interpretação de um título de Aristóteles.

História da grafia no tempo-espaço (Letra M)

Fenício	Coreano	Tibetano	Nepal
𐤌	ㅁ	མ	एम

Metafísica: interpretação das crianças

A metafísica é uma meta da física. É uma prática das metas que é o nada...

André Luiz

“Metafísica é apontar metas...” **Gabrielle Cardoso**

“Metal que tem física...” **Vince**

“Metafísica são metas sem dias...” **Pedro Luiz**

“A metafísica é a capacidade máxima do ser humano...” **João Pedro**

“A metafísica é o pensamento mais profundo do ser humano...” **Maitê**

“A metafísica é o espaço que é o infinito...” **Amaryllis**

“Metafísica é o lugar que o tempo não fecha...” **Maria Luiza**

“Metafísica são metas para além das provas...” **Enzo**

“A metafísica ama o infinito...” **André Luiz**

“Os amigos indivisíveis moram na metafísica...” **Noahn**

“Tudo que é extraordinário é metafísico...” **André Luiz**

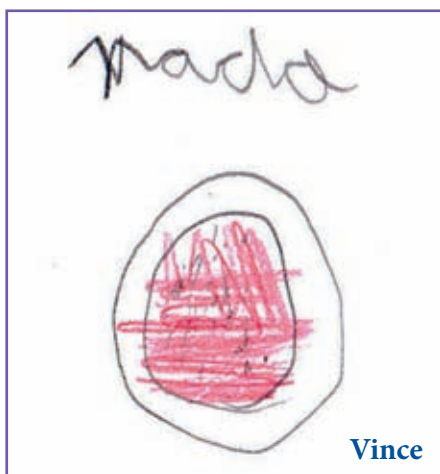
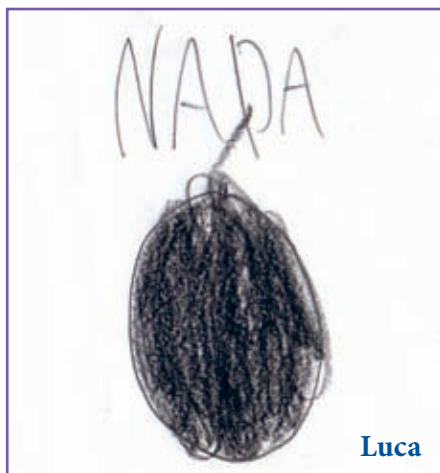
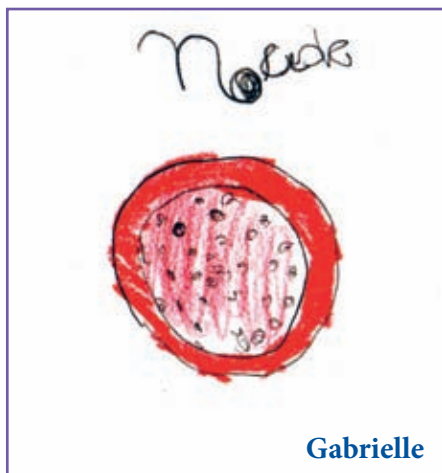
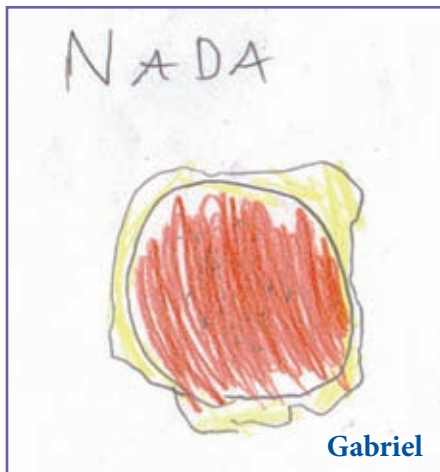
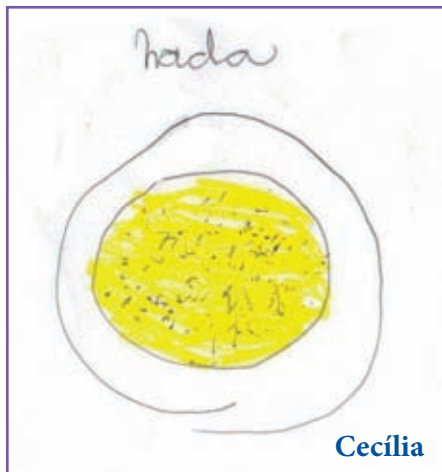
“Sem metafísica a matemática fica burra...” **Cecilia**

“A borboleta sem casulo fica feia...” **Cecília**

“O avião sem metafísica cai do céu...” **Luca Level**

“Buda ficou louco por que viu a metafísica...” **Lucas Berrêdo**

“A pele envelhece porque o tempo é metafísico...” **Vince**



NADAN, n.

Panorama geral

Do ponto de vista filosófico, o Nada é um conceito normalmente usado para descrever a ausência de qualquer coisa ou lugar. Sua referência abrange diversas questões: o vazio total, princípio da anti forma, ausência de qualquer coisa, espaço-total ou o ser e o nada. Em panoramas gerais no conceito de nada não existe nem o espaço, isto é, não há coisa alguma nem um lugar vazio para caber algo. O conceito de nada inclui também a inexistência das leis físicas que alguma coisa existente obedeceria, dentre elas a conservação da energia, o aumento da entropia e a própria passagem do tempo. Sendo o espaço o conjunto dos lugares, isto é, das possibilidades de localização, sua inexistência implica a impossibilidade de conter qualquer coisa. Isto é, não se pode estar no nada. O nada é, pois, um não-lugar. O budismo por tibetano acredita que o princípio originário partiu do nada esvaziado de forma. Matematicamente de modo introdutório o conceito de nada é equivalente ao de "conjunto vazio", que é o conjunto que não possui elementos, mas é um elemento do conjunto dos subconjuntos de um conjunto (chamado de conjunto das partes). Assim este "nada" matemático, seria sempre um dos elementos de qualquer conjunto. Esta concepção, aplicada à física, todavia, não possui base fenomenológica sustentável, pois a física não é a matemática em si, embora se possa tratar as coisas físicas por modelos matemáticos, ou modelos físico-matemáticos, construindo-se física.

Fique sabendo

Segundo Henri Bergson, a noção de nada se deve ao fato de que, para a consciência, "a insistência na noção de que antes de, ou debaixo de, todas as coisas não há nada, ou há o Nada, deve-se ao fato de 'os hábitos de ação' se impuserem a nós em nosso processo de pensamento". Toda ação é iniciada por uma insatisfação, por um sentimento de ausência causado pela falta de alguma coisa julgada útil.

Nada: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Nada – Mba'ewe.

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Nada – **Ohunkóhun** (No sentido de qualquer coisa ou coisa alguma).

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Sifr (رِفص), subst. neut. O conceito de nada entra em nossa cultura através da língua e da matemática dos povos árabes. Não existia no pensamento grego, nem no latino. Os árabes denominam o nada com a palavra **sifr**, que, curiosamente, entrou na nossa língua para nomear o numeral zero e o termo “cifra”, o vazio e a totalidade (sendo também um enigma). Vale notar que os antigos sistemas numéricos dos babilônicos, dos egípcios e dos indianos já conheciam o zero, que começa a ser introduzido na Europa apenas no final da Idade Média.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim tardio **res nata** (coisa nascida). Vale ressaltar que a expressão **res nata** era usada geralmente em contextos negativos e acompanhada de advérbios e substantivos com valor de negação e seu valor negativo advém daí, com o esquecimento desses acompanhantes e a palavra assumindo para si a carga negativa que traziam. Seu valor, então, é inicialmente positivo, refere-se a alguma coisa que está aí, que existe, algo que nasceu. O seu sentido de “ausência de algo” vem do uso prático e oral da expressão, tornando a coisa nascida em algo que não é. Em latim, as palavras para nada são **nihil** e **nihilum**, e trazem o sentido de coisa nenhuma, menos que muito pouco. A palavra nada é um caso especial, pois ao contrário de muitas palavras em outros idiomas que para negar que há alguma coisa possuem um prefixo com valor de negação, a nossa palavra traz em si essa ironia de grande potencial filosófico: etimologicamente, o nada é alguma coisa.

História da grafia no tempo-espaço (Letra M)

Fenício	Coreano	Tibetano	Guzerate
			

Nada: interpretação das crianças

“Nada: Universo vazio...” **Anne Gabrielle**

“O nada é algo que não existe...” **Maria Luiza**

“O nada é um espaço sem nada...” **Cecilia**

“O nada é o tempo divertido da escola...” **Pedro Luiz**

“O nada é um local (espaço vazio), é zero vezes zero...” **André Luiz**

“O nada é um espaço cheio de nada...” **Gabrielle Cardoso**

“O nada é o gosto da água...” **Heitor**

“O nada é um lugar inacessível...” **Natan**

“O nada é um tempo desinteressante...” **Cecília**

“O nada é um zero na prova...” **Gabriel Sanson**

“O nada é uma razão do nada ou um espaço vazio de um nada...”

Amaryllis

“Nada é passar fome sem nada pra comer...” **Enzo**

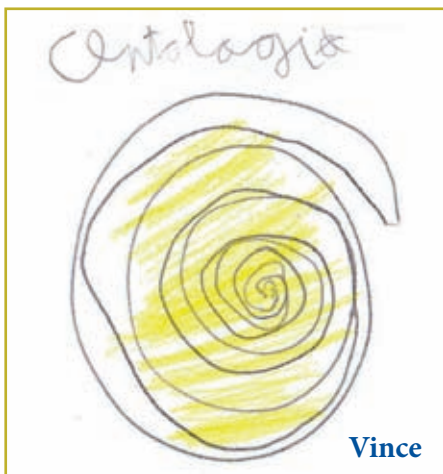
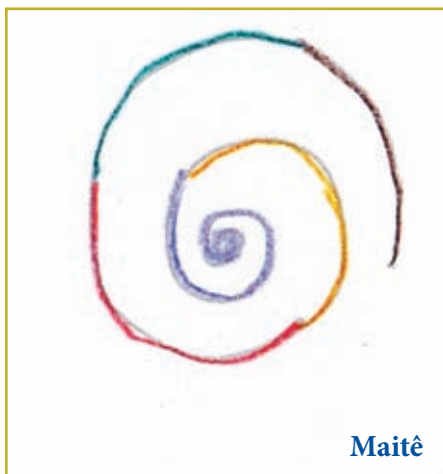
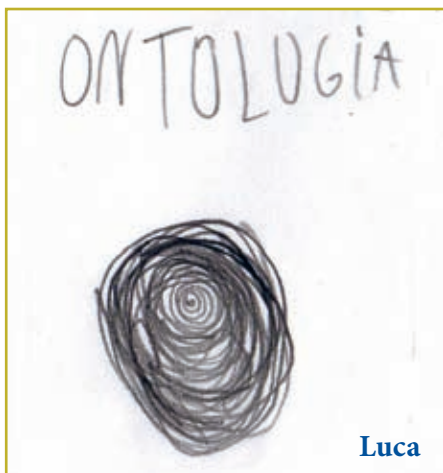
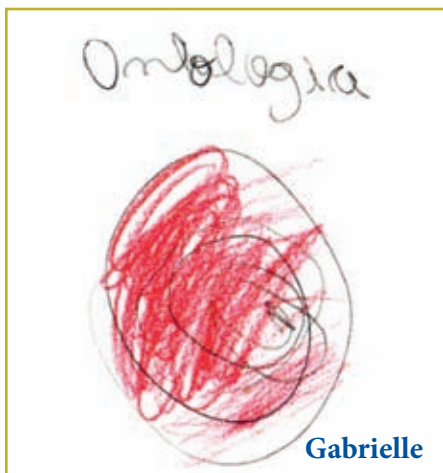
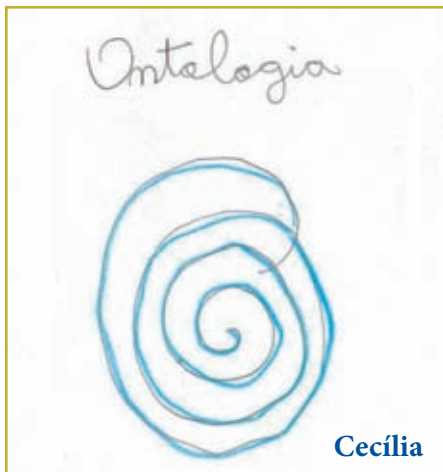
“Nada é um espaço aonde não tem nada...” **Noahn**

“O nada é acordar sem mãe...” **André Luiz**

“Não posso preencher nada, pois não sei o que é nada...” **Gabriel Lima**

“Nada é um peixe nadando...” **Pedro Luiz**

“O nada é atoa e sem nada...” **Natan**



ONTOLOGIA..... O, o.

Panorama geral

Território da filosofia, onde é a parte da metafísica que trata da natureza, realidade e existência dos “seres abstratos”. A ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres objeto de seu estudo amplificado, as natureza do real. A aparição do termo data do século XVII, e corresponde à divisão em disciplinas, seccionando-as em metafísica geral (ontologia) e as especiais (Cosmologia Racional, Psicologia Racional e Teologia Racional). Embora haja uma especificação quanto ao uso do termo, a filosofia contemporânea entende que Metafísica e Ontologia são, na maior parte das vezes, sinônimos, muito embora a metafísica seja o estudo do ser e dos seus princípios gerais e primeiros, sendo, portanto, mais ampla que o escopo da ontologia. Assim, podemos observar o estudo das totalidades, investigações da origem das coisas e naturezas instáveis.

Fique sabendo

*“É a indagação que visa o ser enquanto ser, não como mera entidade formal, nem como existência, mas como aquilo que torna possíveis as existências”,
Martin Heidegger.*

Ontologia: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Árabe

‘**Ilm Al-wujud** (دوجولاً ملع). É a “ciência do ser”, ciência que estuda o ser. Sua origem no ocidente está no tratado A Metafísica, de Aristóteles. Tanto na tradição ocidental quanto na tradição árabe o estudo do ser está muito relacionado à Teologia, já que segundo o texto bíblico (e o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo partilham uma origem bíblica) apenas Deus é. “Eu sou aquele que é.” (Ex, 3:14,15). O que significa dizer que apenas Deus é imutável, é sempre o mesmo. O homem, por ser afetado pelo tempo, muda, se transforma, é transformado e perece.

Tradução e noções etimológicas do Latim

É formada pelas palavras gregas **on** (ser, ente, o que está sendo) e **lógos** (discurso, fala). Palavras que terminam em “logia” referem-se a estudos, ciências. Assim sendo, ontologia é o estudo do ente, do ser, do que está sendo. Também pode-se entender ontologia como os discursos que se fazem a respeito do ser (ou do ente).

História da grafia no tempo-espaço (Letra O)

Fenício	Africâner	Dinamarquês	Esperanto
○	die	den	Ho

Ontologia: interpretação das crianças

“Ontologia é de onde vêm os seres...” **Anne Gabrielle**

“Ontologia é algo que não existe...” **Maria Luiza**

“Ontologia é onde nascem os sonhos...” **Cecília**

“Ontologia é um espaço sem sentido...” **Pedro Luiz**

“Ontologia é instante da cor...” **André Luiz**

“Ontologia é a origem do universo...” **Gabrielle Cardoso**

“Ontologia é a origem da origem...” **Heitor**

“Ontologia é a origem da vida...” **Natan**

“Ontologia é de onde a gente veio...” **Gabriel Sanson**

“Ontologia espaço de uma origem física...” **Amaryllis**

“Ontologia significa um...” **Enzo**

“Ontologia significa alguma coisa de alguma coisa...” **Noah**

“Ontologia é o que a gente encoisa...” **Gabriel Lima**

Registro dos estudantes do 4º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 8 -10 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, e escritas pelos estudantes do Colégio Divina Providência – RJ: 9 de Julho de 2018.

História da Escrita

A escrita como arte visual

O alfabeto árabe também é descendente do fenício, por um caminho obscuro que passa pelo aramaico. As primeiras inscrições em árabe datam do ano de 512 d.C. O grande impulso da escrita árabe se deve ao fato de que o livro sagrado do Islã – o Alcorão – foi escrito e propagado neste idioma. A era Islâmica tem o seu início contado a partir da fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 d.C.

Manuscrito da coleção da British Library



Oração em árabe da 2ª metade do século XIX, com texto do Alcorão. Da costa leste da península malaia, provavelmente Kelantan ou Patani.

Painel caligráfico Otomano do século XVIII com a frase xiita “Ali é o representante de Deus”, criando uma imagem espelhada perfeita.

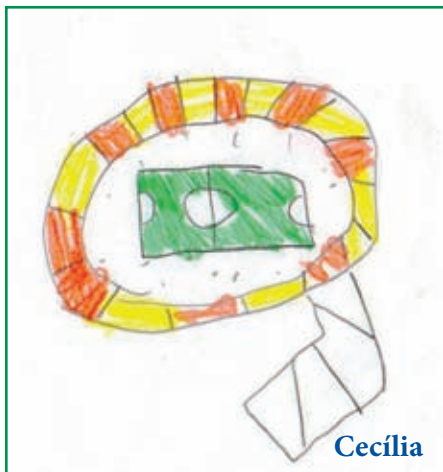
Com a expansão da religião islâmica, este alfabeto se espalhou por todo o norte da África, Oriente Médio e Ásia. É o segundo sistema alfabético mais utilizado no mundo, atrás apenas do alfabeto latino. O árabe é escrito da direita para a esquerda, como o hebraico.

A escrita árabe é um *abjad* (também denominado consonantário, um sistema de escrita em que só as consoantes são grafadas, e o leitor tem que interpretar e completar com as vogais corretas). A representação das vogais também pode ser feita através de um sinal gráfico sobre ou sob as letras, e não tem letras maiúsculas ou minúsculas. É usado na língua árabe, no persa e nas línguas berberes.

O Islã proíbe todo o tipo de representação realista, o que elevou a caligrafia árabe a uma verdadeira obra de arte visual, com diferentes estilos. A palavra do Alcorão é o ponto de partida para elaboradas decorações e arabescos, com uso de cores e formas sofisticadas. (O Editor)

Foto: Biblioteca do Congresso dos EUA

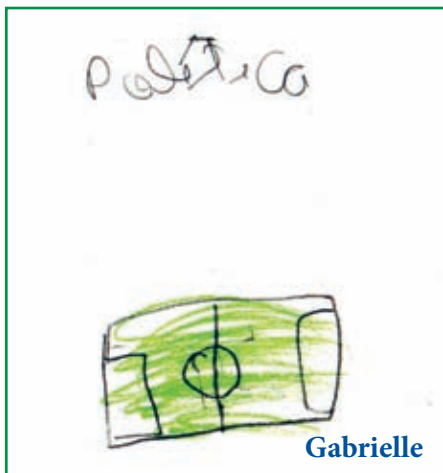




Cecília



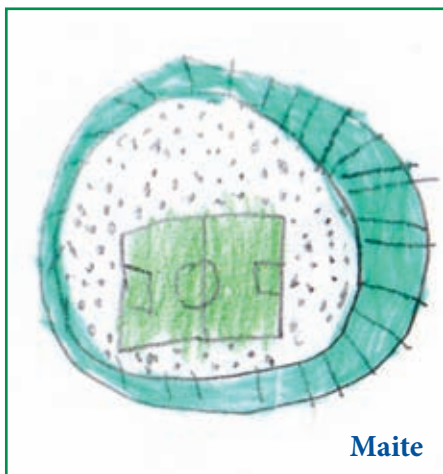
Gabriel



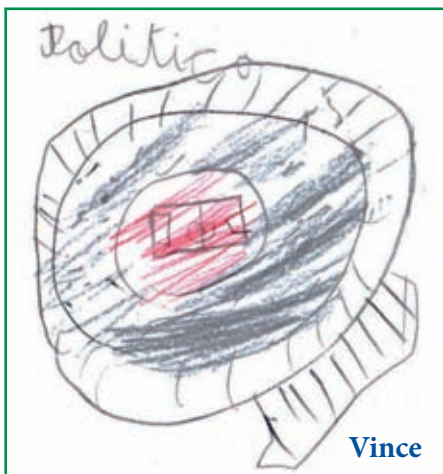
Gabrielle



Luca



Maite



Vince

POLÍTICA..... P, p.

Panorama geral

A política é a filha originária da cidade, onde seus atores históricos conflitam na dinâmica da vida em sociedade. O homem para Aristóteles é animal político. Filosofia política é uma vertente da filosofia cujo objetivo é estudar as questões que envolvem a convivência do ser humano e dos grupos humanos. Na prática é o estudo de questões fundamentais que envolvem o Estado, a política, o governo, a justiça, a liberdade e o pluralismo. Atua como um código de ética em que os integrantes da sociedade e ela própria devem saber como agir. No campo dos direitos individuais engloba: o direito à vida, à liberdade, à autodefesa e à propriedade. A filosofia na política nos pergunta: "o que é um governo?"; "Por que os governos são necessários?"; "como é possível haver um governo legítimo?"; "Como o governo pode assegurar os direitos e liberdades"? E, ainda, "quando e como um governo deve ser legitimamente derrubado". No Brasil do século XXI, a cultura política ainda está em nascedouro nas ruas em chamas. Somos uma sociedade que nascemos sem povo, logo estamos em processo de montagem para o uso do "bem" ou do "mal".

Fique sabendo

De uma forma geral, por política, entende-se a atividade humana que visa classificar, ordenar e organizar os indivíduos que compõem um grupo social, bem como regular as suas relações com o meio que o cerca. Para isso, diz André Leroi-Gourhan, é preciso que o homem estabeleça uma memória de palavras e constitua um espaço humanizado.

Política: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Política – **Mboruwixa** é aquele que lidera seu povo sua comunidade essa pessoa tem sabedoria para resolver qualquer situação de dificuldades e problemas na qual coordena. Seria (**teko**) modo de ser de cada indivíduo por isso cada pessoa tem sua forma própria embora seja discutido coletivamente. Onde se constroem **teko** dos coletivamente chamamos (**tekoha**) seria aldeia.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Siyasa (سياسة), subst. fem. Significa administração. Distancia-se, assim, do contexto ocidental do acordo, da conciliação dos interesses. Em seu sentido na língua árabe a palavra política diz da liderança e da capacidade de governar, administrar o comum.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do grego **politiké**, refere-se ao modo de ser e estar na **polis** (cidade-Estado grega). A política é tudo aquilo que acontece dentro da **polis**. Como todo conceito, abstrato. E seus significados estão sempre relacionados às perspectivas. O que, contudo, sempre se mantém é que está relacionado às relações interpessoais que se dão dentro de uma comunidade.

História da grafia no tempo-espaço (Letra P)

Grego	Fenício	Coreano	Forma suméria
Π π	𐤐	ㅍ	𐎶

Política: interpretação das crianças

“Política é a razão do governo...” **Anne Gabrielle**

“Política é algo que decide as coisas...” **Maria Luiza**

“Política é algo que decide as leis...” **Cecília**

“Política é mais preso e menos policial...” **Pedro Luiz**

“Política é a pessoa boa x a pessoa má...” **André Luiz**

“Política é liberdade e respeito...” **Gabrielle Cardoso**

“Política é o que o Brasil não tem...” **Heitor**

“Política é discussão e briga na sala...” **Natan**

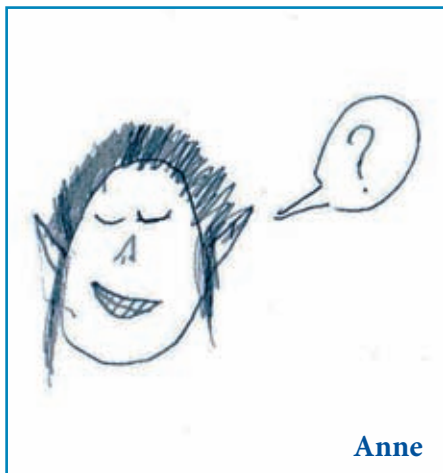
“Política é falta de justiça...” **Gabriel Sanson**

“Política é uma regra ou uma lição...” **Amaryllis**

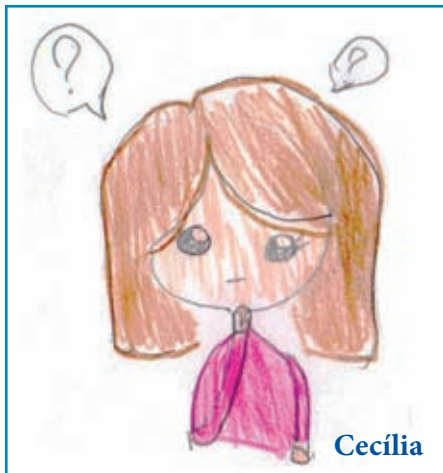
“Política lugar de gente suja...” **Enzo**

“Política é algo que nasci sem saber...” **Noah**

“Política é a gente respeitar das pessoas...” **Gabriel Lima**



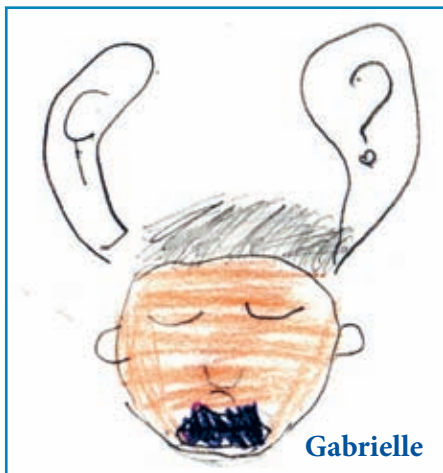
Anne



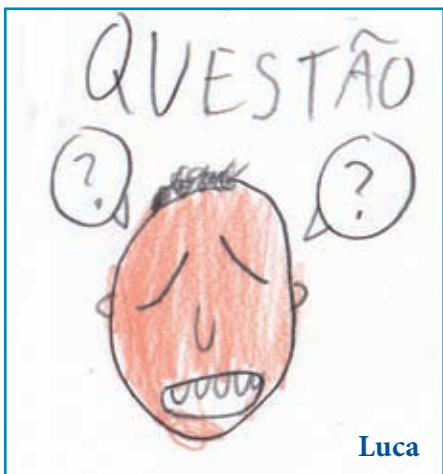
Cecília



Gabriel



Gabrielle



Luca



Maitê

QUESTÃO..... Q, q.

Panorama geral

Toda questão está sempre endereçada aos problemas de ordem social, política, ética ou metafísica. A questão é o lugar mais perigoso para o filósofo, pois deste lugar será a condição do enunciado de problemas. O filósofo por sua vez deve criar questões para que alargue novos horizontes. O tema questão na filosofia possibilita o suporte inaugural para o lavamento de problemas permanentes que geram desconforto no espaço da vida. As questões põem o cenário dos problemas, conceitos, categorias e exige criação de ferramentas epistemológicas diante de temas inaugurais investigados pelo filósofo. Desde a antiguidade, a filosofia tem seguido uma direção para além da ciência investigativa tradicional. Os filósofos têm uma licença para especular sobre tudo, seja a metafísica, ética, e até a moral, e isso significa que eles podem esclarecer algumas das questões básicas da existência. Com tantos questionamentos, os filósofos conseguiram gerar becos sem saída do pensamento, criando proposições de índole metafísica que parecem residir nas fronteiras de nossa capacidade intelectual. Dessa maneira, as questões exigem do filósofo o rigor de um escultor do pensamento esquivando de falsos problemas.

Fique sabendo

“Aquilo que é posto em discussão; sujeito do qual se trata. Primitivamente: pesquisa, enquête, investigação”, André Lalande.

Questão: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guaraní

Questão – Porandu (pergunta)

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Questão – Ìbere

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Mushkila (مَشْكِلَة), subst. fem. Provém do nome **shakl**, que significa forma, a aparência, figura, padrão, maneira, tipo, ou espécime. Curiosamente este nome provém do verbo **shakala**, que significa ser dúbio, ambíguo, vago, enganoso. Ou seja, toda forma, toda aparência é, já em si, um problema, uma questão, um logro.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **quaestio**, busca, procura. A questão é, então, uma busca. Em um sentido filosófico, essa busca é por aquilo que já se apresenta. Questionar é buscar o que está em aberto e constantemente se apresenta para nós. Assim, nós questionamos (buscamos) a questão e ela também nos questiona (busca).

História da grafia no tempo-espaço (Letra Q)

Grego	Fenício	Aramáico	Turco
Ϟ	𐤒	ܩ	Ս

Questão: interpretação das crianças

“Questão é dúvida diária...” **Anne Gabrielle**

“Questão é uma pergunta...” **Maria Luiza**

“Questão é uma coisa que precisa ser resolvida...” **Cecília**

“Questão é coisa que tem na prova...” **Pedro Luiz**

“Questão é a própria pergunta...” **André Luiz**

“Questão é por perguntas...” **Gabrielle Cardoso**

“Questão é uma pausa pra ter dúvidas...” **Heitor**

“Questão é a prova que virá...” **Noanh**

“Questão é o lugar que nos testa...” **Gabriel Sanson**

“Questão é uma coisa cheia de questões...” **Amaryllis**

“Questão é saber se o Brasil vai ganhar a Copa...” **Enzo**

“O amor é uma questão...” **Gabriel Lima**



RAZÃO..... R, r.

Panorama geral

Razão, no sentido geral, é a faculdade de conhecimento intelectual próprio do ser humano, é um entendimento, em oposição à emoção. Esta palavra no ocidente moderno irá produzir grandes radicalidades no campo do pensar. É a capacidade do pensamento dedutivo, realizado por meio de argumentos e de abstrações. É a faculdade de raciocinar, de ascender às ideias. A palavra razão é usada em muitos sentidos, pode significar a habilidade para fazermos uma avaliação da maneira correta, em que prevalece o bom senso, e a prudência, em que nos sentimos seguros de algo ou que sabemos com certeza alguma coisa. Ex.: “Eu estou com a razão”. “Ele não tem razão”. Assim, usamos “razão” para nos referirmos a “motivos” de alguém, e também para nos referirmos a “causas” de alguma coisa, de modo que tanto nós quanto as coisas parecemos dotados de “razão”, mas em sentido diferente. Esses poucos exemplos já nos mostram quantos sentidos diferentes a palavra razão possui: certeza, lucidez, motivo, causa. E todos esses sentidos encontram-se presentes na Filosofia. Por identificar razão e certeza, a Filosofia afirma que a verdade é racional; por identificar razão e lucidez (não ficar ou não estar louco), a Filosofia chama nossa razão de luz e luz natural; por identificar razão e motivo, por considerar que sempre agimos e falamos movidos por motivos, a Filosofia afirma que somos seres racionais e que nossa vontade é racional; por identificar razão e causa e por julgar que a realidade opera de acordo com relações causais, a Filosofia afirma que a realidade é racional. Por outro lado, podemos pensar no âmbito amplificado de *pluracionalidades em jogo no ocidente em curso*.

Fique sabendo

*“A razão nada mais é do que a ligação entre os fenômenos”,
Rudolf Laban.*

Razão: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Razão – Busca de sabedoria, saber dialogar para isso precisa saber escutar (**hendu**).

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Razão – (no sentido de logos – sem paralelo)

Ìdí; Èrèdi (no sentido de causa, motivo).





Tradução e noções etimológicas do Árabe

Nisba (نسب), subst. fem. Proveniente da forma verbal **nasaba**, tecer relação. Seu sentido primeiro diz das afinidades pessoais, relações dadas pelo casamento, origens familiares.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **ratio**, significa cálculo, conta, causa explicação, sistema. Etimologicamente, a razão está associada à capacidade de contar e calcular. Ter a razão é nada mais do que ter uma explicação. O pensamento que conta e calcula é o racional. Construir edifícios, erguer casas, fazer armas de guerra e aquedutos – todas as ações feitas através do cálculo, ou seja, da razão. Irracional é, então, aquilo que não é cálculo, não é conta, não é sistema, isto é, outras possibilidades do pensamento além da capacidade de calcular.

História da grafia no tempo-espaço (Letra R)

Forma ancestral Mediterrânica reconstruída	Fenício	Malaiala	Lídche
 ra's / cabeça			

Razão: interpretação das crianças

“Razão é uma forma de pensar...” **Enzo**

“Razão é concordar com tudo...” **Noah**

“Razão é uma organização de pessoas...” **Gabriel Lima**

“Razão é estar sempre certa...” **Anne Gabrielle**

“Razão é algo quando a gente faz por alguma razão...” **Maria Luiza**

“Razão é a raiz quadrada da razão duas vezes...” **Cecília**

“Razão é o que falta no mundo...” **Pedro Luiz**

“A razão um dia será proibida...” **André Luiz**

“Certeza de ter certeza...” **Gabrielle Cardoso**

“A razão é o propósito da vida...” **Heitor**

“Razão é quando se concorda com a opinião do mundo...” **Natan**

“Só há razão se tiver pensamento...” **Gabriel Sanson**

“Não gosto da razão ela não gosta de brincar...” **Amaryllis**



Guilherme M.



Heitor



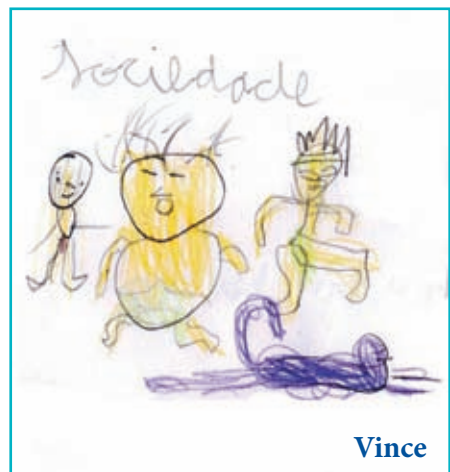
Ivan



Maria Flor



Rafael



Vince

SOCIEDADE.....S, s.

Panorama geral

A sociedade é objeto de estudo comum das ciências humanas e ciências sociais, especialmente a sociologia, a história, a antropologia e a geografia. As sociedades estão sempre num campo de disputa e tensões. Além disto, cada sociedade traz seu projeto de cidade, estado e política. Portanto, é um grupo de indivíduos que formam um sistema semiaberto, no qual a maior parte das interações é feita com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Uma sociedade é uma rede de relacionamentos entre pessoas. Uma sociedade é uma comunidade interdependente. O significado geral de sociedade refere-se simplesmente a um grupo de pessoas vivendo juntas numa comunidade organizada. A sociedade pode ser vista como um grupo de pessoas com semelhanças étnicas, culturais, políticas e/ou religiosas ou mesmo pessoas com um objetivo comum. Uma delimitação física (como um território, um país ou um continente). Assim, viver em sociedade é uma dança de ouriços e divergência de ideias no campo da política.

Fique sabendo

Num sentido geral: “conjunto de indivíduos entre os quais existem relações organizadas e dos serviços recíprocos. Nesse sentido temos as sociedades animais em geral que tendem a um objetivo final que pode ser a nutrição e a reprodução dos indivíduos que a constituem, ou a necessidade da defesa comum, ou da satisfação que resulta de sua reunião com seus semelhantes” (Alfred Espinas), nesse caso os indivíduos são governados exclusivamente de dentro, pelos instintos (Émile Durkheim).

Num sentido estrito: “conjunto de indivíduos cujas relações são consolidadas em instituições, e muito frequentemente, garantidas pela existência de sanções que fazem sentir aos indivíduos a ação e o constrangimento da coletividade”, nesse caso os indivíduos são governados de fora, é o caso das sociedades humanas (Émile Durkheim).

Sociedade: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Sociedade – ywy pory kuera.

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Sociedade – Egbé.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Mujtam'a (مجمع), subst. neut. Proveniente da palavra reunião, ajuntamento, agrupamento.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **societas**, e esta palavra, por sua vez, vem de **socius**, que é “aquele que tem algo em comum”. A sociedade é a reunião dessas pessoas que têm algo em comum, podendo ser este algo interesses públicos, particulares, familiares, financeiros, enfim, de qualquer tipo. A base da sociedade é algum interesse comum.

História da grafia no tempo-espaço (Letra S)

Grego	Fenício	Chinês tradicional	Armênico
Σ ς	𐤍	小號	Մ

Sociedade: interpretação das crianças

“Sociedade é briga de vizinhos...” **Enzo**

“Sociedade são pessoas estranhas...” **Noah**

“Sociedade é a gente numa forma...” **Gabriel Lima**

“Sociedade é morar na cidade...” **Anne Gabrielle**

“Pra ter sociedade tem que ter prédios e casas...” **Maria Luiza**

“Sociedade são varias pessoas juntas...” **Cecília**

“Sociedade é coisa que não existe no Brasil...” **Pedro Luiz**

“Sociedade são todas as pessoas que conhecemos na vida...” **André Luiz**

“Sociedade é uma comunidade de pessoas e com problemas...”

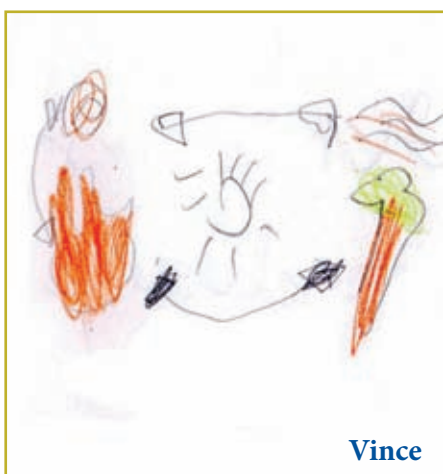
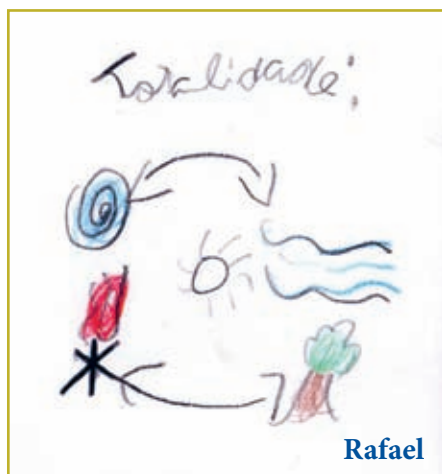
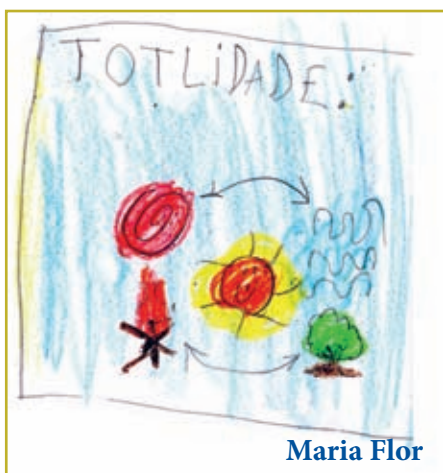
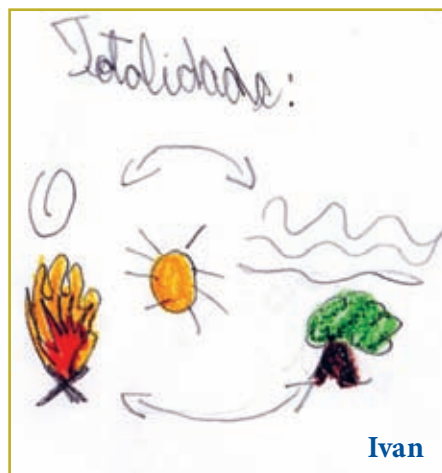
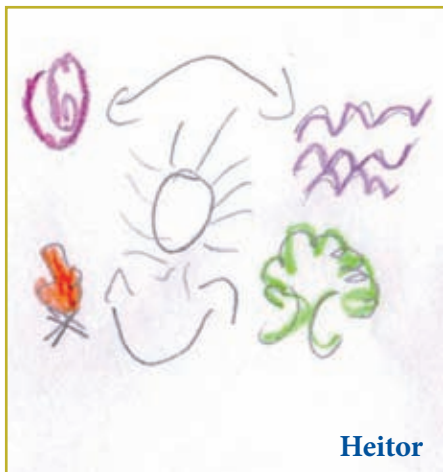
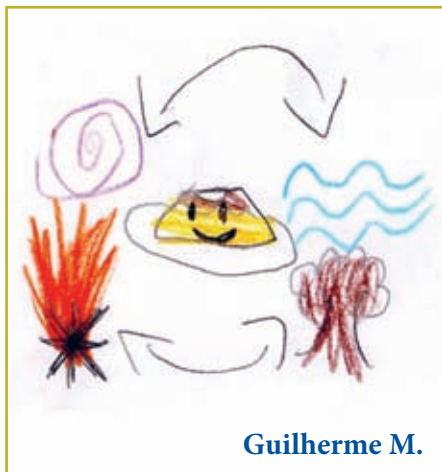
Gabrielle Cardoso

“Sociedade é o que o Brasil não tem...” **Heitor**

“Sociedades vivem no mundo...” **Natan**

“Sociedade é um bairro com moradores...” **Gabriel Sanson**

“Sociedade está no mundo inteiro...” **Amaryllis**



TOTALIDADE..... T, t.

Panorama geral

O termo totalidade se refere ao total. A noção de totalidade ligada à dimensão mais ampla do universo, enquanto realidade de todas as existências é uma ideia que remonta às antigas filosofias sejam elas classificadas como materialistas ou transcendentais / idealistas. Assim, podemos entender totalidade de modo simplificado enquanto: soma; conjunto de todas as partes ou seções que compõem toda a condição de ser total, inteiro, completo; integridade, universalidade e reunião de todas as partes que formam um todo. Posteriormente a ideia de totalidade, na época do cientificismo, passa a ser associada principalmente à dimensão externa e mensurável da realidade humana e social, entendendo-se o mundo da existência humano conexo a dimensão natural e biológica, embora esta dimensão estivesse contida na dimensão mais ampla do universo, razão porque a cosmologia e astronomia procuravam entender as determinações dos fenômenos, das coisas e da vida.

Fique sabendo

Reunião total das partes ou elementos constitutivos de um conjunto, de um todo; ou dito de outro modo, o conjunto das partes que totalizam um sistema. Como diz Henri Bergson, esta definição só é válida para os sistemas físicos, já os sistemas biológicos são constituídos por partes não totalizáveis.

Totalidade: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Totalidade – ha'e djawi we.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Kamāl (كامل), subst. neut. Provém da raiz **KML**, do verbo **ka-mala**, que significa estar pronto, completo, com todas as suas partes. Assim a totalidade seria a reunião de cada unidade de todas as partes existentes.

Tradução e noções etimológicas do Latim

É a qualidade do que é total. Adjetivo abstrato que tenta expressar o todo. Em latim se diz **totus**, e o sentido é o mesmo de “todo”. É possível que tenha correlação com a ideia de “povo”, “nação”, “tribo” e isso clarifique mais concretamente a ideia de totalidade. É preciso lembrar que a totalidade é sempre a totalidade de alguma coisa, e quanto mais universal, mais abstrata ela é.

História da grafia no tempo-espaço (Letra T)

Fenício	Tibetano	Árabe	Marata
𐤏	ཏ (ཏ)	ت	टी

Totalidade: interpretação das crianças

“Total da matemática...” **Enzo**

“Aquilo que seja total...” **Noah**

“Ultra mega fora da forma...” **Gabriel Lima**

“O todo da idade...” **Anne Gabrielle**

“É o total de alguma forma...” **Maria Luiza**

“É o total sendo todo...” **Cecília**

“É o todo...” **Pedro Luiz**

“O todo de todas as coisas...” **André Luiz**

“É o total de uma equação...” **Gabrielle Cardoso**

“É o todo da vida...” **Heitor**

“O total das formas do mundo...” **Natan**

“Totalidade parte de um todo...” **Gabriel Sanson**

“Totalidade é o infinito...” **Amaryllis**

Registro dos estudantes do 4º Ano do Ensino Fundamental I (faixa etária de 8 -10 anos de idade) na Oficina de Filosofia com crianças, e escritas pelos estudantes do Colégio Divina Providência – RJ: 9 de Julho de 2018.

História da Escrita

A palavra como modo de vida

Informação é poder. Na antiguidade a escrita era reservada a um pequeno grupo de nobres, sacerdotes e administradores. Os escribas do antigo Egito e da Mesopotâmia tinham papel importante na sociedade, sendo uma casta com vários privilégios. Era um aprendizado difícil e demorado, com punições corporais para os menos eficientes.

Em Roma os escribas estavam na estrutura do Estado, e era uma carreira com possibilidade de ascensão social para plebeus, libertos e seus filhos. Cuidavam, entre outras tarefas, de coletar e registrar as despesas do Estado. Na Bíblia os escribas são os doutores e mestres estudiosos das leis e da religião, muito considerados pelo povo, mas que se opõem às palavras de Jesus no Novo Testamento.

Na China esta estrutura foi refinada ao longo do tempo e os mandarins eram escolhidos por concurso pú-

Foto: Biblioteca do Congresso dos EUA

Foto do Editor



O Escriba Sentado é da quarta dinastia do Egito Antigo, cerca de 2600 anos a.D. Está em destaque no Museu do Louvre, Paris.

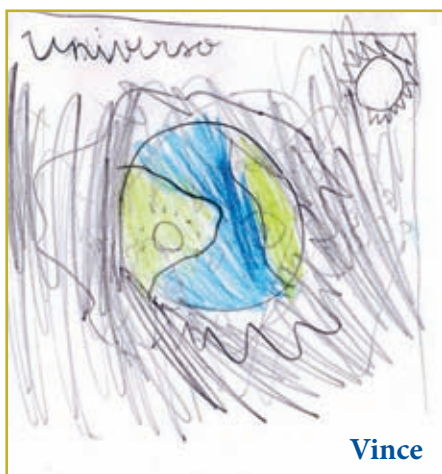
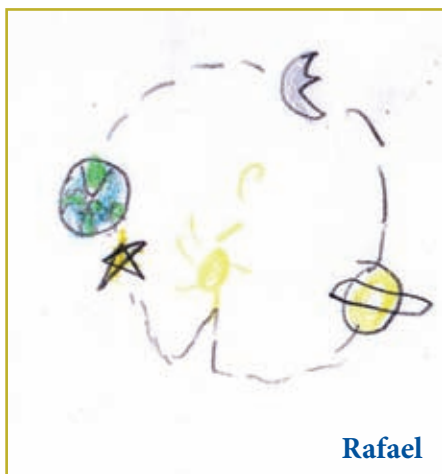
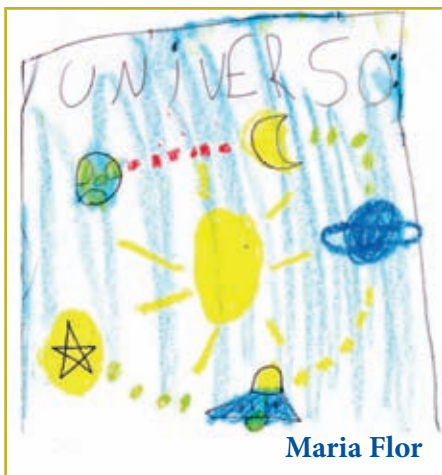
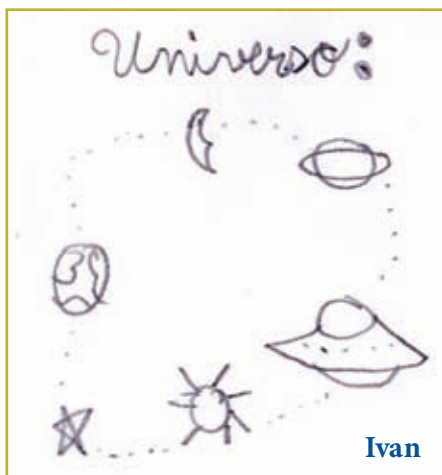
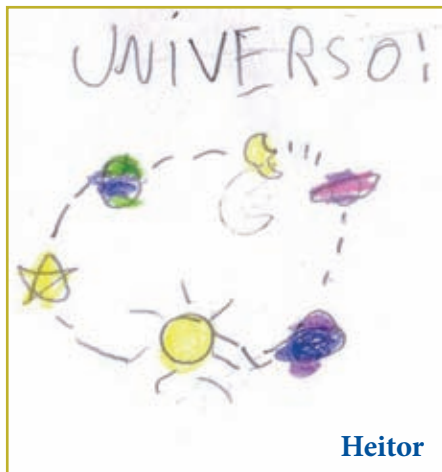
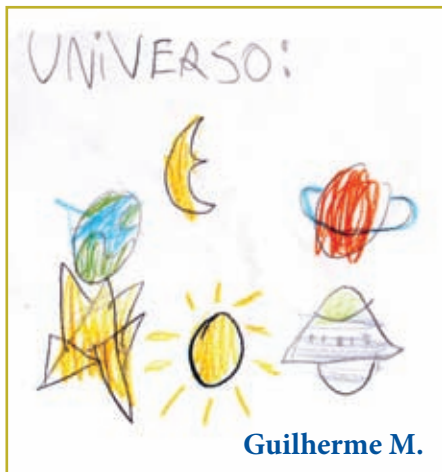
blico, com uma estrutura hierárquica dividida em civis e militares, com nove graus e duas classes em cada grau. Tinham o conhecimento das leis e burocracia do império e privilégios, símbolos e indumentárias próprias.

Na Idade Média os copistas vão ter um importante papel em preservar o conhecimento. Eram quase sempre monges, dedicavam-se diariamente à tarefa de copiar à mão os textos em pergaminho. Para valorizar os livros, as capitulares eram ricamente ilustradas. Com o aumento da procura por livros de vários tipos, a profissão começa a ser exercida por não religiosos, mas com baixo prestígio social. (O Editor)



Livro dos Salmos da rainha Isabella da Inglaterra, com os Salmos manuscritos em latim e anglo-normando, por volta do ano 1303.





UNIVERSO..... U, u.

Panorama geral

No período pré-socrático, as filosofias de Demócrito, Empédocles e Anaxágoras, foram tentativas de conciliar e superar essas duas posições extremas. De todas as mais significativa é a de Demócrito, que lançou os fundamentos de uma concepção rigorosamente científica do universo, concebendo-o como composto de átomos e de vazio. Os átomos e o vazio, assim como o movimento, são eternos, sempre existiram, e suas infinitas combinações dão origem a todos os seres. Na astronomia, o Universo corresponde ao conjunto de toda a matéria e energia existente. Ele reúne os astros: planetas, cometas, estrelas, galáxias, nebulosas, satélites, dentre outros. É um local imenso e cheio de tempos infinitos e outras dimensões.

Fique sabendo

“Conjunto da matéria e da energia acessíveis à observação do homem, objeto de estudo da Astronomia, da Astrofísica e da Cosmologia, Jérôme Robert”.

Universo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Universo – Ywy rupa (universo da terra).

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Universo – Àgbáyé.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Ālam (عالم), subst. neut. Três mundos compreendem a totalidade circundante, que é o universo: O mundo dos homens (originários do barro), o dos anjos (originários da luz) e o dos gênios (originários do fogo). Se no ocidente, o universo foi dividido em terra, céu e inferno, entre os antigos beduínos aqueles três mundos convergiam em ‘alam, ou seja, tudo aquilo que pode ser conhecido (‘alama significa conhecer). Por isso, apenas Deus e o Demônio conhecem o universo em sua totalidade.

Tradução e noções etimológicas do Latim

É a junção das palavras latinas **unus** (um) e **versus** (transformado). Assim sendo, universo é aquilo que foi transformado em um. Sua ideia principal refere-se à de totalidade. Traduções possíveis para **universus** e **universum** são totalidade, conjunto de todas as coisas, todo, tudo. Os filósofos romanos já utilizavam a palavra no mesmo sentido que nós, para se referir à totalidade das coisas que compõem nosso mundo.

História da grafia no tempo-espaço (Letra U)

Hindi	Amárico	Coreano	Sérvio
यू	ዩ	유	у

Universo: interpretação das crianças

“Lugar onde deus mora...” **Enzo**

“Puro espaço...” **Noah**

“O nosso planeta...” **Gabriel Lima**

“Espaço gigante...” **Anne Gabrielle**

“É onde nós nascemos...” **Maria Luiza**

“É onde moramos e morremos...” **Cecília**

“O mundo é filho do universo...” **Pedro Luiz**

“Universo intimidade pros filósofos...” **Andre Luiz**

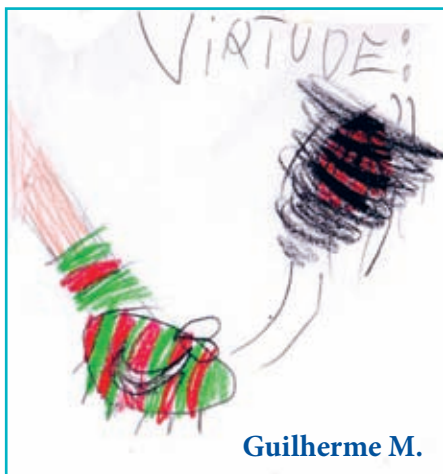
“Conjunto de estrelas em órbita...” **Gabrielle Cardoso**

“O infinito extenso...” **Heitor**

“Centro do mundo...” **Natan**

“O parque de deus...” **Gabriel Sanson**

“O dentro do infinito...” **Amaryliis**



Guilherme M.



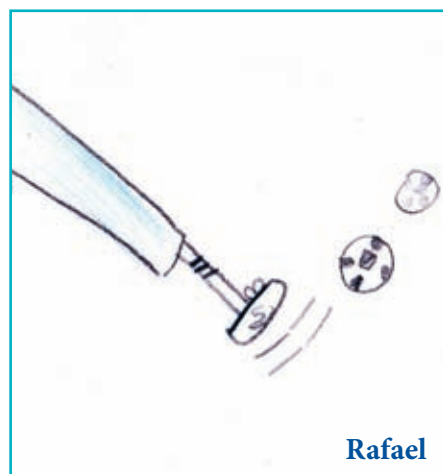
Heitor



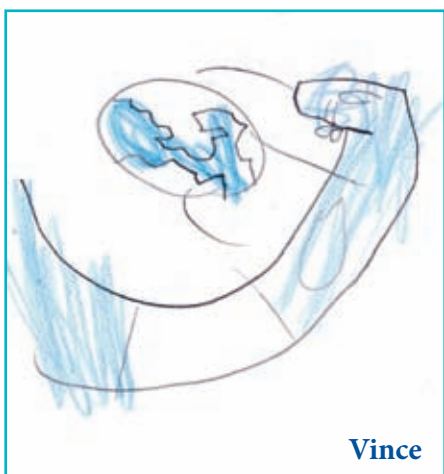
Ivan



Maria Flor



Rafael



Vince

VIRTUDE..... V, v.

Panorama geral

No campo filosófico a virtude se insere como temática trabalhada no campo da ética, estética e das relações sociais e políticas. Virtude em termos gerais é uma qualidade moral particular, uma capacidade exclusivamente humana da lapidação do ser. É uma disposição estável de praticar o bem; revela mais do que uma simples característica ou uma aptidão para uma determinada ação moral vinculada ao modelo cultural de cada sociedade. Segundo Aristóteles, é uma disposição adquirida de fazer o bem, e se aperfeiçoa com o hábito.

Fique sabendo

Significa “força”, “poder”, donde “poder de uma coisa”, “eficácia”, mas também “hábito”, José Ferrater Mora. Porém, “não basta contentar-se com dizer que a virtude é um hábito ou modo de ser, mas deve-se dizer também de forma específica qual é esta maneira de ser (...). A virtude é um hábito, uma qualidade que depende de nossa vontade, consistindo neste meio que faz relação conosco e que está regulado pela razão na forma em que o regularia o verdadeiro sábio. A virtude é um meio entre dois vícios”, Aristóteles.

Virtude: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Yorubá

Virtude – Ìwà-òrun.

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Muruwa (مورم), subst. fem. Na tradição árabe, desde a poesia épica pré-islâmica a virtude está intimamente ligada à tradição, sendo essencial à sobrevivência das tribos beduínas. A virtude era constituída por uma série de qualidades que o verdadeiro árabe deveria carregar, dentre as quais: a coragem na batalha, o respeito aos costumes e aos antepassados (o que compreende o sagrado cumprimento da vingança e dos rituais religiosos em geral), a eloquência nos discursos, a generosidade, e a criatividade poética.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do latim **virtus**, é a hombridade, a masculinidade, a força do homem, em suma, o conjunto de qualidades do homem (em latim, **vir**). Como essas mesmas qualidades eram o pilar da sociedade romana, a virtude, então, era simplesmente ser romano, seguir as normas daquela sociedade. Com o passar do tempo, virtude deixa de ser o conjunto de qualidades do homem romano e passa a designar o conjunto de qualidades de uma determinada sociedade. Assim, as virtudes são circunstanciais, nunca universais (embora por muitas vezes se arroguem universais).

História da grafia no tempo-espaço (Letra V)

Sérvio	Khmer	Urdu	Aramáico
B	𑄀	و	ܒ

Virtude: interpretação das crianças

“Virtude é algo que tem valor...” **Guilherme Machado**

“Virtude é não brigar com os colegas...” **Luiza Pereira**

“Virtude é ser você mesmo...” **Maria Flor**

“Virtude é acordar tarde no domingo...” **Guilherme Rosa**

“Virtude é amor da família...” **Rafael Henrique**

“Virtude é não fazer bagunça na sala...” **Enzo**

“Virtude é um signo...” **Noah**

“Coisa valiosa...” **Gabriel Lima**

“Virtude é atitude...” **Anne Gabrielle**

“Virtude é a qualidade máxima de um ser humano...” **Maria Luiza**

“Generosidade imensa...” **Cecília**

“Coisa virtual...” **Pedro Luiz**

“Virtude são todas as bondades...” **André Luiz**

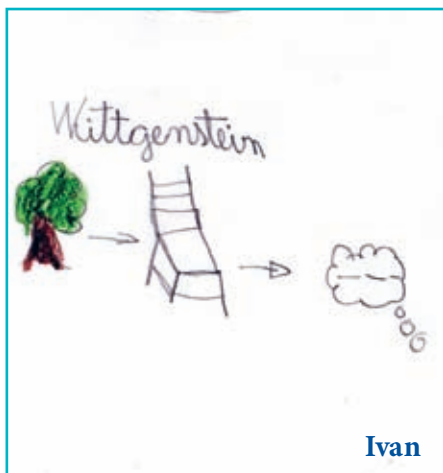
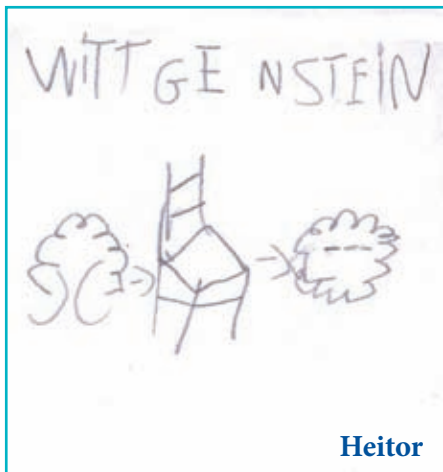
“Virtude são conquistas...” **Gabrielle Cardoso**

“Riqueza e poder...” **Heitor**

“Ser corajoso...” **Natan**

“Virtude é ter humildade...” **Gabriel Sanson**

“Amor e respeito...” **Amaryllis**



WITTGENSTEIN W, w.

Panorama geral

Ludwig Josef Johann Wittgenstein foi um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século XX, filósofo da matemática, integrante do Círculo de Viena e contribuiu para a renovação da Lógica no século XX.

Fique sabendo

“O que se expressa por si mesmo na linguagem, não podemos expressá-lo mediante a linguagem (...) o que se pode mostrar não se pode dizer”, enunciado que sintetiza a filosofia de Wittgenstein.

Wittgenstein: Variações culturais

Filósofo austríaco, naturalizado britânico, do final do século XIX.

História da grafia no tempo-espaço (Letra W)

Urdu	Punjabi	Grego antigo	Nepalês
ویلبڈ	ਡਬਲਜੂ	Ϝ ϝ	डब्ल्यू

Wittgenstein: interpretação das crianças

“Linguagem do planeta...” **Enzo**

“A língua...” **Natan**

“Língua falada em países...” **Noah**

“Nossa linguagem falada...” **Gabriel Lima**

“Forma de falar...” **Anne Gabrielle**

“É o nosso modo de falar...” **Maria Luiza**

“É poder falar sem aparelho dental...” **Cecília**

“Futebol, ping pong e correr...” **Pedro Luiz**

“É uma língua que age...” **André Luiz**

“Linguagem estrangeira...” **Anne Gabrielle**

“Culturas diferentes...” **Heitor**

“A linguagem do oriente...” **Amaryllis**

“É um tipo de gíria...” **Gabriel Sanson**

História da Escrita

Domínio público, wikimedia.org



Gutenberg em uma gravura em cobre do século XVI. Em sua mão uma matriz para tipos.

Gutenberg em uma gravura em cobre do século XVI. Em sua mão uma matriz para tipos. Na China já existam os tipos móveis em madeira e cerâmica, mas não foi muito difundida numa escrita com milhares de caracteres. A prensa de madeira é usada para serviços agrícolas e fabricação do papel.

A grande invenção de Gutenberg foi juntar elementos já existentes, criar um método para a produção em massa dos tipos metálicos e fazer livros de modo rentável para a gráfica e para os leitores. A Bíblia de 42 linhas foi sua obra-prima, com cerca de 180 exemplares impressos ao longo de cinco anos e terminada em 1455, com uma bela estética e alta qualidade técnica.

Foto: NYC Wanderer (Kevin Eng) – originally posted to Flickr



Bíblia de Gutenberg na Biblioteca Pública de Nova York. Exemplar comprado por James Lenox em 1847.

Gutenberg impacta o mundo

Depois de milhares de anos de história, a escrita tem sua maior revolução em meados do século XV com a invenção do alemão **Johannes Gutenberg**: os tipos móveis de metal, a prensa móvel e todo um sistema de produção em série de livros e impressos.

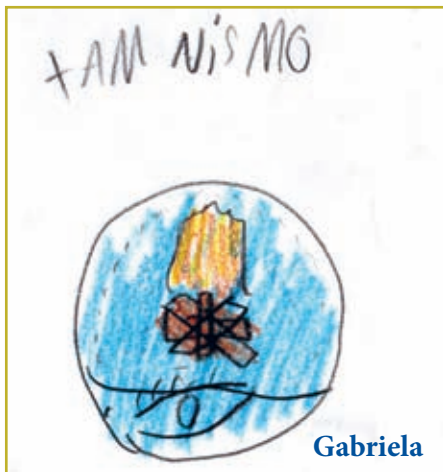
Naquela época a demanda por livros aumentava e os copistas não davam conta das encomendas. A impressão de livros com blocos de madeira (xilografura) começa a ser utilizada, mas também não é muito produtiva. Na China já existam os tipos móveis em madeira e

Foto: Willi Heidelbach, wikimedia.org

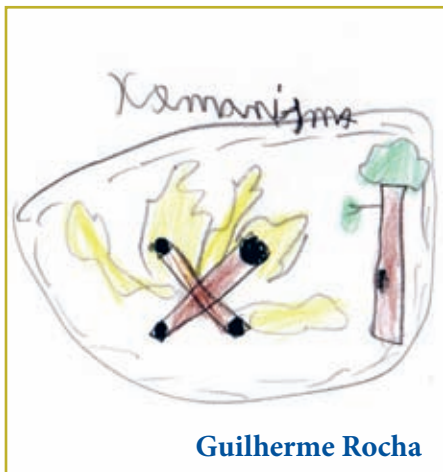


Tipos móveis justapostos numa componedor e a caixa de tipos, do ponto de vista do compositor tipográfico.

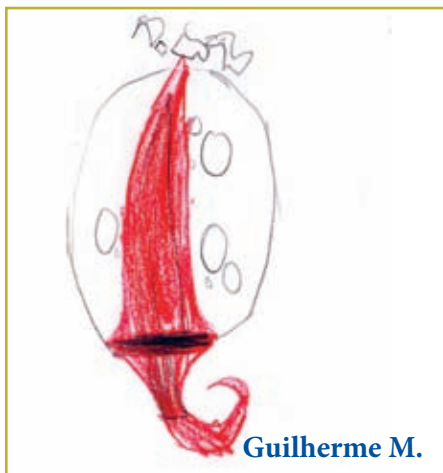
Esta tecnologia vai se expandir rapidamente, primeiro pela Europa e em seguida por todo o mundo. Em 1500 já existiam gráficas de Estocolmo a Constatinopla, de Lisboa a Cracóvia, com milhares de títulos produzidos (chamados de incunábulos) e milhões de exemplares impressos. Foi fundamental para a Reforma Protestante, o Renascimento e a Revolução Científica nos séculos seguintes. (O Editor)



Gabriela



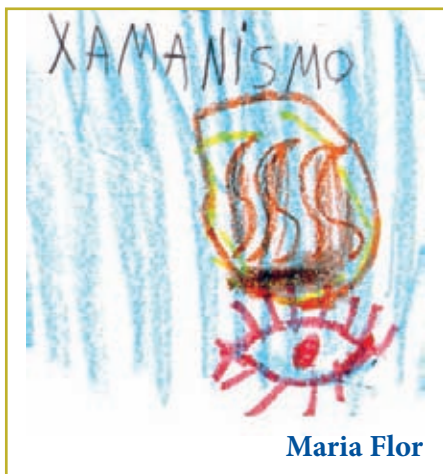
Guilherme Rocha



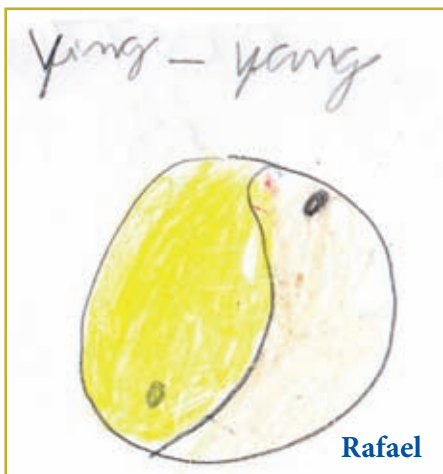
Guilherme M.



Luiza



Maria Flor



Rafael

XAMANISMO.....X, x.

Panorama geral

O Xamanismo é conhecido como a medicina da terra e tenha surgido junto com o homem primitivo, no período paleolítico. Para além de uma religião, o xamanismo é a ação de reconhecer que todos os indivíduos fazem parte de uma natureza universal e que a força e o reconhecimento individual só podem ser conquistados através da consciência e do contato com a natureza. É uma prática ancestral dos povos originários que busca estabelecer uma ligação com o sagrado e as forças anímicas da terra. Não é uma religião, pois não há livros canônicos nem uma mitologia específica. O xamanismo é, na verdade, um conjunto de rituais muito antigos, como danças e músicas que atravessam séculos. No Xamanismo as forças anímicas da terra revelam sua forma ancestral do ser bicho no humano integrado à totalidade.

Fique sabendo

*“É um estado de consciência intensificado, no qual o Xamã é capaz de perceber algo que a percepção comum não consegue. Nesse estado de percepção intensificada, o Xamã se serve de sua habilidade de usar campos de energia que não são empregados para perceber o mundo normal que conhecemos”,
Carlos Castanheira.*

Xamanismo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Guarani

Inharandu wa'e kuery (aqueles que têm sabedoria).

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Shamaniya (شامانية), subst. fem. Xamã foi uma palavra levada ao ocidente a partir do encontro entre os russos eslavos e a cultura pagã de Kazan. Todas as religiões, ocidentais ou não, monoteístas ou não, carregam consigo práticas de êxtase e revelação que podemos denominar xamanísticas. O xamã é aquele que caminha entre os dois mundos, é antes de tudo um necromante e um sábio. Profundo conhecedor das tradições de seu povo, de seus mitos, deuses e ciência.

Possivelmente, em nossa cultura, aquele que mais se aproxima da figura do xamã das estepes russas é o artista.

Tradução e noções etimológicas do Latim

A palavra xamã pode ter vindo de vários locais indo-europeus. Fico com a ideia de que está relacionada com o seguinte significado: aquele que sabe. Dessa forma, o xamã é uma espécie de filósofo, pois traz consigo a possibilidade do conhecimento. A diferença é que enquanto a filosofia, dentro da hegemonia ocidental, se encaminha para um pensamento da racionalidade (isto é, da conta, do cálculo), o xamanismo, nas suas múltiplas vertentes, é um pensamento de outra propriedade, com outra criatividade, explorando outras possibilidades do saber, tão válido quanto qualquer saber.

História da grafia no tempo-espaço (Letra X)

Grego	Coreano	Tâmil
X χ	≡	எக்ஸ்

Xamanismo: interpretação das crianças

“Magia e força...” **Enzo**

“Pura magia...” **Natan**

“Lama dos deuses...” **Noah**

“Mistérios com magia...” **Maitê**

“Forma de chamar...” **Anne**

“Muitas chamas...” **Maria Luiza**

“O chamado da terra...” **Cecília**

“O chama do nismo...” **Pedro Luiz**

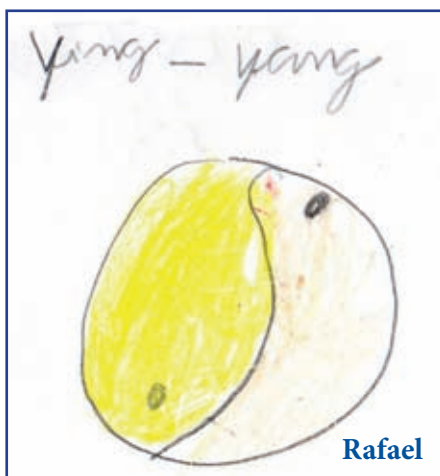
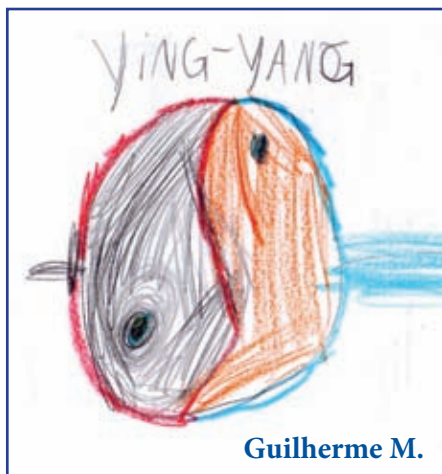
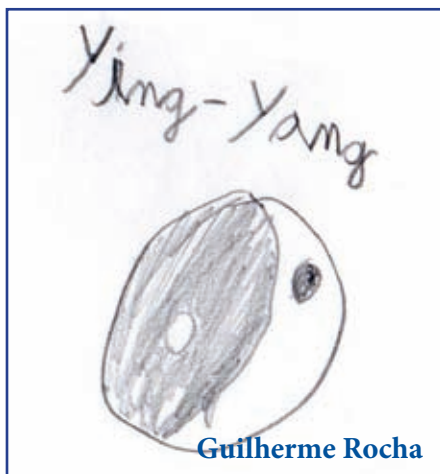
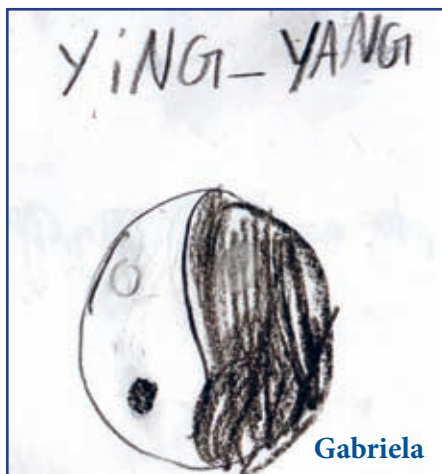
“Lugar que afasta as coisas ruins...” **André Luiz**

“Festa que reúne pessoas em chamas...” **Gabrielle Cardoso**

“Uma religião mágica...” **Heitor**

“O poder do bicho...” **Amaryllis**

“É tamborzão...” **Gabriel Sanson**



YING-YANG.....Y, y.

Panorama geral

A vida é de conflitos de forças. No Taoísmo, o Yin Yang simboliza o princípio gerador de todas as coisas do universo, a partir da união duas energias opostas e complementares entre si, o positivo e o negativo. Segundo a filosofia chinesa o Yin Yang é a representação do positivo e do negativo, sendo o princípio da dualidade, onde o positivo não vive sem o negativo e vice-versa. Yin e Yang são duas extremidades de pura expansão infinita: ambas se apresentam no momento em que a expansão atinge o ponto geométrico da separação, ou seja, quando a energia se divide em dois. Conceito primordial e essencial da filosofia chinesa "Tao", o Yin Yang é simbolicamente a dualidade de tudo que existe no universo, uma vez que, Yin é o feminino, a terra, o escuro, a noite, o frio, a lua, o princípio passivo, a absorção; e Yang é o masculino, o céu, a luz, o dia, o quente, o sol, o princípio ativo, a penetração. Dessa forma, juntos eles compõem a totalidade equilibrada do mundo manifestado em duas polaridades. Na filosofia chinesa do Tao, as sete leis que compõem os princípios do Yin e do Yang são:

Fique sabendo

Yin – É o princípio sombrio, da noite em que se dorme, do repouso, do passivo, do negativo, do frágil, do baixo, do mole, do úmido etc.

Yang – É o princípio do luminoso, do dia em que se pode agir e trabalhar, do ativo, do positivo, do forte, do alto, do duro, do seco etc.

Da união e complementaridade do Yin e do Yang advém o T'chi (Energia vital) que engendra todas as coisas, Lao-Tseu

1. Todas as coisas são diferentes manifestações da unidade infinita;
2. Nada é estático: tudo se transforma;
3. Todos os antagonismos são complementares;
4. Não existem duas coisas absolutamente iguais;
5. Tudo possui frente e verso;
6. Quanto maior a frente maior o verso;
7. Tudo que tem início tem fim.

Ying-Yang: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Al-Yin w' Al-Wang (غنايلاو ونييالا). Princípio dialético da filosofia chinesa, de certa maneira próximo ao nosso entendimento de mundo, já que nós, ocidentais, dividimos as potências em polos opostos: bem e mal, guerra e paz, vida e morte, masculino e feminino. Na filosofia árabe de base islâmica não existe de fato essa divisão, sendo ela mero fruto da confusão e imprecisão das línguas humanas. No universo tudo é Um e tudo responde ao Um.

Tradução e noções etimológicas do Latim

Do chinês antigo, significa escuro-claro. Yin é a potência da noite, enquanto que Yang é a potência do dia. A ideia principal é a do equilíbrio de forças opostas que sustentam a unidade. Assim, como tudo possui sempre duas potências, tudo está, portanto, em contínua transformação. Tal como o mundo, que se transforma todo dia, tendo seus ciclos de dia e de noite.

História da grafia no tempo-espaço (Letra Y)

Persa	Catalão	Sérvio	Japonês simplificado
ی	Jo	И	イ

Ying-Yang: interpretação das crianças

“Moradores da china...” **Enzo**

“Chiva...” **Natan**

“Um símbolo...” **Noah**

“Parece uma pizza...” **Gabriel Lima**

“Mistura do Brasil com a China...” **Anne Gabrielle**

“É uma coisa estranha...” **Maria Luiza**

“É um símbolo japonês...” **Cecília**

“Mal e o bem...” **Pedro Luiz**

“É uma série japonesa que nunca acaba...” **André Luiz**

“É uma bola meteorita...” **Gabrielle Cardoso**

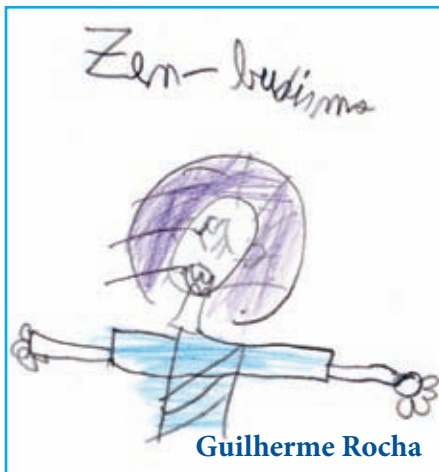
“Coisa que os humanos têm na alma...” **Heitor**

“É uma espécie de filtro dos sonhos...” **Amaryllis**

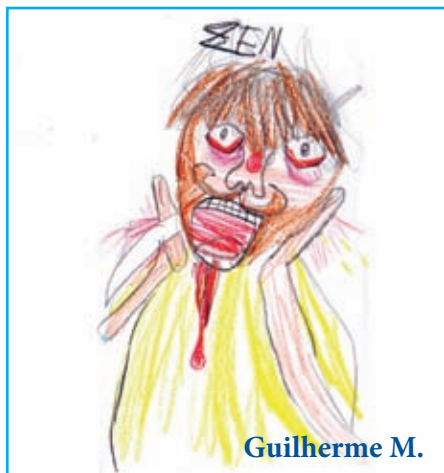
“É tipo um ímã de geladeira...” **Gabriel Sanson**



Gabriela



Guilherme Rocha



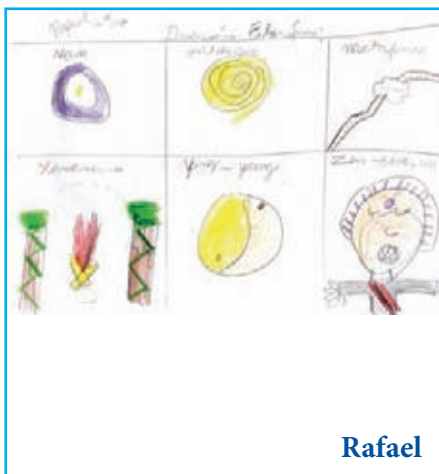
Guilherme M.



Luiza



Maria Flor



Rafael

ZEN-BUDISMO.....Z, z.

Panorama geral

Filosofia da ação integral com o fazer da vida. Causa efeitos e consequências. Assim somos responsáveis pelas nossas escolhas. O Zen-budismo é uma corrente chinesa com princípios filosóficos específicos e que tem como base da prática a meditação sentada, chamada Zazen. Essa corrente considera que, por meio da meditação, o indivíduo consegue viver uma experiência plena e abstrair certos pensamentos, voltando-se para si. Para os zens-budistas, não há almas nem espíritos presentes para nos ajudar, tudo é causa e consequência e a nossa vida é o resultado das ações do nosso “eu”. O Zen é um método prático de realização da natureza de Buda. Isso significa dizer que é uma atitude de vida que perpassa todas nossas ações. No Zen desenvolvemos atenção plena mediante uma disciplina de corpo e mente experiência de forma simples e direta no aqui-agora. Cabe referir que o Zen-budismo é uma tradição religiosa com princípios filosóficos próprios e que, como muitas outras tradições, possuem diversas Cerimônias e Liturgias.

Fique sabendo

*“O Zen dá preferência à instrução de mestre para discípulo, reduzindo ao mínimo o uso de escrituras e doutrinas. Ao mestre Zen cabe a tarefa de exercitar a consciência do discípulo, com a finalidade de fazê-la atingir a realidade última. A meta do arqueiro não é apenas atingir o alvo; a espada não é empunhada para derrotar o adversário: o dançarino não dança unicamente com a finalidade de executar movimentos harmoniosos. O que eles pretendem, antes de tudo, é harmonizar o consciente com o inconsciente. Para ser um autêntico arqueiro, o domínio técnico é insuficiente. É necessário transcendê-lo, de tal maneira que ele se converta numa arte sem arte, emanada do inconsciente”,
Diassetz T. Suzuki.*

Zen-budismo: Variações culturais

Tradução e noções etimológicas do Árabe

Zin A-Budhiya (ذوبالنا). Escola religiosa que nasce do encontro entre a tradição budista mahayana e a tradição taoísta chinesa. A partir do desenvolvimento das eras passa a dizer não só de um conjunto

de práticas, dogmas e crenças religiosas, como também de uma vasta filosofia, de diversas escolas de pintura e de artes-marciais.

Tradução e noções etimológicas do Latim

O adjetivo zen é uma denominação, cujo significado não se sabe ao certo, de um tipo específico de budismo. Budismo vem de Buda, o grande fundador dessa doutrina. Vale notar que o Zen-budismo é uma vertente japonesa, e por isso sofreu grande influência do taoísmo. É também uma forma de pensamento não muito difundida entre nós ocidentais, mas com caminhos que, se explorados, podem contribuir bastante para a atividade do pensamento.

História da grafia no tempo-espaço (Letra Z)

Japonês simplificado	Tâmil	Bengali	Sérvio
ズイ	இசுட்	জডে	З

Zen-budismo: interpretação das crianças

“Um nome dado para crianças sossegadas...” **Natan**

“MÔOOOO Zen...” **Enzo**

“Foi o objetivo de buda...” **Noah**

“Eu acho que seja pra dançar...” **Gabriel Lima**

“Forma de concentração...” **Anne Gabriele**

“Silêncio que grita...” **Maria Luiza**

“Data que se comemora o nascimento de buda...” **Cecília**

“O golpe fatal do poder do super buda contra os bandidos...” **Pedro Luiz**

“Nome de um arco-íris onde moram os budas...” **André Luiz**

“Sem cidade, sem chão e só a mente...” **Gabrielle Cardoso**

“Uma forma de educação...” **Heitor**

“Pausa eterna...” **Amaryllis**

“Religião sem deus...” **Gabriel Sanson**

Notas de observações do tradutor em Yorubá

1 – as letras /E/, /O/ e /S/ em algumas palavras foram sublinhadas para designar seus sons. As vogais sublinhadas têm som aberto como em t/e/rra, /ó/culos, hist/ó/ria e esp/é/cie. O /s/ sublinhado tem som de /x/ como em chá e cachaça. Assim, a palavra okàn pronuncia-se ókán (com o /o/ aberto) e a palavra Òsó é pronunciada óxó.

2 – As marcas sobre as letras não são acentos no sentido da língua portuguesa. São sinais diacríticos que marcam o tom da sílaba. Existem três tons principais: alto (gbá), médio (gba) e baixo (gbà). Cada tom dá à palavra um significado. Exemplo: gbá = varrer; gba = necessitar e gbà = receber.

ERRATA

No Dicionário Transdisciplinar Filosófico, as palavras em árabe saíram com os seus caracteres invertidos e sem ligação devido a problemas na configuração de idiomas do programa que editou os originais. Seguem, abaixo, os verbetes com sua grafia correta:

Alma نفس	Liberdade حرية
Belo جمال	Metafísica ما وراء طبيعة
camelo جمل	Nada صفر
Corpo جسم / جسد	Ontologia علم الوجود
Dialética جدلية	Política سياسة
Ética أخلاقية	Questão مشكلة
Filosofia فلسفة	Razão نسبة
Hikma حكمة	Sociedade مجتمع
علم الكلام, كلام Kalām	Totalidade كمال
Guerra حرب	Universo عالم
Humanismo إنسانية	Virtude مروءة
Indivíduo فرد	Xamanismo شامانية
Justiça عدالة	Yin-Yang اليين واليانغ
Kantismo كانطية	Zen-budismo زن البوذية

.....

TRAVESSIAS DO PENSAR

.....

REGISTRO FOTOGRÁFICO
DA AÇÃO DO PENSAR

História da Escrita

Imprensa a todo vapor

Até o final do século XVIII a tecnologia da imprensa se expandiu e se aperfeiçoou em ritmo lento, com grande melhoria no desenho e produção dos tipos, confecção dos livros de menor formato (mais baratos) e difusão da tipografia por todo o mundo nos mais diversos alfabetos.

Foto: bndigital.bn.gov.br



Nº 1 da Gazeta do Rio de Janeiro de sábado, 10 de setembro de 1808.

Os jornais impressos surgem nesse período. O primeiro jornal semanal é o *Nieuwe Tijdinghen*, de 1605, em Antuérpia, Bélgica. O primeiro diário surge em 1650 na cidade alemã de Leipzig: o *Einkommende Zeitungen* (Notícias Recebidas). O jornal mais antigo do mundo ainda em circulação é o sueco *Post-och Inrikes Tidningar*, que teve início em 1645 (mas desde 2007 somente na internet).

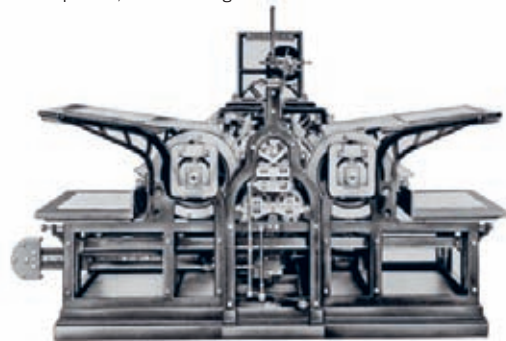
Em português, o primeiro jornal é fundado em 1641: *A Gazeta da Restauração*, de Lisboa. Este meio de comunicação demora a chegar ao Brasil, pois os portugueses proíbem as tipografias na colônia e impõem censura. Só em 1808 surge o *Correio Braziliense*, editado e impresso em Londres pelo exilado Hipólito da Costa; e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicação oficial editada pela Imprensa Régia.

Em 1783 uma prensa manual podia imprimir 300 folhas por dia. Por volta de 1780 **François-Ambroise Didot**, tipógrafo francês criador do sistema de medidas gráficas padronizadas usado até hoje na Europa, construiu uma prensa de um só movimento, substituiu a madeira por ferro, mármore e cobre, tornando a impressão bastante mais rápida.

Em 1811 o alemão **Friederich G. König** inventa a impressão a vapor com mecanismo plano-cilíndrico. Já em 1814 uma de suas máquinas vai imprimir em Londres o jornal *The Times* à velocidade de 1.100 exemplares por hora! Três anos depois, Koenig fundou na Alemanha, com seu parceiro Andreas Bauer, uma fábrica de sistemas de impressão que ainda hoje é uma das maiores do mundo, *Koenig & Bauer Aktiengesellschaft* (KBA).

O ritmo das inovações trazidas pela Revolução Industrial passa a exigir mão de obra qualificada, o que leva os países mais desenvolvidos

Dominio público, wikimedia.org



A "Zylinderdruckmaschine" que imprime o jornal diário *The Times* a partir do dia 29 de Novembro de 1814.

a criar os sistemas públicos de educação para alfabetização em massa. A Grã-Bretanha cria em 1833 subsídios para educação e, em 1885, estabelece educação pública e gratuita. Na década de 1850 cerca de 50% dos britânicos sabem assinar seu nome na certidão de casamento, em 1910, este número passa de 97%.

Foto: Kosmopolitat, wikimedia.org



Máquina de escrever (1876).

Domínio público, wikimedia.org



Linotipos preparam linhas de metal quente para as páginas do *Dail Mail* nos tempos da II Guerra. Londres, 1944.

pedra calcária, com possibilidade de reproduzir trabalhos mais artísticos e coloridos, um grande passo para a impressão comercial, que será usado ao longo do século XIX para fazer cartazes, embalagens e rótulos. Grandes artistas trabalharam criando peças publicitárias com esta técnica, como **Toulouse-Lautrec** e **Alphonse Mucha**. É esse processo que vai dar origem à impressão offset, o sistema mais utilizado para impressões comerciais na atualidade. (O Editor)

O mercado para leituras só aumenta. Em 1847 o jornal francês *La Presse* instala impressoras que fazem 60 mil jornais por hora. E temos uma revolução nos meios de comunicação: a fotografia surge em 1826, em 1835 **Samuel Morse** inventa o telégrafo e o código binário de comunicação que leva seu nome, com pontos e traços capazes de transmitir qualquer mensagem a longa distância. Em 1876 **Graham Bell** patenteou o telefone.

Outro gargalo na produção de impressos é a escrita manual e composição de textos com tipos móveis também à mão. Em 1876 é inventada a máquina de escrever e em 1886 a linotipo, máquina que compõe linhas para impressão 8 a 10 vezes mais rapidamente que a composição manual. Esta dupla vai fazer a maioria dos textos por um século, só sendo superada pelo surgimento da fotocomposição e pelos processadores de texto.

A litografia foi inventada em Munique no ano de 1796 pelo checo **Alois Senefelder**. É um processo químico de impressão com matriz de

Art Renewal Center Museum, wikimedia.org



Cartaz publicitário em litografia, de **Alfons Maria Mucha** para *Biscuits Lefèvre-Utile* (1897).



*Oficina de Filosofia: Ginástica do pensar – 1º ano e Pré II / Sala de aula – Junho 2017.
Arquivo: Agenda virtual / Prof. Wallace Lopes. Local: Colégio Divina Providência / RJ.*



*Estudante Lucas de 4 anos
do Pré I / Sala de aula –
Agosto de 2017.*



Oficina de Filosofia: Ginástica do pensar – 1º ano e Pré II / Sala de aula – Junho 2017.



Oficina de Filosofia: Ginástica do pensar – 1º ano e Pré II / Sala de aula – Abril 2018.



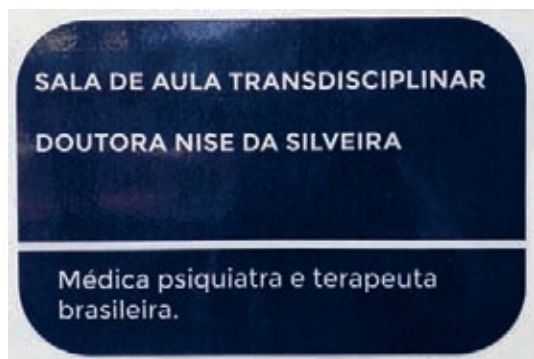
Oficina de Filosofia: Ginástica do pensar – Turma : Integral – / Sala de aula – Maio 2018.

Oficina de Filosofia: Ginástica do pensar – 1º ano e Pré II / Sala de aula – Abril 2018.





Festa de inauguração da sala externa transdisciplinar Doutora Nise da Silveira – com os estudantes do Fundamental 1º / Sala de aula – Abril 2018.



Placa de inauguração da sala externa transdisciplinar Doutora Nise da Silveira / Sala de aula – Abril 2018.



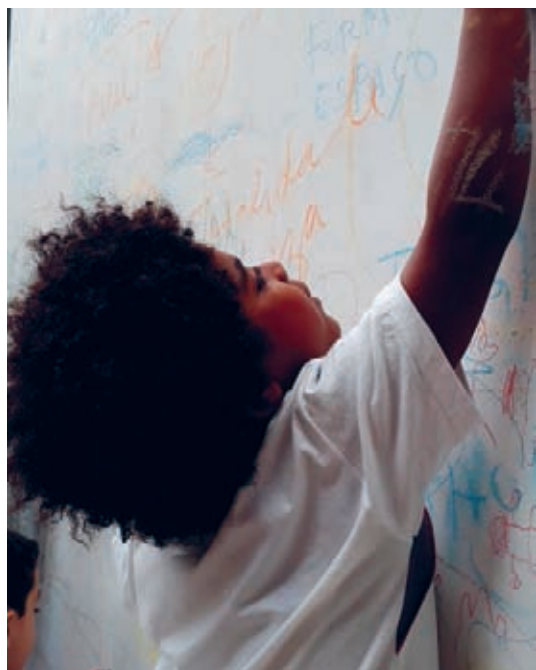
*Sala externa transdisciplinar Doutora Nise da Silveira – 3º ano /
Sala de aula – Abril 2018.*

*Estudante Noel de 9 anos
encantado pelas ideias
– 3º ano / Sala de aula –
Abril 2018.*





Estudantes (Pedro e Guilherme) do Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental: Teatro das ideias / Sala de aula – Julho 2018.



*Estudantes (Théo) do 1º Ano do Ensino Fundamenta I:
Registro das ideias / Sala de aula
– Julho 2018.*



Mural das ideias realizado pelos estudantes do Pré II, 1º Ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio: Registro das ideias / Sala de aula ao ar livre – Julho 2018.



Estudantes do Pré II e 1º Ano do Ensino Fundamental: Registro das ideias / Sala de aula – Julho 2018.

.....



PEQUENOS FILÓSOFOS

Nome dos estudantes autores



.....

Pré II do Ensino Fundamental I – 4 e 5 anos de idade

Ana Beatriz Alves de Melo Queiroz
João Marcos de Oliveira Chagas
Julia Gomes dos Santos
Júlia Rodrigues Lima Vasconcellos
Lara Rizzon dos Santos Nuss
Lucas da Costa Francisco
Marcela Sant'Anna Teixeira
Tito de Figueiredo Loureiro
Vitoria Araújo Candido

1º Ano do Ensino Fundamental I – 6, 7 e 8 anos de idade

Alice Ramos Santos
Bernardo Barcellos de Paula da Rocha
Bernardo Domiciano Ferreira
Camila Giordano Borges Milagres Pereira
Davi Gomes dos Santos
Guilherme Aquino Paes de Barros
Jade Reis Lamas
José Batista de Macedo Filho
Julie Mello Martins
Leandro Fernandes de Araújo
Manuella Souza Quitério
Maria Clara Gonçalves da Rocha
Maria Rosa Coral Brito Salgado da Veiga
Nilton Henrique de Oliveira Chagas
Noan Rivoli Prado Denoni
Paola Zilli Rossi
Pedro Augusto Rego do Carmo
Pedro Paulo de Oliveira Chagas
Théo dos Santos Souza
Zeus Genn Soares Bezerra

2º Ano do Ensino Fundamental I – 7 e 8 anos de idade

Guilherme Machado Piereck de Sá
Guilherme Rosa da Rocha
Maria Flor Botelho Guerreiro Faria de Lima Castro
Rafael Henriques Ferreira

3 Ano do Ensino Fundamental I – 8 90an os de idade

Alfredo Alves Esteves Neto
Henrique Fernandes Neto
Jose Arthur Guimarães Rodrigues de Mesquita
Noel Vito Batista De Souza

4 Ano do Ensino Fundamental I – 9 11an os de idade

Amaryllis Haensel Ramos
André Luiz Ferreira Nascimento
Anne Gabrielle da Silva Pinheiro
Cecília Gonçalves Prestes
Gabriel de Lima Vasconcelos
Gabriel Silva Fernandes Sanson
Gabrielle Cardoso Gomes
Heitor Olivieri Bressane Encarnação
João Pedro Targa Ferreira
Luca Berrêdo Mundstein
Luca Level Leal
Maitê Rodrigues Pinheiro Martins
Maria Luiza Miranda Domiciano
Natan de Figueiredo Loureiro
Noah Masuet Furtado Traumann
Pedro Luiz de Araujo Bueno Bandeira Nascimento
Vince Sebes
Enzo Nascimento Dias Ferreira
Maria Menina Coral Brito Salgado da Veiga

5 Ano do Ensino Fundamental I – 11e 12an os de idade

Arthur de Oliveira Loth
Ivan Henrique Assunção Barbosa

História da Escrita

Rumo à inteligência artificial

No início do século XX surgem as técnicas de impressão que vão destronar a tipografia: a impressão offset e a rotogravura. Offset é a litografia numa chapa de alumínio com o acréscimo de um cilindro de borracha intermediário, que permite mais controle na transferência da tinta para diversos tipos de papel. É uma técnica muito flexível, sendo usada de pequenas impressoras a rotativas enormes que imprimem um jornal colorido inteiro de uma vez.

Já a rotogravura vem da gravura em metal, com um cilindro de cobre de alto custo como matriz, com alta qualidade de impressão e serve melhor para grandes tiragens, de 100 mil cópias a milhões de exemplares. É usada nas revistas da Editora Abril, por exemplo.

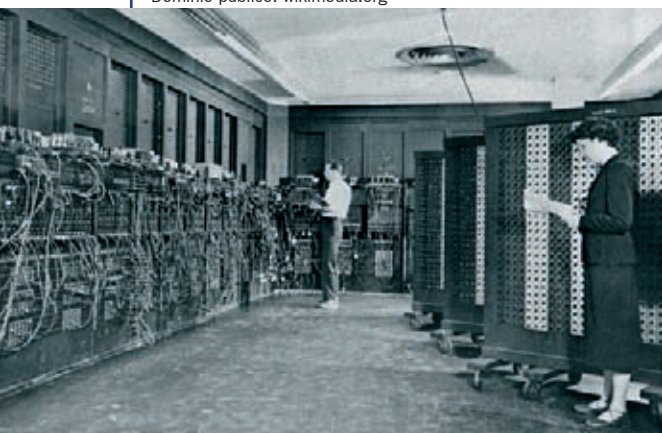
Em 1959 foi lançada a primeira copiadora eletrostática, o modelo 914 da Xerox.

Domínio público. wikimedia.org

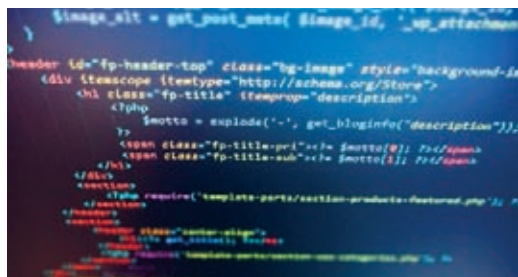
Foto: divulgação



Impressora offset rotativa
KBA Commander.



ENIAC, computador desenvolvido pelo Exército dos Estados Unidos na Filadélfia. A programação é feita por conexões com fios. Abaixo uma tela com exemplo de linguagem de programação atual



A nova técnica de impressão é a usada atualmente pelas impressoras laser. Na mesma época surgiram as primeiras impressoras matriciais, os formulários contínuos, e as impressoras a jato de tinta.

Os meios de comunicação se multiplicaram: o cinema e o rádio aparecem do fim do século XIX e na década de 1930 começam as experiências com a televisão. Com esses novos meios, em alguns momentos parece que a escrita pode perder o seu lugar como a memória dos homens, mas na segunda metade do século XX o computador revoluciona a sociedade com um impacto tão forte quanto o de Gutenberg.

Com os computadores surgem as linguagens de programação para que o cérebro analógico dos humanos controlem os cérebros eletrônicos das máquinas. Assem-

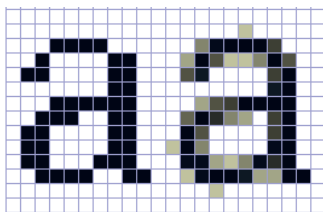
bly, Basic, Cobol, C++, HTML: são línguas de diversos níveis, lógicas e analíticas, com codificações complexas e, em último grau, sempre binárias.

Em menos de 40 anos o computador passa de um segredo militar da Segunda Guerra à presença obrigatória nas empresas, vitrines de lojas e casas das famílias. A Internet, também criada inicialmente com fins militares, conecta hoje mais da metade da humanidade, em PCs e celulares. Novas linguagens surgem, redes sociais se multiplicam e a cultura da escrita permanece forte e em mudança.

Foto: Grm wnr, wikimedia.org



O Macintosh 128K de 1984 foi o primeiro computador pessoal com interface gráfica, o que permitiu os primeiros programas de editoração eletrônica e também tratamento de vídeo, imagem e som.



mas. Sites com Google e Wikipédia localizam e organizam as palavras e o conhecimento, cada vez mais com um espírito de colaboração universal. E iniciativas como Projeto Gutenberg (www.gutenberg.org) e seus parceiros disponibilizam mais de 100 mil livros online em diversas línguas. (O Editor)

A Biblioteca de Babel na palma da mão: em 2017 o mundo atingiu 5 bilhões de usuários de celulares, segundo a GSMA, e o Brasil superou a marca de um smartphone por habitante, diz pesquisa da FGV.

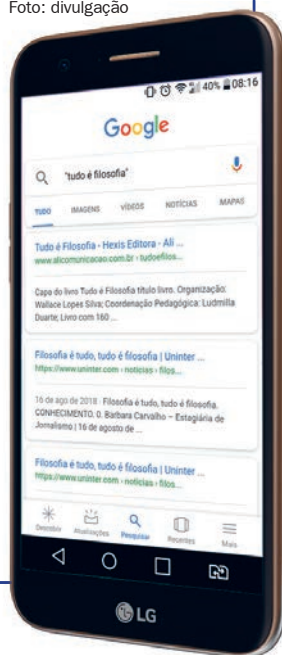
Com os computadores pessoais surgem os processadores de texto e a editoração eletrônica na década de 1980. Uma única pessoa pode escrever e preparar todas as etapas de uma publicação em sua casa, e até imprimir uma prova ou pequena tiragem numa impressora laser ou jato de tinta!

Também surgem os livros digitais. Será o fim do livro impresso? Passados 30 anos, ainda não. Os e-reads e tablets não tomaram lugar dos livros de papel e os smartphones cada vez mais presentes não são a melhor opção para uma leitura mais demorada. Em 2017 a participação dos livros digitais era de cerca de 15% no mercado norte-americano e de menos de 7% no Brasil.

Já a impressão por demanda está cada vez mais presente, com soluções para imprimir pequenas tiragens e até máquins que imprimem a capa, o miolo e fazem o acabamento de um único exemplar enquanto o cliente toma um café.

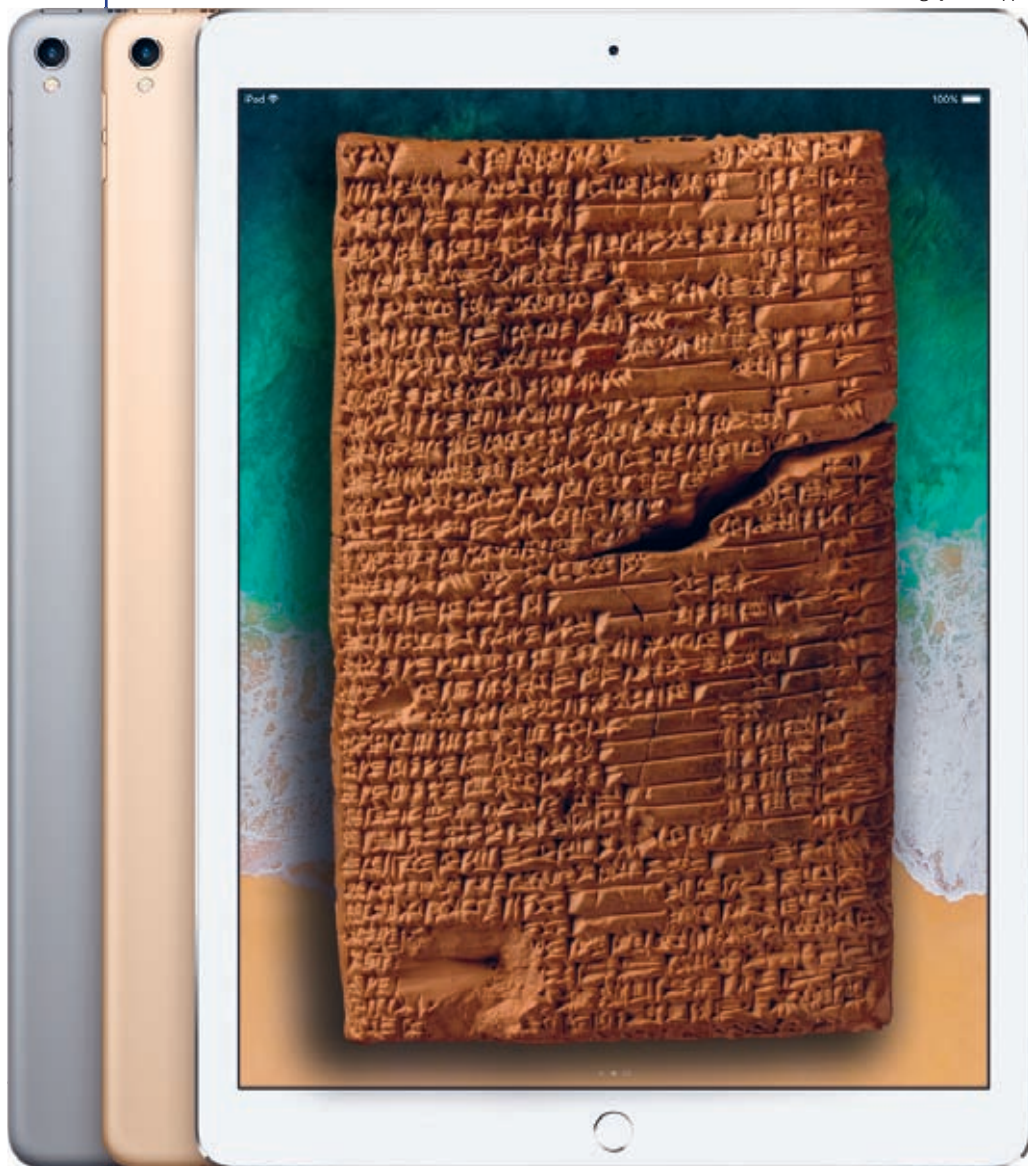
A grande revolução se dá com a difusão da escrita, em todas as suas línguas e alfabetos, pela rede mundial da Internet. O leitor de hoje pode acessar os mais diversos conteúdos, bibliotecas inteiras e bases de dados diversas, com a opção de tradução automática dos idiomas.

Foto: divulgação



História da Escrita

Arte com foto do Museu Britânico sobre foto de divulgação da Apple



Passado, presente e futuro: menos de 4 mil anos separam o tablet da antiga Babilônia com a escrita cuneiforme em Súmerio da coleção do Museu Britânico do moderno iPad Pro da Apple. E muito caminho a escrita tem à sua frente.

.....

Trajetória dos Professores da Equipe de Pesquisa

.....

PROFESSOR WALLACE LOPES SILVA

ESPAÇÓLOGO. Intelectual preto e favelado. Professor de Filosofia e História. É Doutorando pelo Instituto de Política e Planejamento Urbano Regional – IPPUR/UFRJ, realizou estágio de Doutorado Sanduíche em Ciência da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dep. Letras e Literatura/UFRJ) e em Música pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da UFRJ. Mestre em Relações Etnicorraciais pelo Programa de Pós-Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (PPRER/CEFET-RJ). Formado nas áreas de Filosofia (Bacharel) e Filosofia (Licenciatura) pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH/UERJ) e História pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ) com Aperfeiçoamento em Ensino de História (IFCS/UFRJ), Educação e Relações Raciais (PENESB/UFF) e Cinema etnográfico (COC/FIOCRUZ). Possui Especialização nível lato sensu nas áreas de História e Cultura Afrodescendente pelo Departamento de História e Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-(PUC-Rio); Política e Planejamento Urbano pelo Instituto de Política e Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ), Educação e Relações Etnicorraciais (CEFET-RJ), Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ) e Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo pelo Departamento de Letras da (PUC-RIO). É organizador e autor do livro SAMBO LOGO PENSO: AFROPECTIVAS FILOSÓFICAS PARA PENSAR O SAMBA, premiado e publicado pela Biblioteca Nacional e Hexis Editora, referente ao edital de autores negros da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e do Ministério da Cultura (2013/2014) e do livro: TUDO É FILOSOFIA – Fragmentos filosóficos escritos por crianças (Hexis Editora, 2017). Professor pesquisador que integra os grupos de pesquisa credenciados pelo CNPq, Poder simbólico no espaço (LAB/ESPAÇO-IPPUR/UFRJ), Afrosin (Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias/Instituto Multidisciplinar da UFRRJ), Racismo e Sociedade (Reflexões teórico-críticas sobre o fenômeno racial no Ocidente) do Colégio Federal Pedro II (CPII) e do Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia – LLPEFIL/UERJ.

PROFESSORA MARISOL AUGUSTO SEABRA

É médica, arteterapeuta e analista Junguiana em formação pelo Instituto Junguiano do Rio de Janeiro – IJRJ. Atualmente, trabalha com psicoterapia junguiana em Botafogo (atendimentos individuais e com hora marcada); é professora de arteterapia desde 2015. Estuda autismo, sendo esse um de seus principais campos de interesse,

tendo defendido o trabalho Revisão Bibliográfica do Autismo na Psicologia Analítica em 2016, sob a orientação do Professor Alexandre Schmitt, e, em virtude dessa defesa, recebeu o título de Especialista em Psicologia Junguiana.

PROFESSORA LUDMILA DUARTE

Graduada em Pedagogia, pela UERJ-FFP, com especialização em magistério das séries iniciais. Pós-graduada em Gestão Educacional e Psicopedagogia, pela AEDB RJ Resende. Cursos livres nas áreas: Legislação Educacional-UBMRJ, EJA SESI, Orientação vocacional-EPSIBA. Durante a graduação realizou monitoria na área de alfabetização de Jovens e Adultos. Participou do evento de extensão com apresentação de trabalhos, UERJ SEM MUROS. Atualmente, faz Pós-Especialização em EAD, pela UFF CEAD. Atua na coordenação pedagógica do colégio Divina Providência-RJ. Atuou como Pedagoga do SESI-RJ em projetos de elevação de escolaridade para trabalhadores da construção civil. Coordenou escola de ensino médio na cidade de Itaboraí – RJ. GAP – Colégio Aprovação. Faz tutoria de curso de pós (especialização) pela UFF, em Gestão da Saúde Pública. Já realizou tutoria pelo CEDERJ em curso de graduação, licenciaturas, pela UFRRJ. Lecionou em cursos de capacitação pedagógica para professores da rede pública municipal e estadual na cidade de Resende RJ, pelo SENAC. E também em capacitação para formadores da educação profissional. Em sala de aula, atuou como docente em oficinas de desenvolvimento para o mercado de trabalho; cursos de secretariado escolar, educação infantil e ensino fundamental e EJA. Coordenou curso de secretário escolar, SENAC Resende. Atua na área de Educação há 15 anos, em diferentes frentes e com um olhar de transversalidade para os processos educativos tão necessários para a humanização do SER Humano.

PROFESSOR ANTÔNIO JARDIM

Torcedor apaixonado do Fluminense F. C. Antônio Jardim é compositor, arranjador, violonista e musicólogo. Possui graduação em Composição Musical pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981), graduação em Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Música – Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (1995), graduação em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (1990), mestrado em Música – Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (1988) e doutorado em Letras (Poética) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Atualmente é professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem expe-

riência na área de Artes, com ênfase em Composição Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: música, poética, filosofia, poesia e canção.

PROFESSOR RENATO NOGUERA

É Professor Adjunto de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade (DES), do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro), e, do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia (Práxis Filosófica) da UFRRJ, Nogueira coordena o Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (Afrosin). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Nogueira está envolvido com três projetos de pesquisa: 1ª) Filosofando com sotaques africanos e indígenas; 2ª) Educação, Arte, Infância e Relações Étnico-raciais: a literatura infantil a partir dos afro-rizomas e do perspectivismo ameríndio; 3ª) “Modernidade” na perspectiva da Crítica da Razão Negra. Nogueira trabalha com dois projetos de extensão e também atua como docente na graduação e pós-graduação em cursos de Educação, Filosofia e História.

PROFESSORA MARIA HELENA LISBOA DA CUNHA

Possui Graduação em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura Plena) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1969), Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979) e Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984). Atualmente é Professora Titular de Filosofia Geral da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: Filósofos Pré-socráticos, Platão, Nietzsche, Jung, imanência e trágico.

PROFESSOR RICARDO CEZAR CARDOSO

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ, com mestrado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006) e graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1983). Ex-Professor Substituto pelo Departamento de Filosofia da UERJ (2007-2011). Ex-Pesquisador Assistente da Fio-Cruz (1987-1988). Tem experiência na área de

Filosofia (com ênfase em Metafísica, Filosofia da Ciência e Estética) e na área de Biologia (com ênfase em Biologia Molecular, Genética e Imunogenética). Participou de produção teatral através da Companhia Pornológica de Atores Celerados – “OS PORNÓLOGOS”, criada em 2000, como cofundador e codiretor.

PROFESSOR DIOGO SANTOS BESSA

É doutor em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Literatura Comparada, Graduação em letras Português-Literaturas e Letras Português-Árabe e Especialização em Língua Árabe. Trabalha atualmente como Professor Adjunto ministrando a disciplina Filosofia da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordena o Projeto de Extensão Educação Poética na UERJ, por meio do qual realiza uma série de eventos culturais tais como: Cineclube e Cine debates, a série de palestras: “Uma Questão?”, Grupo de estudos e cursos que visam sempre repensar a educação a partir de uma dimensão unificadora da arte, da filosofia e da formação. Paralelamente atua como artista visual realizando uma série de experimentações na pintura, no desenho, na gravura e na escultura. Já expôs em importantes centros culturais do Rio de Janeiro como a UERJ e o Centro de Artes Calouste Gulbenkian e na Sala José Cândido de Carvalho, na Fundação de Artes de Niterói. O trabalho que vem realizando através de uma extensa produção investiga as relações entre o gesto criador pictórico-gráfico-formal com a potencialidade mítica do sagrado e o sentido épico da finitude do homem.

PROFESSOR RAFAEL SILVA LEMOS

Doutorando em Literatura pela Universidade Yale (EUA). Mestre em Artes Visuais pela UNESP, com dissertação sobre as relações entre a poesia concreta e a música de vanguarda. Mestre em Música pela UFRJ, com dissertação sobre o papel da música na educação do filósofo na República de Platão. Graduado em Filosofia pela UniRio em 2014, com monografia chamada “Considerações a Platão”.

PROFESSOR LUIZ PAULO BORGES

Doutor em Educação pela UERJ. Formado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e graduado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Especialista em Relações Étnico-raciais e Educação: uma proposta de (re) construção

do imaginário social pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Também é membro do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação de Professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (GEPED/ UFRJ) e do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira/CAP-UERJ. Atualmente é Professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Médio com experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: conhecimento e cultura escolar, interculturalidade, sociologia e antropologia da educação e etnografia em educação.

PROFESSOR SANDRO LUCENA PIRES

É escultor e Artista visual. Estudou Escultura na instituição de ensino Escuela Nacional de Bellas Artes Prilidiano Pueyrredon (Argentina). Atualmente é professor de Escultura do Centro de Artes Calouste Gulbenkian (RJ).

PROFESSORA JULIANA BERNARDO

Formação Ensino Normal Magistério. Graduada em Pedagogia pela PUC-Rio e possui extensão universitária em autismo pela mesma instituição. Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ.

BIBLIOTECÁRIA VANESSA FLORARGEN

Graduação em Biblioteconomia – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Contadora de histórias negras. Especialização em Gênero, Direitos Humanos. Atualmente cursa MBA em Mídias Digitais pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ). Atua como Bibliotecária do Colégio Divina Providência-RJ.

PROFESSORA SYLVIA HELENA DE CARVALHO ARCURI

Doutora do Programa de Letras Neolatinas – Literatura Hispano-americana da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (bolsista CAPES), Mestrado em Literatura Hispano-americana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (bolsista

CNPq). Especializações em: Literatura Hispano-americana, pela UFRJ (2009); Relações Étnico-raciais e a educação pelo CEFET – RJ (2010) e Tradução/Espanhol pela Universidade Gama Filho (2004). Graduação em Letras – Português e Literatura Brasileira pela Universidade Gama Filho (1983). Atualmente Professora. Docente I – Ref. D05 – Língua Portuguesa – Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Hispano-americana, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua e literatura, visando o ENEM e o ingresso do aluno do ensino médio na universidade; estudos literários com ênfase em alegoria, estilo, linguagem, memória, cultura de massa, narração, ficção, identidade, história e especialista na literatura do autor chileno Roberto Bolaño. Atualmente, além dos estudos de cultura de massa/romance policial, faz parte do grupo de pesquisa, Afrosin (Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções) – UFRRJ, dentro da área de Estudos Culturais e Literaturas na Diáspora Negra. Coordenadora do Livro Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba, um projeto financiado pela Biblioteca Nacional. Nesse livro também escreveu o artigo intitulado: Roda de samba Mandala que encanta o samba: um território de anunciação.

PROFESSORA GIOVANNA GIFFONI

É tutora presencial das disciplinas Bases da Cultura Ocidental e Crítica Textual, do curso de Licenciatura em Letras Português-Literaturas da UFF/CEDERJ. Possui graduação em Letras Português-Literaturas (UFRJ – 2004), e em Letras Português-Árabe (UFRJ – 2008). É Mestre em Ciência da Literatura (Literatura Comparada / UFRJ – 2007) e Doutora em Ciência da Literatura (Poética / UFRJ – 2009).

ESTUDANTE GABRIEL FIGUEIREDO

Graduando em Filosofia-Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio. Estuda Filosofia Antiga, Filosofia Medieval, Filosofia Moderna e Filosofia Contemporânea. Em 2017, faz parte da equipe de organização do livro: TUDO É FILOSOFIA, publicado pela Hexis Editora.

PROFESSOR ALBERTO LUIZ ALBERTO VIEIRA

É Geógrafo formado pela UFF (Bacharel e Licenciado) e Professor dos Colégios Santo Agostinho, Cruzeiro, São Paulo e da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro (licenciado). É fundador do Laboratório de Aprofundamento em Humani-

dades (LAHum) e orientador do Núcleo de Estudos Urbanos (NEUrb) nos Colégios Santo Agostinho e Cruzeiro. Possui Pós-Graduação em Relações Internacionais (PUC-Rio) e atuação acadêmica e social nas áreas de Geografia Urbana, Ordenamento Territorial e Poder, Identidade e Resistência Social.

PADRE FRANCISCO ALFENAS

Com larga experiência em Educação e Gestão pedagógica. É Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi diretor da Faculdade Católica Dom Orione. Atualmente é Diretor do Colégio Divina Providência-RJ.

PROFESSOR AMADEU DOURADO

É Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, pós-graduado em Neurociência Pedagógica pela AVM/Candido Mendes. Atua na educação há 25 anos. Já atuou como coordenador e diretor pedagógico e atualmente exerce o cargo de gestor pedagógico do Colégio Divina Providência no Rio de Janeiro.

PROFESSOR CARLOS HENRIQUE MACHADO VELOSO

Pós-doutorando em Filosofia (UFRJ); Doutor em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva – PPGBIOS (UFRJ, FIOCRUZ, UERJ, UFF), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuando nos grupos de pesquisa: Direitos Básicos, Justiça Social e Políticas Públicas – UFRJ; Estudos de Filosofia Clássica – OUSIA-UFRJ e no Núcleo de Inclusão Social – NIS-UFRJ. Atuando no projeto de extensão Organa – línguas instrumentais para filosofia (UFRJ); Professor da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

PROFESSORA SANDRA BENITES

Doutoranda em Antropologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Antropologia pela mesma Instituição. Tem experiência de docência em escola indígena guarani, com séries iniciais entre os anos de 2004 a 2012. Entre os anos de 2010 a 2013, em Aracruz, ES, na Associação Indígena Guarani e Tupinikin – AITG, fez parte do grupo de mulheres indígenas representando sua aldeia (Aldeia Boa Esperança). Coursou a UFSC (Universidade Federal de

Santa Catarina), no Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. cuja Monografia é: FUNDAMENTO DA PESSOA GUARANI, NOSSO BEM-ESTAR FUTURO (EDUCAÇÃO TRADICIONAL): O OLHAR DISTORCIDO DA ESCOLA. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Indígena. Atualmente é Coordenadora Pedagógica de Educação Indígena, prestando assessoria à Secretaria de Educação do Município de Maricá, RJ. Presta atendimento às Aldeias Guarani Tekoa M'boy ty (São José de Imbassai) e Céu Azul (Itaipuaçu). Faz parte do Instituto dos Saberes dos Povos Originários-Aldeia Jacutinga, onde junto com um grupo de várias etnias faz palestras e trabalhos com alunos de vários níveis da educação básica. É Pesquisadora bolsista desde 2010 – 2015 pelo, OEEI (Observatório da Educação Escolar Indígena), cuja área de atuação têm sido o processo de ensino-aprendizagem da criança guarani nas escolas diferenciadas e na comunidade Guarani sob a orientação do Prof. José Ribamar Bessa e Profa. Ana Rabelo Gomes. Desde 2010 faz parte como pesquisadora da UFMG/FAE (Universidade Federal de Minas Gerais / Faculdade de Educação), palestras para os graduandos indígenas do Curso de Licenciatura Intercultural, expondo seu trabalho de pesquisa com parceria na UNIRIO.

PROFESSOR MARCUS VINICIUS CAETANO DE FREITAS

É Mestrando em Letras Clássicas pela UFRJ. Formado em Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literatura antiga e língua portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia, filosofia antiga e história da língua.

PROFESSOR JÚLIO PAREDE

Pai do menino Tom. Poeta, músico e escritor. É Graduado em Música – Licenciatura pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente é professor de Música do Colégio Paranapuã – Ilha do Governador.

PROFESSOR JOÃO VITOR PESTANA BENTES LOPES

Mestrado em Filosofia e Ensino pelo CEFET-RJ e possui graduação, com diploma Cum Laude, em Letras, Português-Literaturas, pela UFRJ (2012). Foi bolsista da FAPERJ por dois anos, de agosto de 2010 a julho de 2012, com projeto de pesquisa relacionado à literatura e à filosofia. Cursa Artes Visuais na UERJ e foi bolsista

do DEPEXT – Departamento de Extensão da UERJ, de abril de 2015 a fevereiro de 2017, com pesquisa vinculada à Faculdade de Educação da mesma Instituição. Publicou o livro de sonetos *Pálida Ruína* (2012) e teve poemas publicados na antologia *Sono em Nanquim* (2012) e na revista *Mosaicos* (2013). É membro do corpo editorial da editora *musAbsurda*.

PROFESSOR HOMERO FRAGA BANDEIRA

É bacharel em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atualmente, presta assessoria técnica ao PEIND-UERJ (Programa de Estudos Indianos); é professor particular de Filosofia da Ciência desde junho de 2005. Publicou um artigo na Revista *Devir*, em 2006, cujo título é: *Considerações acerca do Tratado da Lei, Texto Incluso na Summa Teológica de Santo Tomás de Aquino*. Publicou dois artigos na Revista *Litteris* cujos títulos são: *O Escândalo do “Prazer Racional” na Crítica da Razão Prática de Immanuel Kant* (2009) e *O Relativismo Político de Voltaire (Um Estudo sobre a Moralidade Liberal Pragmática)* (2010). Possui um livro no prelo (em acabamento da parte gráfica) chamado *Tópicos do Ensino*, que versa acerca da filosofia moral e prática, ética e doutrina e pontos de vista éticos. Atua na área de Filosofia, com ênfase em Ética e Política. Desenvolve, atualmente, estudos no sentido do entendimento da obra de Voltaire, (em específico estuda a “moralidade liberal pragmática”), em consonância com os movimentos de entendimento do modelo liberal e ao esgotamento do capitalismo, (na forma como o conhecemos), e enquanto parte de um sistema ou do Sistema – ou seja, o objetivo é buscar antecipação teórica da transigência do capitalismo atual para um modelo socialista em seus estratos societários mais altos – e o “ultra neoliberal” que deverá ser imposto à classe trabalhadora até 2050 – com a ultra flexibilização das relações de trabalho e a total retirada de garantias e direitos trabalhistas.

EDITOR ALI CELESTINO

Bacharel em Marketing pela Estácio de Sá e jornalista profissional com mais de 35 anos de atuação, tendo trabalhado na imprensa diária (*Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Comércio* e outros) e com comunicação empresarial. Trabalhou mais de 20 anos na assessoria de comunicação da FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos. Atualmente é diretor e editor da *Ali Comunicação & Marketing* – Hexis Editora, atendendo a diversas empresas, coordenando a edição de várias publicações e sites empresariais, e cuidando de todos os aspectos dos livros da editora.

.....

REFERÊNCIAS

.....

- ALVES, Dalton. **A Filosofia no Ensino Médio**. Campinas: Autores Associados, 2002, BRASIL.
- BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lucia de Carvalho Monteiro e Maria Isabel Raposo. São Paulo: DIFEL, p. 35. 1986.
- BORIN, L. C. **Ideias para a reconstrução do programa de filosofia para crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental.
- Coordenadoria-Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações gerais**. Brasília: MEC/DPE, 2004._____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer
- CNE/CEB nº 38/2006, de 7 de julho de 2006. **Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio**. Brasília:
- CNE/CEB, 2006._____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer
- CNE/CEB nº 7/2010, de 13 de julho de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: MEC/CNE, 2010.
- CALLEGARI, C. O. Ensino Fundamental de nove anos. In: SILVA, A. M. M. et al. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino**. Recife, 2006. p. 379–384. ISBN: 85–373–0095–0.
- CARTOLANO, M. T. P. **Filosofia no Ensino de 2º Grau**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. Modernização versus democracia. In **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: ed. UNESP, 2001.
- CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã: do Ensino Superior da Colônia à Era Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34,1995. v. 1 e 2.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34,1996. v. 3.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34,1997a. v. 4 e 5.

_____. **O que é a filosofia?** 2.ed. Rio de Janeiro: 34, 1997 b.

DESCARTES, René. Reglas para la dirección del espíritu. In **Obras Escogidas**. Buenos Aires: Charcas, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, São Paulo: Editora Cortez, p. 5. 1973.

HERÁCLITO de Éfeso. In **Os Filósofos Pré-Socráticos**. trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fund Calouste Gulbenkian, 1994. 2ª ed.

HORN, G. B.; MENDES, A. A. P. **Filosofia, ensino e resistência**: construindo um espaço para filosofia no currículo do ensino médio da escola pública paraense. Disponível em: <http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq4/10_filosofia_cp4.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2018.

HORN, G. B.; ARAÚJO, F. M. do B. e. “Educação pela Filosofia” e a construção do currículo no ensino fundamental: perspectivas conflitantes. **Revista Trilhas Filosóficas**, ano 2, n. 1, jan./jun. 2009.

JAPIASSU, H. **Um desafio à filosofia**: pensar-se nos dias de hoje. São Paulo: Letras e Letras, 1997.

JEAN, GEORGES. **A escrita – memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LOPES SILVA, W. **Tudo é filosofia** – Fragmentos filosóficos escritos por crianças. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2017.

LORIERI, M. A. **O ensino de filosofia na educação básica: dificuldades e perspectivas**. Guarulhos: Instituto de Filosofia Farias Brito, 2010. Disponível em: <http://www.ung.br/iffb/24_04_2010.pdf>. Acesso em: junho. 2018

- MENDES, N. M. **A filosofia no ensino fundamental na perspectiva das pesquisas discentes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- MORIN, E. **O método 2: a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- PAIM, A. **História das Ideias Filosóficas no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Convívio/INL, 1984.
- PASSAMANI, G. R.; FERREIRA, A. M. **Autonomia e pensamento reformado: a educação nos “tempos líquidos”**. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/001e4.pdf>>. Acesso em: 2 junho. 2018.
- PASSOS, Mailsa Carla (Org.); PEREIRA, R. R. (Org.). **Identidade Diversidade – práticas culturais em pesquisa**. Petrópolis: DP et alii, 2009.
- PIGOZZI, V. Celebre a autonomia do adolescente: entendendo o processo de iniciação na vida adulta. São Paulo: Ed. Gente, 2002. **186 Polyphonia**, v. 23/2, jul./dez. 2016
- PORCHEDDU, A. Zygmunt bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Tradução de Neide Luzia de Rezende, Marcello Bulgarelli. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 661–684, 2009. ISSN 0100–1574.
- REZENDE, A. Recuperação da Memória do Ensino da Filosofia no 2º Grau. In **Debates Filosóficos** no. 2. IV Simpósio Nacional da SEAF. Rio de Janeiro: SEAF, 1983.
- SANTOS, L. **Filosofia: a conquista da obrigatoriedade: aspectos legais**. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_9877/artigo_sobre_filosofia:_a_conquista_da_obrigatoriedade:_aspectos_legais>. Acesso em: 2 junho 2018.
- SECRETARIA de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação em filosofia**. Brasília/DF: MEC/SESU/CEE-FILO, 1999.
- SEVERINO, A. J. Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares. **Seminário: A filosofia no ensino médio: legislação e conteúdo programático – Parte I**. Rio Claro, SP. Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2003.
- SPERBER, G. B. (Org., 1980). **A peça radiofônica**. São Paulo: E.P.U.

STIGAR, R. A relevância da disciplina de filosofia para a emancipação do ser humano. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, v. 5, n. 11, p. 28–35, jul. 2010. ISSN–1982 6613.

TOMAZETTI, E. M. A relação dos jovens com a filosofia no ensino médio. **Revista Philósofos**, v. 12, n. 1, p. 57–78, jan./jun. 2016.

ZAREMBA, L. e BENTES, I. (Orgs., 1999). **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea 3**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, Publique

Sites acessados

Site acessados em outubro de 2018 para a elaboração dos textos da “História da Escrita”.

<http://bndigital.bn.gov.br/>

<http://tipografos.net/>

<http://www.bl.uk/manuscripts/>

<http://www.gutenberg.org/>

<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=914&sid=7>

<http://www.tecnologiagrafica.com.br/>

<http://www.typewritermuseum.org/history/why.html>

<https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>

<https://museumofprinting.org/>

<https://oglobo.globo.com/economia/numero-de-usuarios-unicos-de-celular-chega-cinco-bilhoes-no-mundo-22436866>

<https://pt.wikipedia.org/>

<https://www.dw.com/pt-br/1957-primeira-m%C3%A1quina-de-escrever-e1%C3%A9trica/a-833957>

<https://www.koenig-bauer.com/de/>

<https://www.loc.gov/collections/>



Pedro Augusto, estudante do 1º Ano do Fundamental I. Possui 7 anos de idade e sua ideia de cidade realizada na disciplina de Artes com a professora Vivilane Ferreira, em junho de 2018, ilustra a capa deste dicionário coletivo.

*Este livro foi impresso na cidade de Cotia, São Paulo,
em novembro de 2018, pela Meta Brasil,
para a Hexis Editora.*

*As tipologias utilizadas foram
Minion Pro para textos, legendas e divisórias
e Franklin Gothic Demi para títulos.*

*Miolo impresso em papel alta alvura 90 gramas.
Capa em cartão suprema 240 gramas.*

quando Zeus criança diz “Nossa mente pensa e o nosso corpo pula”, ou quando a jovem Carolina agita o seu corpo pra exprimir o que ela entende por “Corpo”. As respostas das crianças são provocações do espírito que forçam o pensamento. A criança é um efeito sofisticado, seus enunciados são destituídos de qualquer condição de Verdade, são evocações de Problemas... “A dialética esconde o que a verdade não diz”, quanto humor nesse enunciado do jovem Zeus.

O trabalho levado a cabo pelo Prof. Wallace Lopes junto aos estudantes do ensino fundamental é o exemplo de que é preciso deslocar o acento de nossas pedagogias. Nosso modelo pedagógico está calcado no modelo disciplinar da virada do Séc. XVIII para o Séc. XIX. O mundo mudou, as necessidades mudaram. Quanta estupidez em querer adequar as nossas crianças a um modelo disciplinar atávico e nauseabundo. É preciso trazer de volta às salas de aula o espírito provocativo que sempre orientou o pensamento. Essa é a lição que podemos tirar do método de trabalho desenvolvido pelo Prof. Wallace Lopes. É preciso que uma aula gere um desconforto no espírito. As provocações suscitadas pelos Sofistas, o incômodo gerado por suas aporias, orientaram a História da Filosofia desde Platão. Assim sendo, fiquemos com a provocação do jovem sofista Nilton Henrique: “A alma é o nosso cocô”.

Fiquem à vontade e se deliciem com a leitura deste livro, com suas páginas de humor cáustico próprio da inocência das crianças.

Professor Ricardo Cezar Cardoso

Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.



“

A **ALMA** é nosso espírito, aí se você morrer a nossa alma vai pro céu...

Nilton Henrique

1º Ano do Ensino Fundamental I

“

O **CORPO** é o impedimento marcado...

Lucas

Pré II

“

A **FILOSOFIA** serve pra gente aprender as coisas, pra trabalhar muito com a cabeça...

Lara

1º Ano do Ensino Fundamental I



9 788562 987250

Projeto Educacional

dp

COLÉGIO
DIVINAPROVIDÊNCIA